



ANUNNAKI

Deus, o pai, ou
aqueles que do céu vieram?



LUCAS M. KERN



ANUNNAKI

Deus, o pai, ou
aqueles que do céu vieram?



LUCAS M. KERN

Anunnaki: o termo foi popularizado por Zecharia Sitchin que o define como "aqueles que do céu vieram para a Terra"; alguns acadêmicos, como George Smith, explicam que anunnaki faz referência a um grupo de deidades superiores filhos e descendentes do todo-poderoso deus Anu, que era representado por uma estrela simples ou pela Cruz de Malta e cuja morada ficava nos céus. Anu é o pai de todos os demais deuses do panteão sumério.



Imagem de capa



Disco alado: o disco solar é uma imagem que aparece em diversas culturas no mundo todo. É uma representação de um deus do sol, do próprio deus-pai. Pode representar Anu (o deus supremo sumério), Shamash (o deus sol) e até mesmo um veículo de transporte. Abaixo do disco alado que foi destacado, na imagem original existe uma representação de uma árvore sagrada que os estudiosos apontam como a árvore da vida, cercada de espíritos protetores alados portando anéis, vasos e cones. O artefato original está depositado no Museu Britânico.

Figura sobrenatural alada: a imagem tem cabeça de águia e está originalmente voltada para a esquerda. Em uma das mãos segura um balde, e na outra um cone. A figura é claramente sobrenatural mas os especialistas sugerem que não se trata de nenhum dos deuses do panteão mesopotâmico. A figura ilustra Apkallu um dos sábios das mais distantes e longínquas mitologias primitivas. A figura enigmática é comumente associada aos anunnaki, embora sua relação seja improvável. A imagem original está arquivada no The Metropolitan Museum of Art em Nova York.

LUCAS M. KERN

ANUNNAKI

Deus, o pai, ou
aqueles que do céu vieram?

Edição do Autor



Porto Alegre
2022

Capa
Lucas M. Kern

Diagramação
Lucas M. Kern

Editoração Eletrônica
Lucas M. Kern

Projeto Editorial
Lucas M. Kern

Todos os direitos da edição estão reservados ao autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K39a Kern, Lucas Martins

Anunnaki [recurso eletrônico] : Deus, o pai, ou aqueles que do céu vieram? / Lucas Martins Kern. Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Edição do autor, 2022.

1 Recurso on-line (258 p.)

Modo de Acesso: WorldWideWeb

ISBN 978-65-00-39815-5

1. Deuses. 2. Deus. 3. Anunnaki. 4. Civilização antiga. 5. Mitologia sumeriana. 6. Sumérios. I. Título. II. Título: aqueles que do céu vieram.

CDD 23. ed. 202.11

Lucas Martins Kern CRB-10/2288

Nota: as referências foram omitidas. As normas da ABNT não foram utilizadas por não se tratar de um texto acadêmico. Os autores e títulos das obras consultadas constam no corpo do texto ou em notas de rodapé.

Um aviso necessário

Esta obra é resultado de sete anos de pesquisa, investigação, leitura e reflexão sobre o assunto. Devido à complexidade e amplitude do tema é impossível que esta obra tenha cobertura completa do assunto. Por este motivo não descarto a possibilidade de escrever uma sequência com novos estudos e aprofundamentos.

Devo dizer ainda que o assunto é extremamente delicado. Pode movimentar profundamente suas convicções, pensamentos e ideias acerca da religião, do surgimento da vida e da sociedade. Definitivamente esta obra não é indicada para quem tema refletir acerca de suas mais profundas certezas. Se você teme abalar as estruturas fundantes do seu castelo de crenças, este livro não é para você!

Por último, e não menos importante: é possível que alguns pontos, traduções e análises possam mudar com o tempo, assim como ocorre com a ciência tradicional na aplicação do método científico, que frequentemente altera pontos de vista, em face de novas descobertas, estudos e acontecimentos.

“Eu te revelarei um mistério;

eu te contarei um segredo dos deuses”

(Utnapishtim, o sábio)

Sobre o autor

Lucas Martins Kern é bibliotecário diplomado pela UFRGS, especialista em Filosofia e Autoconhecimento: uso pessoal e profissional (PUCRS) e especialista em Gestão de Pessoas: carreiras, lideranças e coaching (PUCRS).

Lucas é um pesquisador independente que desde muito cedo se interessou por filosofia, espiritualidade, simbologia, misticismo, ocultismo, esoterismo, ciência, ufologia, mitologia e astronomia. Estudou a temática anunnaki por longos anos até se dedicar a redação deste livro.

Lucas mantém o podcast e canal no YouTube Logose onde aborda temáticas filosóficas, místicas, ocultistas, mitológicas e, é claro, sobre os próprios anunnaki.

E-mail: logosepodcast@gmail.com

Instagram: [@logosepodcast](https://www.instagram.com/logosepodcast)

Canal do YouTube: [youtube.com/c/logosepodcast](https://www.youtube.com/c/logosepodcast)

Todos nós tínhamos os mesmos pais

Muitos milhões de anos atrás

Por que não podemos viver em liberdade

Sem fome, sem guerra?

No começo todos nós tínhamos

Uma mãe e um pai...

É daí que descendemos!

Eu não entendo por que tanto ódio entre raças e religiões

É louco, insano! Eu não entendo!

Por que tem que ser assim?

Todos nós tínhamos os mesmos pais

Muitos milhões de anos atrás

(Michael Cretu, The Same Parents, Enigma)

Dedico este livro

À família primeira,
berço da minha educação e desenvolvimento,
onde aprendi a ser como sou.

Sem vocês
eu simplesmente não seria... Obrigado por tudo!

À minha amada esposa Andressa que sempre me motivou
a expor minhas ideias ao mundo. Obrigado por sempre estar
ao meu lado e pelo apoio e generosidade que
só o teu coração sabe ter...

Ao meu filho João Lucas que por tantas vezes me perguntou sobre este livro.
Obrigado por me mostrar que não existe amor maior no mundo.

Quando aprender a ler e quiser encontrar quem é o pai que se revela no mais
íntimo e profundo,

procura nos livros.

E sangue do meu sangue que és, conhecerás minh'alma..

.

Sumário

Introdução

CAPÍTULO 1 - Deus: o Pai

Senhor: tende piedade de nós

Deus: o supremo antropomorfo

CAPÍTULO 2 - O Começo dos Tempos

A história começa na Suméria

CAPÍTULO 3 - Olhando para o Céu

A Biblioteca de Nínive

A primeira vez que nossos olhos se voltaram ao céu

Enuma Elish: parte 1

O começo dos tempos

Enuma Elish: parte 2

Epopeia de Atrahasis: o motim e a criação

Enki e Ninmah

A criação: imagem e semelhança

O Grande Dilúvio

Condenação e salvação divina

Discussão entre o trigo e a ovelha

Caim e Abel

Éden: o Jardim dos Deuses

Os deuses estão sempre acima, e no mais alto possível

Hamurabi: o excelso príncipe do poder e da ordem

Leis e organização social: a escolha e o pronunciamento

O submundo, o rebaixamento da consciência, e a ligação com o Alto: uma nova visão

CAPÍTULO 4 - Anunnaki: aqueles que vieram do céu

Anunnaki: os que do céu à Terra vieram

A teoria de Sitchin: Nibiru, os Anunnaki, a criação dos homens e a civilização humana

Zecharia Sitchin, a Teoria do Astronauta Antigo e o impasse religioso

CAPÍTULO 5 - O patriarcado e as implicações do deus-uno em relação à crença politeísta

O primeiro é o pai; o segundo é a mãe... e o terceiro: é o filho!

A demonização do sagrado feminino e do culto à Deusa

A libertação do feminino: uma necessidade urgente

CAPÍTULO 6 - A mitologia, a psique, os profetas e a religião

Dos deuses mitológicos aos arquétipos do inconsciente

Nibiru, a morada dos deuses e o contato com a humanidade

A jornada

CAPÍTULO 7 - Ode aos Deuses

Hare Hare

Introdução

A maioria de nós conhece Deus e a religião por meio de nossos pais, educadores ou cultura onde estamos inseridos. Até mesmo ateus são apresentados a Deus e possuem alguma ideia ou conceito dEle, uma vez que para negá-lo, devem defini-lo, primeiramente. Poucos são, entretanto, aqueles que buscam compreender melhor quem é este Deus e quais ações ele apoiou, aprovou ou desaprovou ao longo da história da humanidade. Normalmente permitimos que uma ou outra autoridade religiosa ou familiar defina as características do “nosso Deus” e, então, simplesmente seguimo-la, sem questionar, refletir ou pesquisar a respeito.

Inserido na sociedade brasileira, país de maioria cristã, o Deus com quem tive contato não foi Allah, tampouco me acostumei aos ideais budistas em que não há adoração a um Deus especificamente; não conheci o hinduísmo como cultura, nem sou de família de tradição judaica. Por este motivo o conceito de Deus a que fui submetido desde pequeno a dirigir minhas preces foi Yahweh, Yhwa, Javé, Jeová, Deus, ou simplesmente Senhor, como consta na maior parte das traduções da Bíblia cristã. Por este motivo, o ponto de partida desta obra é o estudo de tal divindade.

Esta entidade presente no sinal da cruz no “em nome do Pai”, a quem supostamente Jesus teria clamado do alto do calvário “Perdoai, pois eles não sabem o que fazem”, é a deidade mais venerada em toda a humanidade. Teria sido responsável pela criação das estrelas do firmamento, dos céus e da Terra, do dia e da noite, das planícies e campos, dos animais e, por fim, do homem, segundo sua imagem e semelhança. Sob o signo de Elohim, Deus teria pronunciado “Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança” (Bíblia, Gênesis 1:26), colocando sua criação no Jardim do Éden, o paraíso.

No Éden onde se encontravam apenas dois seres humanos, uma orientação fora dada: Adão e Eva não deveriam comer do fruto proibido que lhes daria o conhecimento do bem e do mal. A quebra de tal orientação deixou a deidade fora de si: “Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal”. Para que não conhecessem também a árvore da vida, onde teriam acesso à eternidade, o Senhor expulsou-lhes do Jardim do Éden condenando a mulher para que toda vida gerada em um ventre feminino fosse acompanhada de dor; ao homem, por ter atendido a oferta da mulher, a deidade igualmente condenou.

Do panteão da mais antiga das mitologias, no tempo em que os deuses habitavam a Terra junto aos homens, talvez outras interpretações possam ser encontradas. Do profano ao divino, do paganismo à adoração de um deus que se diz ser o único e não haver ninguém mais além dele, esta obra destina-se ao estudo da origem de Deus e das deidades.

Tal qual Alice no País das Maravilhas ao adentrar na Toca do Coelho, viajaremos em direção às raízes mais profundas dos primeiros contatos com o divino, onde revelações interessantes serão observadas. O leitor talvez se surpreenda com o que irá encontrar nas próximas páginas.

Há uma história escondida de todos nós que se equilibra na fina corda bamba que mantém o verniz das religiões tradicionais do nosso planeta. Para além do sensacionalismo ou do fanatismo existe uma narrativa que simplesmente não é contada no ensino das escolas... E isto não é por acaso!

Yahweh, o Deus bíblico, não é o único, como a Bíblia nos faz crer. Esta deidade, por vezes, possui características tão humanas que parece eu ou você: um deus como um de nós. Yahweh talvez tenha tido uma esposa, conhecida na região por Asherah. No episódio da criação humana há textos que precedem a Bíblia, e que mencionam outros deuses. Há relatos da ressurreição do deus Tamuz, séculos antes da ressurreição de Jesus; e o termo Éden, deriva de Edin, de onde as ovelhas e os grãos desceram do Monte Sagrado, milênios antes da redação

Bíblica.

Boa Leitura!

Permaneça no País das Maravilhas...

E eu lhe mostrarei o quão fundo a toca do coelho é...

(Morpheus, Matrix, 1999)

CAPÍTULO 1

—

Deus: o Pai

Escute minha prece, Oh Deus Todo-Poderoso, pela minha mãe. Traga-a de volta para casa.

Como um Anjo de Deus, para que ela possa encontrar Sua direção.

- Não fique tão triste, filho meu.

Nenhuma tristeza prevalecerá. (...)

Em breve trarei olhos aos cegos.

A humanidade será purificada.

Irei unir a todos.

E isto se tornará verdade

a toda humanidade

Therion, Bring Her Home

Senhor: tende piedade de nós

O nome de Deus irrompe o espaço-tempo e nos conecta com o longínquo e distante passado de um homem há mais de quatro mil anos atrás pedindo clemência em razão de um erro cometido:

“Meu deus, o dia brilha sobre a terra, mas para mim o dia é negro. O dia brilhante se tornou (?). Lágrimas, lamento, angústia e desespero estão alojados dentro de mim. O sofrimento me domina como a uma criança indefesa. Nas mãos do demônio do destino minha aparência foi alterada, meu fôlego de vida foi carregado para longe, levado. O demônio Asag, O maligno, banha-se em meu corpo.

Na amargura esmagadora do meu caminho nunca vejo um bom sonho. Mas as diárias visões desfavoráveis (?) nunca cessam para mim. A angústia me abraçou embora eu não seja esposa dele e o luto se espalhou por mim embora eu não seja aquela pequena criança. A lamentação varre a mim como se fosse o vento sul de uma tempestade. (...) Meu deus, (?) após você ter conhecido meus pecados às portas da cidade (?) visíveis e esquecidos. Eu, um jovem, declararei meus pecados diante de você. Na assembleia minhas lágrimas (?) corriam como chuva. Em tua casa pode a minha mãe suplicante chorar por mim. Que o teu santo coração tenha misericórdia e compaixão por mim, um jovem. Que o teu coração, como onda imponente, seja restauradora para mim, o homem jovem.

O deus do homem ouviu seu amargo choro. Depois de sua lamentação e gemidos prolongados seu deus o envolveu e acalmou seu coração, aceitando suas justas e santas palavras proferidas. As palavras de súplica do jovem homem, como sagrada oração, o encantaram como fino óleo. Seu deus manteve-se longe de palavras hostis. Ele... a angústia que o abraçara embora não fosse sua esposa e a angústia que o envolvia... e espalhou aos ventos a tristeza que se espalhava e o envolvia. Ele deixou a lamentação que caíra sobre ele como vento sul de tempestade se dissipar. Ele erradicou o demônio do destino que havia se alojado em seu corpo. (Texto datado aproximadamente de 2500 a.C., A man and his

God, ETCSL, t. 5.2.4, tradução própria)¹.

O mesmo nome divino reverbera nos poros da nossa pele, fazendo-nos arrepiar na súplica do poeta dos escravos Castro Alves, no século XIX:

“Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?

Em que mundo, em qu’estrela tu t’escondes

Embuçado nos céus?”. (Trecho de *“Vozes d’África”*, Castro Alves).

Encontra guarida nos monges beneditinos que supostamente teriam composto a prece aos anjos da guarda no século XI:

“Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, já que a ti me confiou a Piedade Divina, sempre me rege, guarda, governa e ilumina. Amém.” (prece de origem cristã, supostamente criada no século XI).

A piedade divina cala fundo ao coração e enche os olhos fervorosos de lágrimas. As bênçãos alcançadas ou concedidas transformam o coração do maior dos incrédulos, de uma pedra gelada em fogo ardente, como Saulo que se curvou a Jesus dizendo: “Senhor, que queres que eu faça?” (Bíblia, Atos 9:6). Aos sofredores cujas dores não foram poupadas, fronte curvada aos céus, bradam, emocionados: “por que, Senhor? Por que não me poupaste a terrível dor que me acomete? Eu que tudo fiz em Teu nome, por que tanto sofrimento não me poupaste?”

*“Senhor Deus, Pai dos que choram,
Dos tristes, dos oprimidos.
Fortaleza dos vencidos,
Consolo de toda a dor,
Embora a miséria amarga,
Dos prantos de nosso erro,
Deste mundo de desterro,
Clamamos por vosso amor!*

*Nas aflições do caminho,
Na noite mais tormentosa,
Vossa fonte generosa
É o bem que não secará...
Sois, em tudo, a luz eterna
Da alegria e da bonança
Nossa porta de esperança
Que nunca se fechará.*

*Quando tudo nos despreza
No mundo da iniquidade,*

Quando vem a tempestade

Sobre as flores da ilusão!

O! Pai, sois a luz divina,

O cântico da certeza,

Vencendo toda aspereza,

Vencendo toda aflição.

No dia de nossa morte,

No abandono ou no tormento,

Trazei-nos o esquecimento

Da sombra, da dor, do mal!...

Que nos últimos instantes,

Sintamos a luz da vida

Renovada e redimida

Na paz ditosa e imortal.”

(Prece dos Aflitos, pelo espírito Emmanuel, psicografado pelo médium Francisco C. Xavier em “Paulo E Estevão”).

Onde está e quem é Deus? Não a unidade fundamental da vida que permeia o cosmos, considerado na filosofia hermética como “o todo”, por místicos como o Cósmico, por gnósticos como o inefável ou incognoscível e por algumas ordens iniciáticas como o Grande Arquiteto do Universo. A questão diz relação a Deus, suposto criador dos céus e da Terra; quem dá ou concede a graça, quem protege e quem cura, quem liberta e quem amaldiçoa... “Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?”, nas belas palavras de Castro Alves. Quem seria esta entidade suprema com o poder de afastar os demônios? Quem poderia deter tamanho poder? Como o Senhor poderia salvar e punir?

Deus: o supremo antropomorfo

Deus, o Senhor bíblico, embora tenha criado o céu e a terra no princípio, em Gênesis 1:1, possui características extremamente humanas. O Deus antropomorfo que nos acostumamos a observar abençoando jogadores em partidas de futebol, não é fruto somente da mente humana e da necessidade da crença em algo superior. Mais do que isto a gênese da humanidade em Deus está presente nos próprios livros sagrados.

Desde os tempos mais remotos, para que fosse possível receber orientações divinas alguns emissários eram selecionados; alguns seguidores afirmaram nas escrituras ter conversado presencialmente com Deus. Era, entretanto, luxo de alguns: Deus não se revelava a todos. O Senhor tinha ciúme, raiva, ira, clemência, piedade e gostos muito excêntricos... existe nas escrituras até mesmo passagens que descrevem que um personagem bíblico (Jacó) teria até mesmo lutado com Deus.

Neste caso é possível verificar duas vertentes do antropomorfismo divino: a primeira, uma necessidade psicológica do ser humano, a necessidade por um ente divino superior que possa representar cura e salvação, para vencer o medo e o mal; a segunda, a representação do arquétipo de Deus com capacidade e hábitos humanos nas escrituras sagradas e na maioria das religiões.

A característica necessária para que se tenha um deus antropomorfo, isto é, uma divindade com características humanas, é a de que Deus possua um corpo. Embora em João 4:24 Jesus tenha afirmado que “Deus é espírito e importa que os que o adorem o adorem em espírito e verdade”, é possível observar diversas passagens bíblicas onde encontramos indicativos de que Deus possua um corpo material. Não há nenhuma passagem bíblica que indique, com absoluta certeza,

que Deus possui um corpo, embora as evidências pareçam claras.

“E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do Jardim”. (Bíblia, Gênesis 3:8).

O som é uma onda mecânica longitudinal. Por ser uma onda mecânica, o som necessita de um meio material para propagar-se. No Espaço, por exemplo, onde há vácuo, o som não se propaga. Para que a voz do Senhor se fizesse ouvir era necessária uma fonte emissora de ondas mecânicas. E não seria somente isto. Era necessário, ainda, que o som se propagasse por um meio fluido, como o ar, e atingisse o aparelho auditivo dos ouvintes. Se Adão e Eva ouviram a voz do Senhor, não era alguma voz qualquer, e sim, o som específico da vibração das cordas vocais de um corpo material. Poderia se supor que Deus se pudesse fazer ouvir sem um meio material, isto é, produzir impulsos elétricos diretamente nos cérebros de Adão e Eva. Entretanto, a voz de Deus não estaria localizada no espaço geográfico do Jardim do Éden, entre as árvores do jardim, conforme narrado. Quem se esconderia de uma voz se esta se fizesse ouvir dentro de sua própria cabeça?

Além disto, se Deus passeava no jardim, então poderia se supor que Deus teria pernas e pés para passear? Se esconder-se de Deus poderia ser efetivo, então teria o Senhor olhos materiais para perceber a presença ou ausência de sua criação?

Mais a frente, em Gênesis 3:10, Adão responde ao Senhor: “Ouvi tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me”. Esta é a confirmação de que Adão ouviu a voz do Senhor; de que Deus poderia vê-lo, porque tentou se esconder; e, principalmente, de que os olhos divinos são materiais, porque se fossem espirituais não seria possível esconder-se.

Grande parte dos estudiosos bíblicos, religiosos e teólogos afirmam que o episódio do Jardim do Éden é uma alegoria, uma metáfora. O grande paradoxo é: se considerarmos este como uma metáfora não deveríamos, também, admitir que as passagens restantes poderiam também, apresentar-se uma figura de linguagem? Neste caso, ou consideramos que tudo pode ser uma figura de linguagem, ou que tudo pode ser real, mantendo ambas com iguais possibilidades. Estariam os religiosos dispostos a admitir, neste caso, que Jesus de Nazaré, o Cristo, por exemplo, poderia ser uma metáfora?

A passagem acima narrada tem origem de dois versículos do capítulo 3 do Gênesis, nas primeiras páginas da Bíblia. Poderiam estas páginas ser as únicas para estudar as possibilidades de Deus possuir um corpo material. Mas existem outros indicativos ainda mais claros. Em Êxodo 34, no episódio em que Moisés recebe os Dez Mandamentos de Deus, está assim descrito:

“Então disse o Senhor a Moisés: Lavra duas tábuas de pedra, como as primeiras; e eu escreverei nas tábuas as mesmas palavras que estavam nas primeiras tábuas, que tu quebraste.

E prepara-te para amanhã, para que subas pela manhã ao monte Sinai, e ali põe-te diante de mim no cume do monte. E ninguém suba contigo, e também ninguém apareça em todo o monte; nem ovelhas nem bois se apascentem defronte do monte.

Então Moisés lavrou duas tábuas de pedra, como as primeiras; e levantando-se pela manhã de madrugada, subiu ao monte Sinai, como o Senhor lhe tinha ordenado; e levou as duas tábuas de pedra nas suas mãos. E o Senhor desceu numa nuvem e se pôs ali junto a ele; e ele proclamou o nome do Senhor”.
(Bíblia, Êxodo 34:1-5).

Quando Deus diz a Moisés para subir ao monte Sinai, Deus expõe um local geográfico, um ponto de encontro. De forma ainda mais surpreendente há a

narrativa de que o Senhor desceu em uma nuvem.

Precedente a tal encontro, no capítulo anterior, outro episódio igualmente impressionante ocorrera:

“E acontecia que, saindo Moisés à tenda, todo o povo se levantava, e cada um ficava em pé à porta da sua tenda; e olhava para Moisés pelas costas, até ele entrar na tenda. E sucedia que, entrando Moisés na tenda, descia a coluna de nuvem, e punha-se à porta da tenda; e o Senhor falava com Moisés.

E, vendo todo o povo a coluna de nuvem que estava à porta da tenda, todo o povo se levantava e cada um, à porta da sua tenda, adorava.

E falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer fala com o seu amigo; depois tornava-se ao arraial; mas o seu servidor, o jovem Josué, filho de Num, nunca se apartava do meio da tenda.”(Bíblia, Êxodo 33:8-11).

Mais uma vez o Senhor se apresentou junto a uma nuvem. E de forma ainda mais impressionante, Moisés conversou com Deus face a face, “como qualquer fala com o seu amigo”. Não somente, é demonstrado que Deus tinha uma face, como que ele era intimamente próximo de Moisés. A expressão que faz referência à amizade demonstra a proximidade não somente física, como psicológica. A assiduidade com que Moisés e Deus se encontravam, demonstra a existência de uma relação íntima, ou de uma preferência psicológica.

É importante ressaltar, todavia, que não é somente o Senhor que aparenta ter um corpo. Os acompanhantes de Deus, seus Anjos, também parecem possuir vestes materiais. Eles descem do Céu e interagem com os seres humanos. São fieis guardiões de Deus, o acompanham e o antecedem a algumas visitas. Em algumas oportunidades, inclusive, pode-se interpretar que teriam mantido relações

sexuais com algumas mulheres humanas.

Os tópicos expostos anteriormente são bastante polêmicos. Seria possível estudar com grande dedicação variados trechos bíblicos para um estudo pormenorizado. Além disto, é indispensável esclarecer que para todos os trechos citados existiria uma gama de explicações teológicas para afirmar e reafirmar a divindade e superioridade do deus que se revelou a Abraão. Tais argumentos, que seriam numerosos e diversos, dependendo da vertente religiosa consultada, não podem e nem devem ser desconsiderados.

Nesta obra, todavia, a intenção é convidar o leitor a observar a questão sob outro aspecto: iluminar a obscuridade revelada pelo mistério das diferentes interpretações teológicas, para que entre a alegoria, a metáfora e a hermenêutica, seja possível observar outro viés, fazendo uso das mais antigas e primitivas mitologias.

O Senhor revelou-se a Abrão alterando-lhe o nome e prometendo tornar-lhe o patriarca de muitas nações (Gênesis 17:4-6). Abraão grafou seu nome na história sacramentando a aliança divina. A maioria dos crentes, entretanto, ignora a origem e o contexto em que vivia o grande patriarca das maiores religiões do mundo: Cristianismo, Islamismo e Judaísmo.

O Escolhido divino residia na cidade de Ur, uma das cidades-estados da civilização Suméria. A cultura religiosa no período histórico era politeísta, sendo que não havia um deus único. Yahweh, entretanto, se afirmava como único Deus, não havendo nenhum outro além d'Ele, em diversas passagens bíblicas.

De que forma tais palavras atravessaram tantas eras até que pudessem estar disponíveis com extrema facilidade de acesso na palma de nossas mãos? Qual a origem das antigas escrituras? O que têm as antigas civilizações a nos ensinar? Será que ao observar o passado é possível desvendar a natureza do Criador? Como o nome de Yhwa/Yahweh percorreu as brumas do tempo e chegou até o conhecimento do mundo moderno?

Para melhor compreender os dias atuais e a cultura monoteísta onde estamos inseridos é preciso voltar nosso olhar para o berço da civilização humana. E é lá, no mais longínquo passado onde encontramos, não um deus-pai criador, mas um conjunto de deidades criadoras conhecidas por anunnaki, filhos do mais poderoso deus do panteão mitológico sumério, o deus An, mais conhecido por seu nome acádio Anu. Para tanto, vamos viajar por anos, séculos e milênios, na busca da primeira civilização humana para melhor compreender o contato com o divino.

E quando nos questionamos sobre o desenvolvimento da civilização, tanto ciência quanto fé concordam: tudo começa entre os rios Tigre e Eufrates. E é exatamente lá onde a Nossa História começou...!

CAPÍTULO 2

O Começo dos Tempos

Mais do que a maioria dos outros sábios e especialistas o sumerólogo está em condições de satisfazer essa curiosidade universal do homem acerca das suas origens e dos primeiros construtores da civilização. Quais foram, por exemplo, as primeiras ideias morais e as primeiras concepções religiosas que o homem fixou por escrito? Quais foram os seus primeiros raciocínios políticos, sócias e mesmo filosóficos? Como se apresentava as primeiras crônicas, os primeiros mitos, as primeiras epopeias e os primeiros hinos? Como foram formulados os primeiros contratos jurídicos? Quem foi o primeiro reformador social? Quando teve lugar a primeira redução de impostos? Quem foi o primeiro legislador? Quando se reuniu, e com que intenção, o primeiro parlamento com duas câmaras?

Samuel Noah Kramer

A história começa na Suméria

Acredita-se que o homo sapiens sapiens tenha se fixado na Europa há cerca de 35.000 anos atrás. Antes do surgimento do homem moderno, há uma grande sequência histórica que envolve o australopitecos, o homo habilis, homo ergaster, homo erectus, o homo neandertalenses e, finalmente o parente mais próximo, o homo sapiens. Há muita história e muito estudo envolvido na evolução dos diferentes hominídeos, com diversas nuances e detalhes entre cada um deles, assim como milhares e milhares de anos transcorridos. Todavia, este não é nosso objeto de estudo. Observemos as divisões da história, antes da história.

O paleolítico, ou Idade da Pedra Lascada, se refere ao período da Pré-História e compreende de 2,5 milhões de anos (o que pressupõe os antepassados anteriores ao Homo Sapiens) até cerca de 10.000 a.C. Neste período os agrupamentos humanos deslocavam-se constantemente em busca de alimento, sendo essencialmente nômades caçadores-coletores.

A Revolução-Neolítica marca o início do período Neolítico quando os homens passaram a desenvolver o plantio de grãos e desenvolver a agricultura. Foi, no entanto, ao final do período Neolítico que teve início a primeira civilização humana.

A Civilização Suméria, pelo que os estudiosos compreendem até o momento, foi a primeira civilização da história da humanidade, tendo surgido somente por volta do ano 4.500 a.C.. Foram necessários cerca de trinta mil anos de história do homo sapiens sapiens na Terra até o povo sumério surgir misteriosamente na região da mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates. Antes deles tudo que existia eram hominídeos andando sobre a Terra possivelmente com dificuldades

imensas entre a caça, a alimentação e a sobrevivência. Até que a Civilização Suméria tivesse início não havia absolutamente nada que poderia garantir o êxito da sobrevivência humana entre os demais animais do Planeta.

Independente de onde você estiver neste momento observe o mundo ao seu redor. Veja as pessoas, os objetos, os produtos e a natureza. Existe, em tudo, uma organização. A civilização humana foi construída a partir de alguns pilares, sustentáculos da sociedade. Curioso observar, no entanto, é que podemos contabilizar pouco mais de seis mil anos de civilização humana no planeta Terra e desde que este processo teve início os mesmos pilares que sustentaram as nações dos homens “pós-caverna” permanecem quase os mesmos.

As contribuições dos sumérios para a humanidade são diversas. É difícil, ao observar tudo que desenvolveram, imaginar como foi que isto ocorreu. Os sumérios foram, e talvez este seja o seu maior feito, os primeiros a realizar procedimentos de urbanização. O tratamento da água e a construção de canais possibilitaram que este precioso recurso natural estivesse presente nas cidades permitindo maior aglomeração de pessoas e controle no cultivo de grãos. Segundo apontam alguns especialistas, ironicamente um dos seus maiores feitos, a canalização da água, pode ter sido também um dos maiores responsáveis pela extinção da Civilização Suméria: a extração contínua de água pode ter secado o solo. Estes especialistas ainda não conseguem afirmar exatamente o que pode ter ocorrido. O que se conhece, até o momento, é que uma grande seca ocorreu na região do Oriente Médio. Estima-se que tenha durado mais de 200 anos. No entanto a extinção da Civilização Suméria não resultou na extinção da humanidade, nem por um momento sequer. Assim que um povo declina um novo surge, modifica um pouco da cultura, agrega conhecimentos, modifica a estrutura social, cria impérios, feudos, políticas, castas e organização social. Assim outros povos próximos a Civilização Suméria tomaram controle do território, como os acadianos, e tiveram ascensão e declínios imperiais sucessivamente ao longo da história da humanidade. Suas narrativas se cruzam e se confundem. Poder-se-ia, em uma imensa simplificação, afirmar que a civilização humana é a mesma. Embora tenhamos aumentado consideravelmente a população mundial, tenhamos criado novos meios de sobrevivência, grandes metrópoles, diferentes sistemas de governo, somos exatamente a mesma

civilização ininterruptamente desde o nosso abrupto e ocasional aparecimento no globo terrestre. O sangue que corre em nossas veias, os nossos batimentos cardíacos, o oxigênio... O que nos mantém vivos é o mesmo que mantinha nossos antepassados. A passagem do tempo nestes milênios não ocasionou nenhuma mudança abrupta aparente na nossa composição genética. Há um gigantesco elo nos conectando: eu, você e todos os seres humanos do planeta. Se pudéssemos voltar no tempo viajando no espaço entre os filamentos do nosso DNA encontraríamos, provavelmente, uma única origem, um único ponto de partida: a mesopotâmia.

Citamos apenas um dos grandes feitos dos sumérios: a canalização da água como fator inicial e decisivo para a urbanização. Devemos, no entanto, retocar este quadro com novas cores. A Terra demora em torno de 24h para completar uma volta em torno de si mesma, o que pressupõe que o nosso dia possui aproximadamente 24h. A medida do dia em 24h e de cada hora em 60 minutos e de cada minuto em 60 segundos foi definida exatamente por eles: os sumérios. Hoje o planeta inteiro, com cerca de 7,2 bilhões de habitantes, utiliza esta medida de tempo. De que forma e com que tecnologia isto foi inventado ninguém sabe. É surpreendente imaginar, de alguma forma ou de outra, como um ser humano, há mais de 6000 anos atrás sem absolutamente nenhum recurso tecnológico como conhecemos hoje poderia observar tal coisa. A passagem cíclica do tempo com a observação de que o sol, a cada determinado intervalo de tempo, estaria na mesma posição seria completamente plausível. Mas daí a compreender o período de um dia em 24h é, de fato, fascinante. Não menos surpreendente, no entanto, que observar que cabe ao mesmo povo o desenvolvimento de um calendário bem semelhante ao que usamos até hoje. Eram doze meses de trinta dias, com o dia dividido em doze períodos. Foram os mesmos sumérios que inventaram os signos do zodíaco baseado no impressionante avanço da astronomia e a observação dos corpos celestes. O número doze era sagrado para os sumérios. De alguma forma ou de outra nos nossos dias atuais continuamos a utilizar o doze, incessantemente. Curiosamente, também, o número doze aparece na quantidade de nossos meses, no relógio dividido em duas parcelas de doze contagens horárias, doze vezes trinta graus que resultam nos 360 graus da circunferência, além das “coincidências” no campo da fé como as doze tribos de Israel, os doze discípulos de Jesus, os doze frutos do Espírito Santo, os doze filhos de Jacó, entre outros.

Os sumérios foram também os primeiros a arar a terra, a plantar grãos para comer e a desenvolver a pecuária. Muito provavelmente isto possibilitou o crescimento e desenvolvimento das cidades, permitindo aos seres humanos permanecer, definitivamente, em um único local. A população cresceu consideravelmente; os antepassados eram nômades, os sumérios não (alguns especialistas apontam que outros agrupamentos humanos em regiões próximas coexistiam com os sumérios, mas eram nômades, sendo este o motivo pelo qual não prosperaram).

Com o passar do tempo os sumérios desenvolveram o modelo de cidade-estado. Cada cidade possuía um funcionamento próprio e era cercada com muralhas e edifícios construídos com tijolos de barro. Para cada cidade havia um deus consagrado. Nos centros das cidades, ao abrigo das inundações e problemas de toda a sorte, estavam os zigurates, os templos religiosos em forma de pirâmide com uma imensa escadaria. Conta-se que esta era a morada do deus, ou simplesmente o ponto de contato com ele. Quem acessava o zigurate, era o sacerdote e o monarca, e eram intermediários entre deus e o seu povo. Absolutamente tudo deveria ter aprovação de deus, e o rei e o sacerdote comunicavam-no de tudo o que acontecia. Samuel Noah Kramer, no livro *Mesopotâmia: o berço da civilização*, conta que cabia ao rei, por exemplo, selecionar e treinar os combatentes para proteger as cidades nas guerras, entre outras incumbências.

Foi na Suméria, também, que ocorreu o primeiro recolhimento de impostos. Os habitantes contribuía com parte de sua produção que era entregue ao sacerdote. Esta prática talvez indique o início do dízimo. Interessante observar que os cidadãos recebiam inclusive um recibo informando quanto ao pagamento de seus deveres para com o deus, o sacerdote e com a sociedade.

A primeira assembleia política da história da humanidade teve também, origem na Suméria, quando por volta de 3000 a.C. os políticos (homens guerreiros armados) se reuniram para deliberar entre guerra ou paz com povos vizinhos.

Embora os experientes senadores tivessem votado pela paz os demais escolheram a guerra, decisão esta acolhida pelo rei.

O primeiro catálogo de biblioteca também teve origem na Suméria. Em uma pequena placa de 3,81cm de comprimento por 2,35cm de largura estão catalogados 62 títulos de obras literárias, contendo os trechos iniciais de cada uma delas. A placa é extremamente pequena e detalhadamente trabalhada.

Com o início das bibliotecas foi também possível originar as escolas e a educação. As tarefas de ensinar e aprender eram primordiais para prosseguir tudo que já havia sido feito. Os conhecimentos, regras e acordos comerciais também iniciaram. Desenvolveram-se barcos que atravessavam os rios para levar os produtos. Havia artesãos, escribas e lojas. Existiam joias, vasos e veículos com rodas puxados por burros. Os seres humanos andavam vestidos, desenvolveram-se tecidos a partir da pele de animais (esta prática já era realizada pelos homens pré-históricos, mas não como na Suméria). Organizou-se a sociedade de forma que houvesse quem produzisse, quem cuidasse da terra, quem colhesse grãos, quem cuidasse dos animais e quem registrasse todas as informações; havia comida, cultivo, ensino, casas, altos prédios, o registro das informações e organização social. O termo Suméria é apontado como “terra de reis civilizados”; a monarquia tinha início na Terra: a civilização humana, de fato, havia começado.

E com o princípio da civilização humana também o problema da moralidade teve início. Foi na Suméria que a Filosofia começou. Como afirma Samuel Noah Kramer:

“O delicado problema do livre-arbítrio, problema moral fundamental que tanto preocupa os filósofos do Ocidente, nunca se pôs aos filósofos da Suméria. Admitindo como uma verdade imediata que o homem tinha sido criado pelos deuses unicamente para seu proveito e prazer, os pensadores sumérios aceitavam a condição subalterna do homem, tal como aceitavam a decisão

*divina de que a morte era o destino da criatura humana e só os deuses eram imortais. Estavam igualmente convencidos de que as grandes virtudes dos Sumérios, na realidade progressiva e arduamente adquiridas depois de séculos de experiências culturais e sociais, tinham sido inventadas pelos deuses. Eram estes últimos que dispunham; os homens só tinham de obedecer-lhes. A acreditarmos nos seus próprios textos, os sumérios prezavam muito a bondade e a verdade, a lei e a ordem, a justiça e a liberdade, a retidão e a franqueza, a piedade e a compaixão. Detestavam o mal e a mentira, a anarquia e a desordem, a injustiça e a opressão, a depravação e a perversidade, a crueldade e a insensibilidade. Os seus reis e soberanos orgulhavam-se constantemente de ter feito reinar a lei e a ordem nas suas cidades ou no país; de ter protegido os fracos contra os fortes, os pobres contra os ricos. De ter exterminado o mal e a violência”. (Samuel Noah Kramer, *Ética: o primeiro ideal moral, A História Começa na Suméria*).*

Mais a frente no texto, o historiador e professor Samuel Noah Kramer demonstra o antagonismo provocado pelos deuses, afirmando que eles preferiam a moralidade à imoralidade, embora tenham sido os próprios deuses, “no processo de criação civilizacional, [que] deram também origem ao mal e à mentira, à violência e à opressão, ou seja, em síntese aos modos imorais da conduta humana”.

Também na Suméria surgiram as primeiras leis. O caso relatado diz respeito ao assassinato de um dignitário do templo chamado Lu-Inanna, cuja mulher Nindada fora notificada, sem, no entanto, informar as autoridades. O crime chegou ao conhecimento do rei Ur-Ninurta, na sua cidade-capital Isin. O Rei levou o caso à assembleia de cidadãos em Nippur. Para este caso de um assassinato cometido cerca do ano 1850 a.C. houve a primeira sentença judicial transcrita abaixo, na íntegra, conforme consta na obra de Noah Kramer.

“Nanna-sig, filho de Lu-sin, Ku-Enlil, filho de Ku-Nanna, o barbeiro, e Enlil-ennam, escravo de Adda-kalla, jardineiro, assassinaram Lu-Inanna, filho de Lugal-apindu, funcionário nishakku. Depois que Lu-Inanna, filho de Lugal-

apindu, foi morto, eles disseram a Nin-Dada, filha de Lu-Ninurta, mulher de Lu-Inanna, que o seu marido tinha sido morto. Nin-Dada, filha de Lu-Ninurta, não abriu a sua boca os seus lábios permaneceram cerrados. A questão foi (então) levada à (cidade de) Isin, perante o re (e) o rei Ur-Ninurta ordenou que a questão fosse apreciada na assembleia de Nippur. (Lá) Ur-gula, filho de Lugal-., Dudu, caçador de aves, Ali-ellati, libert, Buzu, filho de Lu-Sin, Eluti, filho de...-Ea, Sesh-Kalla, porteiro (?), Lugal-Kan, jardineiro, Lugal-azida, filho de Sin-andul, (e) Sesh-kalla, filho de Shara-., enfrentaram (a assembleia) e disseram: "Aqueles que mataram um homem não são (dignos) da vida. Aqueles três homens e aquela mulher devem ser mortos em frente da cadeira de Lu-Inanna, filho de Lugal-apindu, o funcionário nishakku". (Então) Shu.-lilum, funcionário de Ninurta, (e) Ubar-Sin, jardineiro, enfrentaram a assmbleia e disseram: "É certo que o marido de Nin-dada, filha de Lu-Ninurta foi assassinado, (mas) que (?) fez a mulher (?) para merecer que a matem?" (Então) os (membros da) assembleia de Nippir enfrentaram-(nos) e disseram: "Uma mulher que o seu mardio não sustentava (?) – admitamos que conheceu os inimigos do seu marido e que (depois de) seu marido ter sido assassinado ela soube que seu marido tinha sido assassinado? Foi ela (?) quem matou o seu marido? O castigo daqueles (?) que (realmente) mataram é suficiente". Em conformidade com a decisão (?) da assembleia de Nippur, Nanna-sig, filho de Lu-Sin, Ku-Enlil, filho de Ku-Nanna, barbeiro, e Enlil-ennam, escravo de Adda-kalla, jardineiro, foram entregues (ao carrasco) para serem mortos. (Esta é) uma sentença dada pela assembleia de Nippur. (Samuel Noah Kramer, A História Começa na Suméria)".

O mais surpreendente, no entanto, é que ao apresentar tal tradução ao decano da Faculdade de Direito da Universidade da Pensilvânia, Owen J. Roberts, que havia sido juiz do Supremo Tribunal dos Estados Unidos de 1930 e 1945, o mesmo afirmou que em casos semelhantes os juízes modernos teriam julgado de acordo com os antigos juízes sumérios e o veredicto seria o mesmo. Conforme as palavras de Roberts “Segundo a nossa lei, a mulher não seria julgada culpada de encobrimento. Um encobridor deve não só saber que o crime foi cometido, mas também receber, tratar, reconfortar ou ajudar o criminoso”.

Os primeiros medicamentos que se tem notícia na história da humanidade

também têm origem na Suméria. Mencionado por Kramer, o Dr. Léon Legrain, publicou um texto intitulado “A antiga farmácia de Nippur” um trabalho conjunto de um assiriólogo, um historiador de ciências e um químico para relatar os primeiros medicamentos registrados, onde se utilizava leite, vegetais, sal marinho, conchas de tartarugas e peles de serpentes. Léon Legrain e Samuel Noah Kramer, entretanto, não são os únicos a afirmar que a farmacologia tenha iniciado na Mesopotâmia. A edição de “A história começa na Suméria”, que teve a oportunidade de consultar para escrever esta obra, tem data de publicação de 1963. Uma busca mais apurada em um conhecido motor de busca especializado na área da saúde, pubmed, demonstra que ao procurar pelo assunto diversos interessantes artigos científicos podem ser descobertos. Como por exemplo, os relatos do uso de aspirina na Suméria, seguido pelo seu uso no Egito, Grécia e Roma.

Todos estes fatos impressionantes que sabemos da Civilização Suméria se devem a um dos seus principais feitos: o advento da escrita. O ato de registrar é apontado como um dos principais fatores que possibilitaram o desenvolvimento da civilização. O legado sumério escrito é vasto: são registros comerciais, orações, cartas, poemas, épicos, mitos, entre outros documentos diversos. Tudo o que sabemos sobre a Suméria é bem recente. A biblioteca de Nínive do rei Assurbanipal II foi descoberta por volta de 1849 e contém mais de 30 mil placas de argila.

Os sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme, um método de talhar em tabletes de argila letras, com um instrumento em forma de cunha. Além destes havia os selos cilíndricos, com imagens e letras. A escrita cuneiforme é a escrita mais antiga que se tem notícia na história do mundo.

Ainda sobre os feitos da Civilização Suméria, o sumerólogo Samuel Noah Kramer afirma: “nenhum povo contribuiu mais para a história da humanidade que os sumérios”. Esta afirmativa tem se mostrado verdadeira. O agrupamento humano que de forma abrupta e inexplicável passou a habitar a região entre o rio Tigre e o Eufrates, na região da Mesopotâmia – termo grego que significa “entre

rios” – e desenvolveu a escrita, urbanização, cidades-estados, mercantilização, astronomia, contagem do tempo, escolas, leis, obras de arquitetura, agricultura, pecuária entre tantos outros feitos é, além de encantador e impressionante, de fato o povo que mais contribuiu para a história da humanidade.

Especialistas na Civilização Suméria são raríssimos ao redor do mundo. Ao se interessar pelos fatos narrados aqui, o leitor que tiver curiosidade e procurar documentos a este respeito irá perceber a dificuldade de acesso e a escassez de uma exploração maior por parte dos especialistas. Este capítulo apoiou-se em obras de historiadores, documentários, enciclopédias e, principalmente no historiador, sumerólogo, e professor da Universidade da Pensilvânia, Samuel Noah Kramer, cujo subtítulo “A história começa na Suméria” é em sua homenagem por nomear também um de seus livros.

“Há trinta e dois anos que consagro a minha atividade as investigações de sumerologia, e particularmente à literatura da Suméria. Os estudos seguintes apareceram, na sua primitiva forma, com o aspecto de trabalhos altamente especializados, monografias e artigos dispersos em várias publicações eruditas. O presente livro reúne – para o profano, para o humanista, para o letrado – alguns dos resultados mais sensacionais arquivados nas investigações e publicações de sumerologia”. (Samuel Noah Kramer, prefácio, A História Começa na Suméria).

Mas... O que pode nos ensinar a primeira civilização da história da humanidade a respeito de sua ligação com Deus, ou no caso da Suméria, com os deuses? O que tem a nos dizer o primeiro povo que olhou os céus, curvando sua frente ao Alto?

CAPÍTULO 3 -

Olhando para o Céu

Ao lermos as Bíblias judaica e cristã, bem como o Corão, tem-se a impressão de que esse deus esteve sempre lá, pois é ele o criador do céu e da Terra. Mas olhando mais de perto, encontramos textos que admitem a existência de outros deuses, como naquela história do conflito entre um tal de Jefté, chefe militar de uma tribo israelita, e Seon, rei dos vizinhos de Israel a leste, que foi relatada no livro dos Juízes. (...)

Se o judaísmo e, em seguida, o cristianismo e o islã proclamam a unidade de um deus reinando sozinho, desde toda a eternidade, sobre o céu e a terra, a própria Bíblia Hebraica dá testemunho, para quem a lê com atenção, de suas raízes politeístas. De fato, o “deus de Abraão” ao qual se referem as três religiões do Livro, cada uma à sua maneira, não foi único desde sempre.

Thomas Römer

A Biblioteca de Nínive

Em meados do séc. XIX foi descoberta a Biblioteca de Nínive, a mais antiga biblioteca que se tem notícia na história da humanidade. A biblioteca é composta por mais de 30 mil tabletas de argila em escrita cuneiforme. Supõe-se que tal coleção tenha pertencido ao rei assírio Assurbanipal II, que teria vivido em torno do séc. VII a.C.

O acervo é composto por diversas obras que remontam à própria história humana. Tudo que se sabe sobre a suméria e acádia, já que suas histórias se cruzam e se confundem, foi descoberto por arqueólogos por volta do ano de 1850. Os tabletas de argila incluem códigos de leis, documentos sobre matemática, astronomia, medicina, geografia, administração, ensino, religião entre outros assuntos.

A descoberta desta grande biblioteca permitiu aos historiadores, estudiosos e especialistas encaixarem algumas peças no quebra-cabeças da compreensão de nossa história. Enquanto novos horizontes se descortinaram na compreensão do nosso passado, por outro lado, uma enorme gama de novos questionamentos passaram a compor o grande caleidoscópio do conhecimento humano.

Um dos primeiros homens a ter possibilidade de ler e estudar as antigas escrituras nos tabletas de argila foi George Smith. Smith trabalhava no Museu Britânico de Londres e era uma das poucas pessoas capazes de ler, compreender e decifrar os misteriosos caracteres da escrita cuneiforme. Como um grande estudioso e crente bíblico, George revelou na Sociedade de Arqueologia Bíblica, em 1872, que havia encontrado uma narrativa, ainda incompleta do relato bíblico do Grande Dilúvio. Era a confirmação de sua fé revelando-se diante de seus olhos por meio de provas substanciais. A versão assíria, datava do 1º milênio

antes de Cristo. Alguns anos mais tarde, entretanto, após a revelação e descoberta de Smith, diversos outros tabletes sobre o Dilúvio foram encontrados. Estavam registrados não somente em um idioma, mas em mais de um, como acadiana semítica, hitita indo-europeia e hurrita. Os relatos, todavia, eram ainda mais antigos que o que se supunha a respeito do Pentateuco² bíblico.

O panorama, então, do final do séc. XIX e início do séc. XX revelava uma mudança no paradigma das crenças religiosas e dos registros humanos. Em períodos históricos anteriores a Bíblia, a Torá ou o Corão eram tidos pelos seus seguidores como a palavra de Deus, e eram os registros narrativos mais antigos que se conheciam. Com a descoberta das coleções de tabletes de argila os novos registros históricos poderiam atestar a origem daquelas antigas escrituras servindo como prova àqueles que têm fé, da veracidade das histórias contidas nelas.

A surpresa, no entanto, para aqueles que procuravam nas escrituras sumérias e acádias a confirmação dos acontecimentos narrados no Pentateuco (que, com diferenças interpretativas e de tradução embasam as Bíblias cristãs e a Torá) é aterradora: a narrativa encontrada no séc. XIX revelava não somente um único Deus – o Pai - punindo a humanidade com o castigo do Dilúvio e poupando a um homem e alguns animais em uma arca; a narrativa revelava um concílio de deuses definindo a sorte humana quanto à catástrofe que se aproximava e um único destes preocupado com o destino dos humanos, alertando quanto ao fenômeno.

De um lado punha-se, então, os registros cuja redação atribui-se a Moisés, que revelara a Torá, ou Pentateuco, que está presente na Bíblia; de outro, os registros encontrados a partir de 1850 e decifrados por especialistas. O caleidoscópio dos registros humanos ganhara novos matizes, demonstrando que nenhuma das maiores tradições do mundo poderia anunciar-se como a verdade de forma definitiva e inequívoca.

Ao contrário do que sugere a cultura na qual estamos inseridos, principalmente no ocidente do mundo moderno, talvez o Pentateuco não demonstre as narrativas originais dos acontecimentos. Há muitos especialistas e estudiosos que confirmam que os mitos babilônicos, surgidos a partir da cultura suméria e acádica, são a base para a redação das escrituras sagradas do Pentateuco. Tal afirmativa pode ser confirmada por diversos especialistas e observada em diversos sites, livros e palestras sobre o assunto.

Um destes sites é “aBíblia.org”, que é mantido por especialistas e estudiosos bíblicos. Em uma das perguntas, um usuário questiona: “Em que ano surgiram as civilizações da Suméria, Egito e 1ª Babilônia?”. A pergunta foi respondida por Luiz da Rosa, que no momento da redação deste livro ocupava o cargo de diretor de comunicações do Instituto dos Irmãos Maristas. O especialista em questão possui mestrado em ciências bíblicas e foi professor de escrituras sagradas. De sua extensa resposta, destacamos o seguinte trecho: “a Bíblia foi influenciada pela literatura dos sumérios, sobretudo nos textos do Gênesis, como a criação e o dilúvio”.

O especialista deixa clara a influência, embora não afirme qual deve ser o texto original e qual deve ter sido adaptado. Os escritos sumérios e acádios são comprovadamente anteriores à escrita, compilação e integração do cânone bíblico e da Torá. Todos os especialistas concordam com isto. O que é passível de reflexão, e que não será discutido nesta obra, é a questão da fé e da crença individual de cada um a respeito das narrativas, principalmente no que diz respeito ao monoteísmo expresso no Pentateuco em contraste com o politeísmo revelado nos mitos mesopotâmicos.

O leitor que estiver curioso a este respeito, ao pesquisar sobre a ordem cronológica dos acontecimentos e a originalidade dos textos mesopotâmicos sobre as escrituras sagradas, atestará com veemência tal fato, uma vez que os registros sumérios, acádios e assírios são, comprovadamente, mais antigos do que a redação do Pentateuco.

A leitura da mitologia dos povos babilônicos é, então, deveras interessante, e de suma importância para a compreensão do surgimento da humanidade e o advento da civilização. Mais do que isto, a relação dos homens e dos deuses narradas nas mitologias das primeiras civilizações aponta uma convergência psíquica e demonstra a dependência dos humanos com a ideia transcendental. Este contato com o divino denuncia a necessidade de ultrapassar as barreiras do mundo físico e contatar, então, o divino, o supra-humano, de alguma forma.

Nas mitologias primevas são evidenciados os contatos com os deuses para toda a sorte de acontecimentos cotidianos. O pedido de bênçãos a uma união, a concessão da cura e do bem-estar físico, o cultivo da terra e o cuidado com os animais.

A leitura dos textos sugere uma relação direta entre os homens e os seus deuses da região ou da família em questão. A religião ocupava lugar central e nada era feito sem que houvesse benção ou concessão divina. Fica claramente expressa a relação das primeiras civilizações humanas com os deuses, e não com um único e Todo-Poderoso Deus. Na medida em que nos aprofundamos na leitura atenta dos textos, verificamos a veneração, admiração e devoção que determinados povos e regiões tinham a um ou outro deus.

Absolutamente tudo era consagrado. O cultivo na terra, era um ato de veneração à deusa, a caça era uma demonstração de poder e virilidade que consagrava um homem a ser merecedor da confiança divina. Os ventos e tempestades eram castigos divinos e as plantas que curavam haviam sido concedidas pelos deuses à humanidade.

Se o ensino tradicional muito vezes relaciona tais atos à incompreensão de uma verdade científica que permeia toda vida na Terra, tratando muitas vezes o homem antigo como ignorante com relação às leis da natureza, os textos demonstram a paixão com que tais atos eram feitos. Além disto, a mitologia mesopotâmica, em diversas passagens, demonstra o momento exato em que

determinados conhecimentos foram entregues pelos deuses à humanidade. E tais concessões sempre eram realizadas como dignas por merecimento.

A relação dos homens e dos deuses no tempo antigo era muito próxima. Adiante neste livro será explorada a questão relativa ao contato com estes deuses, se era física e material ou transcendente e espiritual.

Independentemente de que tipo de contato os deuses tiveram com os homens e mulheres da antiguidade o contato mais próximo é evidenciado nas leituras sagradas. A primeira civilização humana na Terra não se furtou de contar que a razão da existência humana se deve aos deuses, e de que fomos criados por eles; e de que tudo o mais que vemos, ouvimos e sentimos deve-se à sua existência. Não somente isto, os sumérios eram catedráticos em justificar todo o conhecimento que adquiriram como provenientes dos deuses. E devemos lembrar de Samuel Noah Kramer quando afirma que nenhum povo contribuiu mais do que a civilização suméria.

Ler os textos dos primeiros homens civilizados que escavaram cidades, dutos, inventaram comércio, escolas, escrita, astronomia, medicina, direito, manifestações artísticas e bibliotecas conecta-nos com quem somos em essência, pertencentes à Grande Família Humana, filhos dos mesmos pais há milênios e milênios e forjados da mesma matéria prima universal no interior das estrelas do firmamento.

Nas próximas páginas entraremos em contato com alguns textos das mitologias suméria, acádia e assíria e com o nosso passado humano comum. Ao ler sobre os deuses na mitologia é indispensável, entretanto, desmistificar a visão das deidades: se os deuses são supremos, poderosos e dominam a natureza (ou as leis que a regem), por outro lado é possível nos identificarmos com sentimentos, dores, alegrias e tristezas. Por vezes se tem a ideia de que um deus é como um de nós, diante das adversidades que compõem a magnitude e complexidade da vida. E neste sentido, somos imagem e semelhança dos criadores revelados nas

tabuletas mesopotâmicas.

Convido-o então, a despir-se da ideia de um deus único criador dos Céus, da Terra e dos homens, como apontado pelas tradições monoteístas. Tal ideia era completamente inexistente na História Antiga e só foi introduzida pelo faraó egípcio Akhenaton no Antigo Egito, no mínimo duas centenas de anos antes do nascimento de Moisés. Não devemos esquecer, durante a leitura destes textos, entretanto, que na cronologia da História Antiga o Egito surge somente depois das civilizações suméria, acádia e assíria, e que também era de cultura religiosa politeísta, sendo o Faraó Akhenaton uma exceção na política religiosa daquele povo. Além disto, o próprio Faraó Akhenaton, que adotou seu nome em adoração ao deus Áton, representava seu deus monoteísta como um disco solar, que tanto pode ser uma simbologia para o Todo incognoscível, quanto para o supremo deus sumério, Anu, como veremos mais à frente.

Os primeiros homens que criaram a ideia de civilização que se tem hoje não conheciam o monoteísmo ou a ideia de um deus único. Seus registros embasaram toda constituição de nossa sociedade e história humana, inclusive, a redação das ideias estabelecidas na fundação do Deus único como mito, rito e experiência de veneração transcendental.

A primeira vez que nossos olhos se voltaram ao céu

Ao escolher o melhor formato de apresentação para o que segue neste capítulo, optei por oferecer ao leitor um relato narrativo dos mitos como se estivesse a observar um livro de contos seguido de uma reflexão a respeito. As narrativas que seguem são então uma composição própria do autor deste livro, fruto da união de narrativas e textos diversos, mas todos de fontes confiáveis. Um outro formato possível seria separar parte a parte, trecho a trecho, confrontando revelações diferentes de cada fonte consultada, o que imagino poderia tornar este capítulo em algo técnico e até mesmo monótono. Penso que as tecnicidades podem ser reservadas aos estudiosos profundos e acadêmicos. Quando traduzidos da linguagem mesopotâmica para o inglês os textos possuem algumas lacunas e posicionam-se em versos sendo uma leitura cansativa para os dias atuais, tais quais aparecem na narrativa sobre o julgamento, transcrito no capítulo anterior. Se o leitor quiser, poderá observar os textos originais, pesquisando a este respeito; nesta obra encontrará uma narrativa adaptada com base nas traduções originais disponíveis. Além disto, serão apresentados diversos trechos da mitologia suméria, acádia e assíria como se tivessem origem em um único texto. Um exemplo é o episódio do Grande Dilúvio. Há diversas tabuletas, que narram este acontecimento. Se minha intenção fosse técnica, reservaria algumas páginas a uma tabuleta, outras às demais. Depois poderíamos comparar os trechos e observar os pontos consonantes e dissonantes. Mas não quis escrever esta obra desta forma.

Procedi a leitura dos textos e editei, como se fosse um filme, em que se registra o acontecimento por diversas lentes e, após, edita-se o melhor ângulo para cada cena em questão. Desta forma, foram compilados textos de diversas fontes, todas elas, porém, de origem fidedigna conforme anteriormente explicitado. As narrativas foram, na medida do possível, ordenadas cronologicamente e intituladas, com a intenção de oferecer ao leitor uma noção geral a respeito dos acontecimentos narrados nos textos mitológicos. Observei ainda o cuidado de inserir notas de rodapé em alguns termos e nomes, procurando oferecer uma

experiência de leitura mais fluida, mas com notas explicativas.

Foram utilizados textos provindos dos sites oficiais de museus, como do museu britânico, dos resumos dos tabletes de argila, de outros museus do mundo, bem como de livros de historiadores, sumerólogos e estudiosos que tenham feito publicações em meio científico, como periódicos que abordam os assuntos em questão. Recebe destaque especialmente o uso das obras do sumerólogo Samuel Noah Kramer, da coleção do museu britânico com resumos e fotografias disponíveis na internet, do projeto com participação de diversos professores e especialistas Ancient Mesopotamian Gods and Goddesses (Deuses e Deusas da Antiga Mesopotâmia), da Ancient History Encyclopedia (Enciclopédia de História Antiga) e do ETCSL, sigla em inglês para The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature (Corpus Eletrônico Textual de Literatura Suméria), que se constitui em uma biblioteca digital com mais de 400 textos traduzidos da escrita cuneiforme para a língua inglesa, disponível gratuitamente pela internet.

Cabe salientar que o legado escrito deixado pelas civilizações mesopotâmicas é gigantesco. Os textos selecionados e narrados nesta obra podem ser considerados como aqueles que julguei, conforme minha interpretação, de maior destaque, e não necessariamente o que há de mais importante nos mitos babilônicos. Procedi leitura de diversos textos de mitologia mesopotâmica em seu formato traduzido por linguistas e especialistas, da escrita cuneiforme para o idioma inglês. Além deste fato é necessário esclarecer que alguns mitos de destaque popular, mas que não tenham sido encontrados em fontes confiáveis e fidedignas, ainda que importantes, não foram narrados nesta obra.

Enuma Elish: parte 1

3

Quando o céu não existia e quando a Terra abaixo dele ainda não tinha vindo a existir, existia o Abzu⁴, o primeiro em ordem, o progenitor, e Tiamat, que a todos eles gerou. Eles misturaram suas águas.

Quando nenhum dos deuses havia sido formado ou tinha surgido, quando nenhum destino havia sido decretado, Lah(mu) e Lah(amu) foram formados e vieram a existir. Enquanto cresciam e aumentavam em estatura Anshar e Kishar, foram criados. Eles prolongaram seus dias, multiplicaram seus anos. Anu⁵, seu filho, podia rivalizar com seus pais.

Anu, o filho, era igual a Anshar. Anu gerou então, Nudimmud, seu próprio igual. Nudimmud foi campeão entre seus pais. Profundamente perspicaz, sábio, e de robusta força, Nudimmud era muito mais forte do que o pai de seu pai, Anshar. Ele não tinha rival entre os deuses, seus irmãos. Eles então reuniram-se e jogaram Tiamat em um tumulto.

O começo dos tempos

Nesta primeira análise iremos nos deter na questão do começo dos tempos, observando apenas a parte inicial do “Enuma Elish”, uma vez que a segunda parte demonstra a criação humana, tópico que será discutido a seguir.

O “Enuma Elish” é popularmente conhecido como o mito de criação babilônica e possui incríveis semelhanças com a narrativa bíblica nos primeiros versículos do livro do Gênesis. O “Enuma Elish” é composto por sete extensas tábuas. A versão apresentada nesta obra está dividida em duas partes: o primeiro excerto acima é brevíssimo, está apoiado na primeira das sete tábuas, e faz relação exclusivamente com o começo dos tempos; a segunda parte será apresentada algumas páginas à frente, seguido dos textos: “Epopéia de Atrahasis” e “Enki e Ninmah”.

Como dito anteriormente o “Enuma Elish” é um texto bastante longo. Optei por apresentar um pequeno trecho, que serve como um brevíssimo resumo, pois não gostaria de tornar este livro extenso com apenas um único mito. As semelhanças entre o Gênesis bíblico e as sete tábuas da criação babilônica foram extensamente exploradas por diversos estudiosos e especialistas, acadêmicos e pesquisadores independentes. Se no Gênesis o primeiro versículo indica que Deus criou o céu e a Terra, no “Enuma Elish”, é possível observar a narrativa desde o início, quando nem céu, nem Terra, haviam sido criados.

“Quando o céu não existia e quando a Terra abaixo dele ainda não tinha vindo a existir. Existia o Abzu, o primeiro em ordem, o progenitor, e Tiamat, que gerou todos eles. Eles misturaram suas águas.” (“Enuma Elish”, trecho inicial da tábua 1).

“No princípio criou Deus o céu e a Terra; e a Terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”. (Bíblia, Gênesis 1:1-2).

De certo modo, ao analisar o “Enuma Elish” e outros diversos textos sumérios, acádios e assírios é possível dizer que a Bíblia foi criada “imagem e semelhança” dos textos antigos, que o precedem. Além disto, o “Enuma Elish”

apresenta características e comparativos importantes se considerados trechos do mito e seu significado, e a história do pensamento filosófico, sobretudo dos filósofos pré-socráticos.

Tales de Mileto é um dos primeiros filósofos gregos a inquirir a respeito do que o mundo é feito. Para Tales, a natureza segue uma transformação, um fluxo, e nada é estático. Tudo está em constante mudança. O significado está na etimologia do termo transformação. Transformação é composto por trans, que significa mudança ou através de, e formare, que é o modo sob o qual uma coisa existe ou se manifesta, a sua configuração. Então transformação, ou transformar, é algo que muda sua forma, ou que se manifesta através de diferentes formas, mas não é estático. Para Tales de Mileto a substância fundamental que está presente em todo Universo é a água. A água é o seu arché. O termo grego arché significa substância fundamental que está presente em todos os momentos e em tudo na existência. É na filosofia de Tales que pela primeira vez na história conhecida do pensamento filosófico surge a ideia de uma substância fundamental de onde tudo parte e preenche o Universo. Essa concepção se revela no texto na questão da “mistura das suas águas”, pois parece sugerir que há sim uma substância primordial de onde uma mistura pode gerar novos elementos. Esta substância primordial também aparece na alquimia⁶, e em alguns textos alquímicos.

Marie-Louise von Franz, psicoterapeuta analítica, fundadora do Instituto Carl Gustav Jung em Zurique, na obra “Alquimia: introdução ao Simbolismo e à Psicologia”, ao analisar um texto alquímico escrito por Olimpiodoro, afirma

“Olimpiodoro fala do chumbo negro, e é evidente que se trata da substância original e é, portanto, o mistério de que já falamos – a prima matéria – a substância básica do mundo em que reside o segredo divino da vida e da morte. Olimpiodoro refere-se a ele como o ‘nosso chumbo’, que no começo não é negro, e contrasta-o com o chumbo comum, assinalando assim que aquilo a que os artesãos comuns chamavam de chumbo não é aquilo a que eles – os alquimistas – aludem quando falam de chumbo”. (Marie-Louis von Franz,

Alquimia: introdução ao Simbolismo e à Psicologia).

Esta “filosofia da transformação” ficou conhecida como a filosofia do devir.

Outra importante escola filosófica pré-socrática afirmava que era necessário buscar algo fora da transformação. A ideia era de que tudo que se transforma, por definição, modifica a si mesmo, sendo que o que era não é mais, e o que virá a ser não define o que é no momento. É preciso, então, buscar algo que é, algo eterno e imutável. A filosofia do ser é uma oposição ao devir.

Os atomistas, como Demócrito, definiram o átomo como a partícula mínima da matéria, que é indivisível como uma representação do ser. Para a escola filosófica de Demócrito o que era eterno era a partícula indivisível que formava a tudo, combinando-se em outros arranjos e formando outras coisas, o que contemplava o devir.

Pitágoras, quando propôs a sua visão de mundo, afirmou que era possível “tocar a mente do criador” ao observar a natureza matemática que permeava toda a criação. Dizia que a harmonia provinha das razões matemáticas.

Estas quatro diferentes visões pré-socráticas (ser, devir, atomista e contemplação matemática), são visões filosóficas que sustentam a base fundamental das grandes discussões que possuímos até hoje. Talvez seja possível, até mesmo, conciliar as diferentes visões se encontrarmos um todo incognoscível e imutável, que impregna a matéria como um todo, sendo seu arché, e seu próprio átomo indivisível, de onde toda matéria se forma e se transforma, sendo esta criação a natureza matemática da mente do criador.

Independente de qualquer visão filosófica do surgimento do universo, é interessante observar que é possível encontrar, no próprio “Enuma Elish” uma alusão a todos estes diferentes pontos de vista. Ao afirmar “quando o céu não existia e quando a Terra não tinha vindo a existir”, estamos contemplando o tempo antes do tempo, pois não existia céu, nem Terra, sendo este, portanto, o todo incognoscível. O Abzu, entretanto, é o primeiro, que com Tiamat, misturou suas águas. Na ideia de Tales de Mileto, da arché, ou da prima matéria, a substância fundamental é a água. Está contemplada no “Enuma Elish” uma mistura de “primas matérias”, que gera todas as demais. Por fim, a ideia pitagórica de contemplação matemática está presente em toda a narrativa. É a ordem... o princípio ordenador e harmônico, que marca o conceito de logos, ou da própria razão. O “Enuma Elish” demonstra um importante ponto de estudo: a vitória da ordem sobre o caos.

Talvez o mito e sua intensa movimentação de deuses, representem corpos celestes se chocando entre si, demonstrando a movimentação do Universo, que parte do caos em direção à ordem, das sombras à luz, do imanifesto à manifestação. É a noção do logos como princípio ordenador, e do demiurgo como criador do universo manifesto, a partir do todo imanifesto e incognoscível. É quando tudo vira cosmos, termo grego que significa ordem.

Estas diferentes concepções, de ser e devir, de criador e o universo criado, de eterno e de criação, contemplam as diferentes características que se atribuem a Deus. O Deus judaico-cristão reúne todas estas diferentes características.

Talvez a grande diferença entre um deus que cria e um deus que se preocupa com a sua criação seja a dicotomia entre um deus natural, que habita e interfere no Universo conhecido; e outro que cria, sendo o movimento primário que tudo inicia. Este último seria o Primum Mobile⁷, o deus que a tudo dá início, e que poderia ser entendido como o Demiurgo, em uma visão gnóstica. Numa concepção pós-moderna poderíamos supor o Primum Mobile, como algo ou alguém que tenha dado início ao Big Bang.

A grande questão, e que é pano de fundo de toda reflexão elaborada neste livro, é de que a deidade que se encontra influenciando a matéria a todo momento e interagindo com humanos deve ser, de um ponto de vista lógico⁸ um ser material e natural⁹ às substâncias que compõem este Universo. E um criador externo, que tenha dado início a tudo, mas não influencie diretamente na matéria seja um deus sobrenatural, que por definição, não faz parte da natureza do Universo, e que por este motivo esteja acima dele. Sobrenatural aqui não assume uma conotação, mas uma denotação, ou seja, seu sentido literal. Um Deus sobrenatural seria um Deus para além do natural, para além da natureza: o todo incognoscível.

São estas duas acepções que o deus judaico-cristão assume simultaneamente: um deus natural e sobrenatural. São justamente estas concepções que imagino serem diferentes e não exercidas pela mesma entidade. Em minha obra “Maya: o código da vida” me detive à análise de uma espécie de Primum Mobile: para mim o Universo está totalmente permeado de uma matéria comum, indivisível, que é, foi e será. Esta marca é prova de uma origem comum, de uma prima matéria. E esta substância que permeia o Universo é a marca, o sinal de uma entidade sobrenatural que está ausente na matéria. Apenas seu sinal é perceptível. Na minha concepção o Deus criador dos céus e da Terra não é a entidade bíblica Yahweh. O deus sobrenatural, o Primum Mobile, este que talvez pudesse ser identificado como o incognoscível ou inefável, o todo, o Grande Arquiteto do Universo, é diferente do deus natural (já que ele está na natureza da matéria), que interfere na matéria a todo o momento, demonstrando ter emoções e outras características humanas e, portanto, materiais.

Mas...

E quem é, então, Yahweh? Seria possível tentar identificá-lo através de outros textos mitológicos da Antiga Mesopotâmia?

Enuma Elish: parte 2

10

Quando Marduk¹¹ ouviu o discurso dos deuses, concebeu o desejo de realizar feitos inteligentes. Marduk ponderou em seu coração e dirigiu-se a Enki¹²:

- Vou juntar sangue para formar osso. Trarei à existência Lullu, cujo nome será 'homem'. Vou criar o homem Lullu. E para ele o trabalho dos deuses será dado. E assim os deuses poderão descansar. Desta forma vou alterar habilmente a organização dos deuses: eles serão honrados como deuses, mas embora sejam honrados como um, eles serão divididos em dois.

Enki respondeu, dirigindo-lhe a palavra e expressando seus comentários sobre o descanso dos deuses:

- Deixe um irmão ser abatido. Que ele pereça para que as pessoas possam ser formadas. Deixe que os grandes deuses se reúnam em assembleia.

Marduk reuniu então os grandes deuses. E graciosamente deu sua ordem. Enquanto falava, os deuses ouviam. O rei então dirigiu a palavra aos anunnaki¹³:

- Seu antigo juramento era verdade, (agora também) diga-me a verdade solene: quem é aquele que instigou a guerra? Quem tornou Tiamat rebelde e pôs movimento à batalha? Que aquele que instigou a guerra seja abandonado para que eu possa castigá-lo; mas você... sente-se e descansa.

Os Igigi¹⁴, responderam-lhe:

Este é Lugaldimmerankia, o conselheiro dos deuses, o senhor:

- Kingu¹⁵ é quem instigou a guerra. Kingu fez Tiamat rebelar-se deu movimento à batalha.

Então eles o amarraram. E segurando-o diante de Enki infligiram a penalidade. E cortaram os seus vasos sanguíneos.

Do seu sangue Enki criou a humanidade a quem impôs o serviço dos deuses. E assim os deuses foram libertos.

Depois que o sábio Enki criou a humanidade e impôs o serviço dos deuses sobre eles, Nudimmud concedeu à Marduk sua sorte.

O rei Marduk dividiu, então, os deuses. E todos os anunnaki se agruparam entre os superiores e inferiores. Ele designou 300 nos céus para guardar os decretos de Anu. E os designou como guarda. Em seguida, criou a organização do submundo. No céu e no submundo ele colocou 600 deuses. E depois de arranjar todos os decretos, distribuiu a renda entre os anunnaki do céu e do mundo inferior.

Os anunnaki falaram. E dirigiram-se ao seu senhor Marduk:

- Agora, senhor, vendo que você estabeleceu nossa liberdade, que favor podemos fazer por você? Deixe-nos fazer um santuário de grande renome: seu quarto será nosso lugar de descanso onde podemos repousar. E vamos erguer um santuário que abrigue um pedestal, onde podemos descansar quando o trabalho estiver pronto.

E Marduk, quando ouviu, irradiava tanto quanto a luz do dia:

- Construa a Babilônia, a tarefa que você busca. Que os tijolos sejam moldados... Erga o Santuário!

E então, em um ano, os anunnaki construíram. Quando o segundo ano chegou, eles ergueram o pico de Esagil, uma réplica do Abzu. E construíram a elevada torre do templo. Construíram coisas também para Anu, Enlil¹⁶ e Enki.

Depois de concluírem o trabalho no Esagil. Todos os anunnaki construíram seus próprios santuários.

Reuniram-se 300 Igigi do céu e 600 do Abzu.

Sentaram-se então os belíssimos anunnaki, no alto santuário que construíram para sua habitação.

- Esta é a Babilônia, sua habitação fixa. Aproveite aqui o seu prazer! Sente-se com alegria!

Os grandes deuses sentaram-se, e canecas de cerveja foram servidas no banquete.

Depois de terem se divertido muito, realizaram um culto no impressionante Esagil.

Epopéia de Atrahasis: o motim e a criação

17

Quando os Igigi trabalhavam muito e suportavam a labuta, canais subterrâneos foram construídos. Dias e noites, ano após ano, grandes canais foram feitos. Até que um destes deuses, após 40 anos, cansado do trabalho pesado, um dia, pronunciou-se aos demais.

- Vamos enfrentar nosso comandante. Enlil, o grande deus guerreiro. Nosso comandante deverá receber nossa queixa. Vamos organizar um motim. Nossa queixa deverá ser ouvida, nossa voz deverá explicar o descontentamento, nossa atitude deverá assustar nosso comandante – ao olhar atento dos outros deuses menores, prosseguiu - vamos atear fogo às nossas ferramentas, e à noite cercaremos a morada sagrada de Enlil, no Ekur¹⁸.

Os outros deuses gritaram em apoio. E assim o fizeram.

À noite, com fogo nas suas ferramentas se aproximaram da morada divina. Chegaram-se ao portão, cercaram-na. Deitado em sua cama Enlil nada pode ouvir. A casa já estava cercada quando o grande deus se levantou.

- Meu senhor – falou o vizir Nuska¹⁹ – sua casa está cercada, há trabalhadores em volta de sua moradia.

Mas Enlil tinha armas em sua casa. O grande deus fez sua voz ser ouvida diante

de Nuska.

- Nuska, empunhem suas armas e coloquem-se diante da porta e de mim.

Nuska então fez uma barreira na porta, e todos empunharam suas armas.

- Oh meu senhor. Seu rosto está tão amarelado quanto Tamarix. Por que teme seus próprios filhos? Faça com que Anu desça da morada celestial. E faça com que deus Enki os acompanhe.

Então Anu, o deus celestial foi trazido, em companhia de Enlil, o comandante, e de Enki, deus das águas profundas. Os grandes anunnaki estavam presentes. Enlil contou o ocorrido e fez com que sua voz fosse ouvida:

- É contra mim que eles se levantaram em protesto? Devo ir à batalha? O que eu acabo de ver diante de meus olhos? Um trabalhador qualquer cercou minha porta.

- Nuska – pronunciou-se Anu – descubra quais foram os trabalhadores que organizaram o motim. Descubra quem cercou sua porta. Este é meu comando. Faça-os vir aqui.

Chegando à porta, Enlil ordenou:

- Vizir Nuska, abra – disse Enlil em frente à porta – Pegue suas armas, seu arco e

ponha-se diante de mim. Vim para saber quem está a cargo do motim? Quem está a cargo da batalha? Quem declarou guerra? Quem se fez presente à minha porta?

Nuska abriu a porta e o acompanhou.

Diante dos deuses, na assembleia, foram repetidas as perguntas: “Quem está a cargo do motim? Quem está a cargo da batalha? Quem declarou guerra? Quem se fez presente à porta de Enlil?”

- Enlil! – pronunciou um dos deuses menores com arco-e-flecha em punho na assembleia de todos os deuses – Cada um de nós declarou guerra. Todos! Nós paramos as escavações. O trabalho é excessivo, e está nos matando. O trabalho é muito pesado para nós. Então cada um de nós, deuses menores²⁰, concordamos em declarar a guerra.

Enlil escutou o discurso. Lágrimas fluíram por seu rosto. Enlil pôs-se diante de Anu.

- Oh nobre Anu. Você nos céus é o todo-poderoso. Com todos os anunnaki diante de você. Chame um dos deuses e decrete a sua destruição²¹.

Ao ouvir isto Nuska e todos os outros empunharam suas armas, em sinal de desagrado. Nuska pronunciou-se:

- Buscaram-me à minha porta com as perguntas, cujas respostas pronunciei

diante de todos.

A tensão tomara conta da assembleia. Enki, entretanto, que até o momento estava calado, tomou a palavra.

- Por que estamos culpando-os? O trabalho é pesado, todos o sabemos. Todos os dias a terra estremece com o som alto das escavações. Diante de nós – disse apontando – está a deusa Ninhursag²², a deusa do útero. Permitam-na criar uma descendência. Deixe que a descendência suporte o jugo do trabalho.

- Você, oh deusa Ninhursag, você que é a deusa do útero, seja a criadora da humanidade, crie um mortal para suportar o jugo. Deixe os demais deuses em paz do trabalho de Enlil – comentou um dos deuses para que a deusa falasse.

- Não sou eu quem deve fazer. É Enki quem deve preparar a atividade. Deixe-o manusear a argila para que eu possa semear em meu ventre e originá-la.

Enki tomou a palavra.

- Na primeira quinzena do mês eu deverei purificar-me em um banho. E então um deus deve ser abatido²³. Os deuses serão purificados em imersão. Ninhursag deverá misturar o barro com a carne e o sangue. E então de um deus e de um homem, misturados em barro um novo ser surgirá. Deixe que um fantasma possa emergir da carne de um deus, deixe-o proclamar sua existência pelo sinal da vida, e deixe com que o fantasma se faça vivo, para que o deus não seja esquecido.

Todos os anunnaki responderam positivamente, assinalando o destino.

E então, depois que os dias passaram o destino foi selado.

Entre os dias sete a quinze do mês, Enki realizou a purificação. Um deus foi sacrificado conforme combinado na assembleia. Ninhursag misturou a argila, com a carne e o sangue. Uma batida se fez ouvir. Um fantasma emergiu da carne do deus, e Ninhursag considerou como um sinal da vida. O deus existiu para não mais ser esquecido e a deusa misturou com argila. Ninhursag conclamou uma assembleia e pronunciou:

- Eu o carreguei perfeitamente, cumpri o trabalho a mim confiado. O deus sacrificado manteve a sua inteligência, e espírito no novo ser. O homem recebeu o jugo pesado. Os demais deuses estão libertos. Eu os garanti liberdade.

Os deuses menores beijaram os pés da deusa, dizendo.

- Antes a chamávamos de Ninhursag, a “Senhora da Montanha Sagrada”. Agora será conhecida como a deusa Mami, “Senhora de todos os deuses”.

Enki e Mami entraram no quarto do destino. As deusas do ventre estavam reunidas. Enki manuseou o barro diante dela. Mami recitou um encantamento. Assim que o encantamento terminou, ela cortou quatorze pedaços de barro, colocando-os sete à direita e sete à esquerda. Separando-os ela usou um tijolo de barro. Com uma palheta ela cortou o cordão umbilical. Chamou as sábias e experientes deusas do ventre, sete e sete. Sete machos foram criados, sete fêmeas foram criadas, a deusa do ventre, Mami, senhora de todos os deuses os criou, e criou seu destino.

Separados dois a dois ela ditou as regras:

- Na casa de uma mulher que estiver dando à luz um tijolo de barro deve ser colocado por sete dias. Eu, Belet-ili, a sábia deusa Ninhursag deverei ser honrada. A parteira deverá estar presente na casa da mulher que der à luz. E quando a mulher der à luz, do seu bebê deverá ser separada. Nos jardins e caminhos, esposa e marido escolherão um ao outro. No jovem homem, uma barba poderá ser vista.

As deusas do ventre se reuniram com a deusa Mami. Fixaram o décimo mês como termo do destino. Quando finalmente o décimo mês chegou, Mami definiu uma equipe e um útero resolveu abrir. Seu rosto estava alegre e feliz. Ela cobriu a cabeça e realizou o serviço de obstetrícia. Mandou que colocasse um cinto, e a abençoou. Em seguida pôs farinha e colocou um tijolo de barro.

- Eu fiz, eu mesma fiz! Minhas próprias mãos o fizeram – pronunciou com entusiasmo - sempre que uma mulher der à luz, o tijolo de barro deve ser colocado. A deusa Mami, deusa do útero, deverá ser honrada. O pano de linho deverá ser deitado. Quando a cama for posta, a esposa e o marido devem escolher um ao outro. Inanna²⁴, a deusa da fertilidade, deve estar feliz com o relacionamento esposa-marido. E na casa do sogro a celebração deverá ocorrer por nove dias. Eles devem chamar Inanna.

O novo ser então construiu casas, grandes canais e túneis. Eles se apoderaram, fizeram novas ferramentas, picaretas e espadas. Fizeram alimento para eles e para os deuses.

Menos de 600 anos se passaram. E o local estava muito barulhento²⁵. Enlil

incomodou-se com tanto barulho e se dirigiu aos grandes deuses.

- Irei lançar doenças para que se acalmem. Mas ao falar eles não me escutam. Deus Enki, alerte Atrahasis²⁶, pois você é seu deus e ele lhe dá ouvidos.

E então, deus Enki, se pôs diante de Atrahasis. Ele falaria com seu deus, e o seu deus falaria com ele. Atrahasis disse:

- Quanto tempo os deuses nos farão sofrer? Eles nos farão sofrer para sempre?

Enki falou:

- Chame os anciões, os homens mais velhos. Comece uma revolução na sua própria casa. Deixe-os fazer barulho alto na terra. Não reverencie seus deuses, não ore às suas deusas. Procure pela porta de Namtara²⁷. Traga pão assado. E que as ofertas de farinha cheguem até ele. Que ele seja envergonhado pelos pedidos. E limpe suas mãos...

Atrahasis ouviu seu deus. Reuniu os anciões à sua volta e repassou as instruções recebidas.

Construiu-se assim um templo para Namtara, e um barulho alto se fez ouvir. Eles não reverenciaram seus deuses, nem oraram à deusa. E à porta de Namtara, trouxeram pão assado e farinha. Ele ficou envergonhado diante dos demais. E então suas mãos foram limpas. As doenças foram abandonadas. E assim os deuses voltaram regularmente, diante das ofertas.

Enki e Ninmah

28

Naqueles dias, quando o céu e a terra foram criados; naquelas noites, quando o céu e a terra foram criados; naqueles anos, quando os destinos foram traçados... Quando os deuses anunnaki nasceram; quando as deusas foram unidas em casamento; quando as deusas foram distribuídas entre o céu e a terra; quando as deusas engravidaram e deram à luz; quando os deuses foram forçados a ofertar sua comida e dividir seus refeitórios; naquele tempo, quando os deuses anunnaki supervisionavam o trabalho, e os deuses menores suportavam o jugo do trabalho pesado.

Os deuses que cavavam canais e esmagavam o barro começaram a reclamar desta vida. E naquela época, Enki, o de grande sabedoria, o criador de todos os deuses superiores, estava deitado em sua cama, sem acordar de seu sono, no profundo Abzu, nas águas subterrâneas, lugar em cujo interior nenhum outro deus conhece. Foi lá, durante o sono acordado que os deuses disseram, chorando: "Ele é a causa do lamento!"

Namma, a mãe primitiva que deu à luz aos deuses mais antigos, levou as lágrimas dos deuses para aquele que dormia, para aquele que não acordou de sua cama, para seu filho:

- Você está realmente deitado aí dormindo, e²⁹ não está acordado? Os deuses, suas criaturas, estão esmagando seus Meu filho, acorde da sua cama! Por favor, aplique a habilidade derivada de sua sabedoria e crie um substituto para os deuses para que eles possam ser libertados de sua labuta!

Com a palavra de sua mãe Namma, Enki se levantou da cama. Em Hal-an-kug, sua sala de reflexão, ele aborreceu-se. Ele era Enki, o sábio e inteligente, o prudente, o senhor das habilidades, o modelador, o designer, o arquiteto de tudo que as deusas do nascimento trouxeram à vida.

Enki estendeu o braço sobre a criação. E depois voltou a atenção à criação. E refletindo sobre o assunto, disse à sua mãe Namma:

- Minha mãe, a criatura que você planejou realmente existirá. Imponha a ele o trabalho de carregar os cestos. Você deve amassar barro do topo do abzu; as deusas do nascimento arrancarão o barro e você trará a forma à existência. Deixe Ninhursag³⁰ agir como sua assistente; e deixe Ninimma, Cu-zi-ana, Ninmada, Ninbarag, Ninmug, Ninguna aguardam enquanto você dá à luz. Minha mãe, depois que você decretou seu destino, deixe Ninhursag impor a ele o trabalho de carregar os cestos³¹.

Enki trouxe alegria ao coração deles. Ele preparou um banquete para sua mãe Namma e para Ninhursag. Todas as princesas, as deusas do nascimento comeram junco e pão. Anu, Enlil e o senhor Nudimmud moldaram crianças sagradas. Todos os deuses mais antigos elogiaram:

- Oh senhor de amplo entendimento, quem é tão sábio quanto você? Enki, o grande senhor, quem pode igualar suas ações? Como um pai corpóreo, você é aquele que tem o poder de decidir destinos, na verdade, você é eu.

Enki e Ninhursag beberam cerveja. Seus corações ficaram exultantes, e então Ninhursag disse:

- Enki, o corpo do homem pode ser bom ou mau e se eu considero um destino bom ou mau depende da minha vontade.

Enki respondeu

- Ninhursag, vou contrabalançar qualquer destino - bom ou mau - que você decidir.

Ninhursag pegou o barro do topo do abzu em sua mão e com ele moldou primeiro um homem que não conseguia dobrar as mãos, que eram estendidas e fracas. Enki olhou para o homem que não pode dobrar suas mãos fracas e estendidas, e decretou seu destino: ele o nomeou servo do rei.

Em seguida, o segundo, ela criou um homem com os olhos constantemente abertos. Ao homem com os olhos sempre abertos Enki decretou seu destino atribuindo-lhe as artes musicais, e tornando-o o chefe, na presença do rei.

Logo depois, os terceiros, que ela formou; um com os dois pés quebrados; outro com os pés paralisados. Enki olhou para aquele com os dois pés quebrados e para aquele com pés paralisados. Ninhursag formou ainda um terceiro, que nasceu idiota. E o destino decretado foi ser servo do rei.

Depois, o quarto. Ninhursag criou um que não conseguia controlar sua urina. E Enki olhou para o homem que não conseguia conter a urina e deu-lhe banho com água encantada, expulsando-lhe o demônio³² Namtar³³ do seu corpo.

Depois, o quinto, Ninhursag moldou uma mulher que não podia dar à luz. Enki decretou o destino da mulher estéril: ele a fez pertencer à casa da rainha. Como uma tecelã, moldava e pertenceria à família da rainha.

Depois o sexto, Ninhursag moldou um sem pênis ou vagina no corpo. Enki olhou para o corpo sem pênis ou vagina e ordenou-lhe que ficasse em pé de frente para o rei.

Ninhursag jogou a argila arrancada de sua mão no chão. E um grande silêncio se fez. O grande senhor Enki disse a Ninhursag:

- Eu decretei o destino de suas criaturas e dei a eles o pão de cada dia. Venha... Agora vou formar alguém para você... e você deve decretar o destino do recém-nascido.

Enki concebeu uma forma com cabeça, e uma boca no meio, e disse a Ninhursag:

- Despeje o sêmen ejaculado no útero da mulher e a mulher dará à luz com o sêmen do seu útero.

Ninhursag cuidou do recém-nascido... Este era Umul: sua cabeça estava aflita, seus olhos foram afetados, seu pescoço foi afetado. Ele mal conseguia respirar, suas costelas estavam trêmulas, seus pulmões estavam afetados, seu coração estava afetado, seus intestinos estavam afetados. Com sua mão e sua cabeça pendurada, ele não conseguia colocar o pão na boca; sua coluna e cabeça foram

deslocadas. Os quadris fracos e os pés trêmulos não podiam carregá-lo. Enki o moldou dessa maneira.

Enki disse a Ninhursag:

- Para suas criaturas, decretei um destino, dei-lhes o pão de cada dia. Agora, você deve decretar um destino para minha criatura, dê-lhe o pão de cada dia também.

Ninhursag olhou para Umul e se virou para ele. Ela se aproximou de Umul e fez perguntas, mas ele não conseguia falar. Ela ofereceu-lhe pão para comer, mas ele não conseguia alcançá-lo. Ele não podia deitar-se, ele não podia... ele não podia, ele não podia.... ele não podia.

Ninhursag respondeu a Enki:

- O homem que você moldou não está vivo nem morto. Ele não pode sequer se sustentar.

Enki respondeu a Ninhursag:

- Decreei um destino para o primeiro homem com as mãos fracas, dei-lhe pão; decretei um destino para o homem que não podia ver, dei-lhe pão; decretei um destino para o homem com os pés paralisados e quebrados, dei-lhe pão; decretei um destino para o homem que não conseguia reter a urina, dei-lhe pão; decretei um destino para a mulher que não podia dar à luz, dei-lhe pão; decretei o destino

de quem não tem pênis nem vagina no corpo, dei-lhe pão. Minha irmã³⁴, "

Ninhursag respondeu a Enki³⁵:

- Você não mora no céu, você não mora na terra, você não sai para olhar a Terra. Você não mora onde minha casa está construída... mas lá, suas palavras não são ouvidas. Onde você não mora, mas onde minha cidade foi construída, eu mesmo estou silenciada. Minha cidade está em ruínas, minha casa está destruída, meu filho foi levado cativo. Eu sou um fugitivo que teve que deixar o Ekur³⁶, mesmo eu não consegui escapar de suas mãos.

Enki respondeu a Ninhursag:

- Quem poderia mudar as palavras que saíram da sua boca? Remova Umul do seu colo. Ninhursag, que seu trabalho seja, você para mim o que é imperfeito; quem pode se opor a isso? O homem que eu formei, depois de você... que reze! Hoje que meu pênis seja louvado, que sua sabedoria seja confirmada! Que o enkum e o ninkum proclamem sua glória ... Minha irmã, a força heroica A canção a escrita (?). Os deuses que ouviram deixem Umul construir Minha casa³⁷

Ninhursag não podia rivalizar com o grande senhor Enki. Enki, seja louvado!

A criação: imagem e semelhança

Se há ordem no Universo, se o Universo é cosmos, e não caos, é possível observar que dentre os deuses, a hierarquia também se faz presente. É possível perceber que há o comandante Enlil, deus dos ventos, Enki, o deus da sabedoria, Ninhursag, a deusa do ventre e acima de todos estes, Anu, o deus do céu, conhecido como o pai dos deuses. Cada um deles têm sua responsabilidade, seu dever e seu nível na hierarquia divina.

Na “Epopéia de Atrahasis”, quando os problemas são apresentados em assembleia, o deus Anu, o supremo deus do céu, era a autoridade que poderia definir o destino. Era visível que até mesmo Enlil, ainda que provocado em sua casa, não poderia iniciar uma guerra ou uma batalha sem o consenso da assembleia e da palavra final de Anu. Ele sugeriu ao supremo deus do céu que executasse um dos organizadores do motim, como prova do destino que aguarda aqueles que se rebelam contra o trabalho pesado; mas foi o mesmo deus Anu quem acatou a sugestão do deus Enki com consentimento da deusa Ninhursag. Estes eram os grandes deuses, que em algum momento do texto são identificados como *anunnaki*. Esta denominação, como explicada em nota de rodapé, é o termo popularizado pelo pesquisador Zecharia Sitchin. Segundo ele o termo significa “Aqueles que do céu vieram à Terra”. Também são chamados como *anunnaku*, *anakim*, *anakins*, deuses *anunna* ou simplesmente *anunna*. Há dois fatos importantes a respeito do termo *anunnaki*: o final *Ki*, cujo significado é Terra e o princípio *Anu*, uma referência ao próprio deus Anu, que também significa literalmente céu ou paraíso, como uma personificação do local. É importante destacar que os termos *anunnaki* e *igigi* determinam uma hierarquia, cujos *anunnaki* são os grandes deuses e os *igigi* os deuses menores.

Se os deuses são chamados *anunnaki*, como popularmente conhecidos, ou *anunna*, como em alguns textos de tradução fidedigna, não há a menor importância. Compreende-se que são deuses, que são deuses grandes ou maiores

que outros, denominados igigi. Observa-se ainda a hierarquia entre as diferentes denominações e a hierarquia entre os próprios grandes anunnaki que devem seguir, todos eles, ao grande comandante da morada celestial, Anu, pai dos irmãos Enki e Enlil e tido como pai de todos outros deuses.

É preciso destacar que embora o termo anunnaki tenha sido popularizado por Zecharia Sitchin e trazido a grande público por ele, foi um acadêmico um dos primeiros a utilizar o termo: George Smith. Este fato não é de conhecimento de grande público e, confesso ao leitor desta obra que em muitos anos de pesquisa sobre o assunto não encontrei nenhum material que trouxesse esta informação. Ao navegar nestes mares foi preciso, de fato, buscar para além das fontes de pesquisa mais simples e diretas. Não encontrei livros impressos ou eletrônicos, vídeos, podcasts ou qualquer outro material que trouxesse tal informação. Garanto a você, caro leitor, que o termo anunnaki pode ser encontrado nas fontes fidedignas de estudiosos dos textos da antiga suméria, tal qual a obra de George Smith. Ao definir o termo anunnaki Smith explica que o termo faz referência à descendência de Anu e, de que o mesmo, é representado pela divindade máxima dos sumérios e acádios. Explica ainda que Anu é o céu, o paraíso e é também o pai de todos os outros deuses e de que anunnaki significa a descendência, ou a geração, isto é, os filhos de Anu, os maiores, os superiores, em relação e contraste, sempre, aos igigi, que são os deuses menores. Ainda nesta obra, adiante, teremos a oportunidade de ler um trecho do livro de Smith.

Outro acadêmico também utilizou o termo anunnaki antes de Sitchin popularizar este termo: Samuel Noah Kramer. O historiador já foi devidamente creditado nesta obra e não voltaremos a versar todos os títulos que o autor merece. Basta, entretanto, que citemos neste momento que ele também fez uso deste termo, anunnaki, antes de Sitchin torná-lo de amplo uso público. Assim como Smith e Kramer outros acadêmicos devem ter feito uso deste termo antes ou após Zecharia Sitchin, o que atesta a seriedade com que o termo anunnaki deve ser tratado.

Voltando nossa atenção aos textos mitológicos que acabamos de ler é preciso

relembrar como é comum, em um primeiro instante assustar-se: afinal, a esmagadora maioria das religiões do mundo são monoteístas. Como é possível, então, que tenham sido vários deuses os responsáveis pela criação dos seres humanos, e não apenas um?

O que há de mais assombroso nesta questão é a conclusão que decorre diante dos seguintes fatos:

Os textos babilônicos são anteriores à redação do Gênesis bíblico;

Os textos bíblicos reafirmam diversas passagens dos mitos mesopotâmicos, como a mistura com argila (ou barro) para criação da humanidade;

Nos textos mais antigos não há apenas um deus, e sim vários deuses.

Observando estes fatos, alguns anos atrás, quando me deparei diante deste quadro fiquei estarrecido. Não havia uma prova cabal, mas um forte indício, uma tendência, de que as narrativas bíblicas, contadas e recontadas, reproduzidas em livros infantis, filmes e disseminada em nossa cultura popular, não passava de uma versão reduzida e até mesmo enganosa de um acontecimento muito maior do que os próprios mitos da criação babilônica revelavam. Para mim, na época em que tive contato com este texto, balbuciei: “Então Deus, o pai bíblico, não é uma certeza”. Este foi o momento crucial. Comecei a buscar evidências e mais evidências. Acumulei milhares de bites de informação virtuais, e livros, que sugerem que Deus, não é uno; não o deus da narrativa bíblica ao menos. Diante de tal perspectiva pensava: “Não pode ser verdade”. Mas observava diante de mim, fotografias dos tabletes de argila encontrados por arqueólogos, traduzidos por lexicógrafos da escrita cuneiforme para o inglês, explicado por especialistas que o texto é mais antigo que a Gênesis Bíblica. Então recordei-me de ter lido algo estranho na Bíblia muitos anos atrás quando lia o mais famoso e mais vendido conjunto de livros, no trecho referente à criação da humanidade. Naquele trecho lê-se: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança” (Bíblia, Gênesis, 1:26). A referência era, então, clara: há plural na frase. Para um buscador como eu os fatos ficavam mais

contundentes à medida que as evidências se revelavam por si mesmas.

Alguns anos depois a mais forte de todas as evidências revelou-se diante dos meus olhos. Tive contato com a versão interlinear hebraico-português do pentateuco. O leitor desta obra deve ter conhecimento de que não sou filólogo, tampouco especialista em hebraico. Mas ao dispor de tal obra em minhas mãos pude observar linha por linha e a cada signo gráfico a correspondente tradução em português. Antes do texto propriamente dito, há um prefácio, em cuja página 9 está reservado um subtítulo interessante: tetragrama e títulos divinos. Está assim transcrito:

“O ATI [Antigo Testamento Interlinear] adota o padrão de transliteração do tetragrama יהוה como YHWH em todas as passagens bíblicas (cf. Gn 2.4), onde consta tal denominação divina. Os demais títulos divinos são traduzidos ou transliterados, quando a situação o exige. O título divino יהוה é traduzido, simplesmente, como Senhor (cf. Gn 15.2). Neste caso em particular, evitou-se tradução hiperliteral de tal teônimo divino que seria algo como os meus Senhores, o que seria inusitado, mesmo em uma tradução literal da Bíblia. O mesmo ocorre em relação à denominação divina מִיְהוָה, que é vertida apenas como Deus (cf. Gn 1.1), que numa tradução hiperliteral seria algo como Deuses [grifo nosso], mesmo em referência à divindade única de Israel. O título divino יְיָ: é transliterado como Elion (cf. Gn 14.18) e a nominação divina אֱלֹהִים é transcrita como El (cf. Nm 23.22). O título divino שַׁדַּי é simplesmente transliterado como Shaddai (cf. Gn 17.1), por causa da incerteza e do desconhecimento de seu significado original na época bíblica. O epíteto divino אֱלֹהֵינוּ é transliterado como Tsevaote (cf. 1Sm 1.3), por não ser possível tradução que possa corresponder à significação exata da referida denominação divina no texto bíblico hebraico.”

Apreciado o prefácio em questão, observemos como está escrito, no texto original hebraico, parte do versículo da criação humana, em Gênesis 1:26³⁸

39

Na tradução para o português, significa: “E disse Deus: façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança”.

Agora observemos a tradução de todos os termos com exceção do termo cuja tradução se refere à deidade criadora.

“E disse : façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança.”⁴⁰

Por fim, relembremos que no prefácio do Antigo Testamento Interlinear citado anteriormente, o termo , em uma tradução hiperliteral significa “Deuses”.

Desta forma, estaria resolvida a questão do plural na criação, compreendendo de que não se trata apenas de um Deus, criador, mas de um conjunto de deidades. Os cristãos ortodoxos, entretanto, diriam que isto é blasfêmia, que o termo é referente a Santíssima Trindade, Pai-Filho-Espírito Santo e que este significa a grandeza de Deus na Trindade. Mas o termo “Santíssima Trindade” foi definido somente no Concílio de Niceia em 325 d.C. e o próprio texto hebraico do pentateuco é mais antigo em pelo menos mil anos. Seria crível tomar a explicação escrita mais de 1000 anos depois? Inclino-me a responder a esta pergunta com um sonoro “não”. O desconforto em concluir de tal forma, tanto a quem lê, quanto a quem escreve, talvez encontre guarida na cultura onde

estamos inseridos, acostumados a não questionar ou desafiar o pensamento tradicional em voga. Por que preferir uma explicação, como a possibilidade do politeísmo na criação humana, quando há teólogos informando do contrário? Judeus, por outro lado, explicam que o termo , significa Elevadíssimo ou Altíssimo, embora exista a compreensão de que o termo é plural.

Uma das outras oportunidades em que o termo ocorre, é em Gênesis 9:1, quando então “Deus lembra de Noé” (ou os deuses lembram de Noé), após o Dilúvio⁴¹. O mesmo símbolo gráfico que significa Elohim ou deuses no plural, aparece novamente em Gênesis 9:8 quando “Deus abençoa” a Noé e sua família após a sobrevivência do Dilúvio na grande Arca. Entretanto, poucas linhas acima, Deus é referido como outro signo gráfico , cuja tradução é o tetragrama YHWA ou Yahweh, quando ele “aspira o suave cheiro” do sacrifício de aves e animais ofertado por Noé em Gênesis 8:20-21.

Para todos os efeitos as escrituras, ora apresentam um termo plural, ora o tetragrama de Javé ou Jeová, mas nas escrituras bíblicas que a maioria dos cristãos possui em suas casas ambos os termos são traduzidos unicamente por Deus, ou Senhor. Mas... o que aconteceria se os termos fossem traduzidos diferente do que estamos acostumados e substituídos por símbolos gráficos ou por traduções literais? Por qual motivo oculta-se o plural das traduções? Considerando que o termo ocorre cerca de 2500 vezes no Antigo Testamento, quantas passagens ou conclusões teológicas poderiam ter alteração de sentido?

No cenário exposto teriam sido todos os deuses, todos os (deuses ou Elohim), que “lembraram de Noé na arca” e que “abençoaram a ele e sua família”. Na montagem do cenário descrito, teria sido, entretanto, apenas um dos deuses, um dos (deuses ou Elohim), o deus expresso no tetragrama (Javé) quem observara o cheiro da fumaça do sacrifício de aves e outros animais, sentindo-se atraído por ela. Mas as bíblias e traduções mundialmente comercializados dizem que: “Deus sentiu o cheiro do sacrifício”, “Deus lembrou de Noé na Arca” e “Deus abençoou a Noé e sua família”, sempre, em todas as oportunidades no termo singular, fazendo referência a existência de um único Deus.

Este foi para mim o momento mais forte e mais chocante de toda minha investigação e pesquisa a respeito de Deus, do Universo e das religiões. É uma fronteira, um limiar, um umbral... Uma porta através da qual um novo ponto de vista se desenvolveria. Eu estava disposto a observar até onde minhas pesquisas me conduziram?

Os textos mesopotâmicos e babilônicos são claros, incríveis e impressionantes. Há diversas fontes confiáveis conforme citado anteriormente. Estudiosos, professores, pesquisadores, PHDs, filólogos, teólogos, filósofos e tradutores bíblicos. Um destes locais digitais seguros de pesquisa, e citados anteriormente é a Enciclopédia de História Antiga, Ancient History Encyclopedia. Ao acessar o portal e pesquisar por “Enuma Elish” somos direcionados a um texto introdutório com considerações, e temos acesso às sete tábuas da criação babilônica, na íntegra, traduzidas para o inglês, de onde a narrativa exposta anteriormente foi baseada. O texto introdutório é de autoria de Joshua J. Mark, publicado em 4 de maio de 2018. Joshua é um escritor independente e professor de Filosofia na Marist College em Nova York. Ele já foi professor de história, literatura e filosofia em nível de Ensino Superior. Joshua Mark, em trecho do texto introdutório ao “Enuma Elish”, assim define:

“O “Enuma Elish” mais tarde seria a inspiração para os escribas hebreus que criaram o texto conhecido hoje como o livro bíblico do Gênesis. Antes do século XIX, a Bíblia era considerada o livro mais antigo do mundo e suas narrativas eram consideradas completamente originais. Em meados do século XIX, no entanto, museus europeus, bem como instituições acadêmicas e religiosas, patrocinaram escavações na Mesopotâmia para encontrar evidências físicas de corroboração histórica da Bíblia. Essas escavações encontraram o contrário, no entanto, uma vez traduzido o cuneiforme, entendeu-se que várias narrativas bíblicas eram de origem mesopotâmica. Histórias famosas como a Queda do Homem e o Grande Dilúvio foram originalmente concebidas e escritas na Suméria, traduzidas e modificadas mais tarde na Babilônia e retrabalhadas pelos assírios antes de serem usadas pelos escribas hebreus para as versões que aparecem na Bíblia”.

Em trecho apresentado ao início deste capítulo foi possível observar que Luiz da Rosa, que foi professor de escrituras sagradas com mestrado em ciências bíblicas afirmou que “a Bíblia foi influenciada pela literatura dos sumérios, sobretudo nos textos do Gênesis, como a criação e o dilúvio”.

Diante de tais fatos, deveríamos continuar crendo na exposição tradicional, de que o termo Elohim, traduzido como Deus na Bíblia, deve ser concebido realmente como uma única deidade, mesmo sabendo que o termo é plural? Deveríamos supor nas acepções de compreensão teológica, seja ela judaica, cristã ou islâmica, em detrimento das conclusões da filologia? Continuaríamos ainda a supor Yahweh como o único e verdadeiro Deus se especialistas afirmam a precedência dos textos politeístas mesopotâmicos em relação ao Gênesis?

Mauro Biglino é historiador e tradutor. Traduziu 17 textos massoréticos bíblicos do hebraico para o italiano, sua língua vernácula. Mauro traduziu textos bíblicos para os livros da editora italiana San Paolo. A Edizioni San Paolo é especializada em Teologia, Bíblia, História da Igreja e Literatura Infantil. Biglino, que se dedica ao estudo de História das Religiões há mais de trinta anos, tem proferido palestras, conferências e publicado diversos livros nos últimos anos. Infelizmente não conheço o idioma italiano e tive contato com apenas uma obra que foi traduzida para o português de Portugal “A Bíblia não é um livro sagrado: o grande engano”. Na obra Mauro Biglino tece uma análise histórica demonstrando porque o livro mais vendido do mundo, ao menos o Antigo Testamento, não trata a respeito de Deus, mas de várias deidades.

“O indivíduo que conhecemos com o nome de Yahweh, de fato, não era e não é Deus, mas um dos Elohim, e ele reafirma isto cada vez que se apresenta, definindo-se o Elohim exclusivo daquele povo e não das outras nações. A fórmula ‘o Elohim de Israel’ está constantemente repetida, e testemunha a necessidade de apresentar uma exata certificação como se fosse um tipo de documento de identidade ante litteram, ou seja, por antecipação. Ele sentia sempre a necessidade de lembrar que era o Elohim que tinha chamado Abraão

da terra de Sumer, onde morava, a fim de levá-lo a Canaã para lutar. Era ele quem tinha aterrorizado Isaac com a encenação do falso sacrifício, e depois voltado a avaliar até onde chegava a fidelidade de Abraão, sendo que ele, na qualidade de Deus, deveria conhecê-la sem ter necessidade de arquitetar uma cena assim tão dramática. Não é por acaso Deus quem lê no coração do Homem? Mas já entendemos que ele não era Deus. (...)

Esses Elohim eram uma casta de indivíduos que, como já foi dito, significa o comando de Elyon, termo que, como já foi dito, significa ‘aquele que está em cima’, ‘superior’, e que as traduções, usam com o epíteto ‘Altíssimo’. (...)

Não deve passar despercebido um elemento interessante: o termo Elyon da Bíblia carrega, substancialmente, o mesmo significado que Anu, presente nas tábuas cuneiformes, onde ambos remetem para o conceito de estar no alto, de estar em cima, pois a sílaba An, era pictograficamente representada por uma estrela.” (Mauro Biglino, A Bíblia não é um livro Sagrado, p. 58).

Além disto, esta distinção que Mauro Biglino aponta, entre o que se considera Deus, o único, Yahweh, mas que na verdade é apenas um dentre tantos, pode ser observada na apresentação do livro de Juízes, na Bíblia Online

“Sétimo livro da Bíblia, retrata a história dos juízes, líderes escolhidos por Deus para orientar o povo de Israel após a conquista de Canaã contra a opressão de monarcas estrangeiros. Os juízes eram considerados modelos de sabedoria e fidelidade ao Senhor.

Ao longo de 21 capítulos, podemos entender que já em Canaã, o povo de Israel passa a adorar outros deuses, rompendo assim, a aliança com Deus.

(Bíblia Online, parte do texto de abertura do livro de Juízes).

Se a leitura isolada dos textos bíblicos e do texto introdutório ao livro de Juízes pode parecer estranha, ao lermos a explicação de Biglino a respeito de Yahweh ser o Elohim de Israel, o texto acima começa não somente a ficar mais claro, mas totalmente compreensível. Se adicionarmos a esta receita o ingrediente oferecido anteriormente, de que o termo que é traduzido por Elohim é plural, e de que há o termo plural na Bíblia, que se convencionou traduzir pelo singular Deus, tem-se um bolo pronto, devidamente fermentado e servido à mesa, de onde uma gama enorme de novos questionamentos devem emergir.

A adoração a outros deuses pode ser observada até mesmo no Novo Testamento, quando na primeira carta aos Coríntios (8:5-6), Paulo assim escreve:

“Porque, ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores),

Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele.”

O texto não proclama a existência de outros deuses, mas afirma que existem “alguns” que se autodenominam deuses. E não teria, o próprio Yahweh se autodenominado um Deus e, o único deles? Por qual motivo deveríamos desacreditar de outros deuses que se autodenominam o Deus único, se o próprio Deus em que acreditamos também, por sua vez, se autoproclamou como Deus único? Acaso, em algum momento histórico, nas mitologias ou escrituras, algum mortal proclamou um deus? Ou algum deus, que sempre contactou um mortal e se autoproclamou uma deidade?

Thomas Römer é um especialista da Bíblia no contexto do mundo antigo. Foi nomeado em setembro de 2019 por voto presidencial como novo membro administrador da Collège de France. Ele ministra a disciplina “Bíblia hebraica e seus contextos” na Universidade há mais de dez anos. Thomas foi quem escreveu o texto na página de abertura deste capítulo. Ele é autor de mais de 350 textos científicos. A obra consultada para escrever este livro foi publicada no Brasil pela editora Paulus e está traduzida como “A origem de Javé”. O título original em francês, entretanto, é “L’Invention de Dieu”, que numa tradução literal seria: “A invenção de Deus”. Destacamos que na versão em língua inglesa o título do autor foi preservado, e consta como “The invention of God”.

A obra de Römer se dedica a questão de como o nome de Javé foi forjado como Deus, e em sua concepção de deus único. Desta forma, ele revela a concepção histórica e antropológica do caminho que um deus fez para transformar-se em único e demonstra como nossa civilização criou, ou inventou um Deus para reverenciar.

Em uma passagem marcante do capítulo “O deus de Israel e seu nome”, Römer afirma:

“’No princípio, Deus criou o céu e a terra’. É por essa afirmação muito conhecida que se abrem as bíblias judaica e cristãs. No primeiro capítulo do Gênesis, ‘Deus’ não tem um nome próprio, o que pode parecer normal se considerarmos a Bíblia como um livro monoteísta. Se há um só deus, por que haveria de ter um nome próprio?

Entretanto, olhando mais de perto surge um primeiro espanto. A palavra hebraica que se traduz aqui por ‘deus’ – elohim – tem uma terminação plural e pode também ser traduzida por ‘deuses’. Um deus ou deuses? A mesma palavra pode exprimir o singular e o plural e somente as formas verbais permitem

decidir. Mas essa ambiguidade talvez seja igualmente uma incitação a não decidir. Quereria sugerir que o deus único reunia em si uma diversidade de deuses?”

Voltando a questão da análise mitológica dos textos, a narrativa da criação humana nos textos mesopotâmicos é mais envolvente, mais clara, maior em dimensões e mais crível do que as narrativas dos versículos iniciais do Gênesis. E é possível compreender o polêmico plural no Gênesis bíblico, em “façamos nossa imagem conforme nossa semelhança”.

No texto “Enki e Ninmah” é possível observar as diversas “tentativas” em desenvolver seres humanos e tantas situações diferentes que decorreram desta prática. Infelizmente não é possível distinguir a ordem cronológica ou histórica. Não é possível identificar se as tentativas narradas no texto “Enki e Ninmah” são anteriores, posteriores, ou sincrônicas à “Epopéia de Atrahasis” ou ao “Enuma Elish”. Mas é possível observar que as narrativas demonstram um caminho a ser percorrido até que os filhos dos Anunnaki estejam criados. Isto demonstra um processo, um desenvolvimento, o que pode sugerir até mesmo o método científico, de criação, testes e análises.

Além da questão que sugere um método para a criação, existem ainda alguns componentes interessantes para a criação do corpo material de um novo ser. Há o relato da purificação de Enki, que iria modelar o corpo do novo ser com argila. Esta purificação pode ser comparada a um estado de espírito sagrado, como uma meditação, ou um estado da alma, por exemplo. Poderia ainda representar uma esterilização física, processo pelo qual todos os instrumentos médicos devem passar antes de algum procedimento. Além deste fato, é necessário observar a participação dos dois aspectos necessários à criação: o masculino e o feminino, além do componente barro. Os aspectos masculinos e femininos ligados à criação serão explorados no capítulo 5: o patriarcado e as implicações do deus-uno em relação à crença politeísta.

O barro está presente no mito de criação judaica, que consta na Bíblia. Poderíamos interpretar o barro como um elemento presente na Terra, ou como um conjunto de elementos que contém a matéria prima natural presente no Planeta Terra, ou ainda um recipiente onde o preparo seja feito. Quanto ao aspecto feminino fica clara a ideia de que é necessário um útero para gestar, para fazer nascer o novo ser, além de um seio para amamentá-lo. E o aspecto masculino, pode ser destacado no deus sacrificado ou, ainda, do próprio deus Enki. Há um incrível texto disponível na ETCSL, cuja identificação é 1.1.3 Enki and the world order ou Enki e a ordem no mundo. No texto em questão há uma exaltação, como uma prece em louvor aos deuses, os grandes anunnaki, exaltando Anu, Enlil, Enki e Nudimmud. A exaltação é decorrente de todos os feitos que os grandes deuses fizeram aos homens, tempos depois da criação. Como dar-lhes cidades, grãos, animais, plantas, etc. Em determinado momento do texto, mais precisamente entre as linhas 248 e 266 a narrativa demonstra que Enki olhou para o rio Tigre, ergueu seu pênis e ejaculou, enchendo o rio Tigre com água corrente. A partir disto o rio se alegrou. E Enki levou cevada e o povo poderia comer. Após, há uma exaltação à Enki: “Enki, o senhor dos destinos, Enki o rei do Abzu, que segura um cetro na mão direita”. Nas linhas 86 a 89, antes desta exaltação, portanto, há o relato de que ao comando de Enki os currais foram construídos e cercados, de que quando ele se aproxima do céu a chuva é abundante, de que quando ele se aproxima da terra, as carpas se aproximam, de que nos prados verdes os estoques se acumulam com sua palavra. Todos estes trechos exaltam Enki como um senhor da criação. Há outros belíssimos textos que revelam a proximidade do Deus Enki com os animais, de sua intimidade pastoral, como se ele realmente os tivesse criado, os peixes do mar e os pássaros dos céus...

Zecharia Sitchin dedicou muito tempo de sua vida decifrando e estudando os textos mesopotâmicos encontrados na Biblioteca de Nínive. E a este respeito ele tem uma proposta intrigante sobre a criação humana que será analisada no próximo capítulo.

Independente do que Sitchin - e não somente ele - propõe, voltemos a observar, mais precisa e detidamente, a “Epopeia de Atrahasis”.

Imagino que não exista um texto mais importante, mais esclarecedor, impressionante e estupefaciente do que a “Epopéia de Atrahasis”. É de se ficar boquiaberto com a beleza do texto e a profundidade do seu conteúdo. É possível sentir, na envolvente narrativa, o amor de nossa Grande Mãe, Ninhursag. Fomos gerados em seu ventre e envolvidos em seu manto.

A “Epopéia de Atrahasis” inicia demonstrando a situação dos igigi, cujo trabalho pesado lhes é demasiado penoso e, organizando um motim cercaram o local de moradia do poderoso anunnaki Enlil. Diante da situação problemática foi realizada uma assembleia de deuses onde uma importante decisão fora tomada: a criação de novos seres, uma mistura entre o sangue dos deuses e o barro (ou argila). A deusa Ninhursag gerou o híbrido, entre o sangue dos deuses e o barro, em seu ventre e, desta forma, libertou os deuses menores, os Igigi do pesado trabalho que motivou o motim e a criação do novo ser, que são os seres humanos.

Este enredo básico: deuses maiores criam seres humanos para libertarem os deuses menores do trabalho pesado, faz parte dos três textos apresentados anteriormente: “Enuma Elish”, “Epopéia de Atrahasis” e “Enki e Ninmah”. Em todos eles participam Enki e Ninhursag. Sendo Enki, o arquiteto, o designer, aquele que cria tudo o que as deusas do nascimento fazem nascer e Ninhursag, a contraparte feminina, a deusa da fertilidade e do nascimento. É necessário destacar que, embora o enredo básico seja este, existe um processo pelo qual os seres humanos são criados.

No texto “Enki e Ninmah” observamos sete criaturas sendo criadas, demonstrando um processo, com tentativas e erros; na “Epopéia de Atrahasis” e no “Enuma Elish” observamos que um deus é sacrificado, para que através dele a vida, ou a alma possa surgir.

O paralelo aqui é inevitável. Narra a Bíblia

“No tempo em que o Senhor Deus fez a terra e os céus, não existia ainda sobre a terra nenhum arbusto nos campos, e nenhuma erva havia ainda brotado nos campos, porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse;

mas subia da terra um vapor que regava toda a sua superfície.

O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente.” (Bíblia, Gênesis. 2:5-7)

Se na mitologia hebraica consta que havia um vapor e que Deus fez o homem do barro da terra e inspirou nele um sopro de vida para torná-lo vivo, na “Épopeia de Atrahasis” consta um misterioso fantasma.

“Entre os dias sete a quinze do mês, Enki realizou a purificação. Um deus foi sacrificado conforme combinado na assembleia. Ninhursag misturou a argila, com a carne e o sangue. Uma batida se fez ouvir. Um fantasma emergiu da carne do deus, e Ninhursag considerou como um sinal da vida. O deus existiu para não mais ser esquecido e a deusa misturou com argila”.

Recordo que o primeiro contato que tive com este texto me fez lembrar dos filmes de ficção científica, terror e suspense, nas cenas em que o espírito de alguém que morre se desliga do corpo e fica pairando sobre ele. Em seguida este espírito se liga a outro corpo, apoderando-se dele, animando-o e, a partir de então um corpo passa a não ter mais vida, e o outro ganha esta nova vida.

É claro que esta é minha imaginação sobre o texto. Mas entre “o fantasma que surge de um deus abatido”, “o vapor que subia da terra” e “o vapor soprado nas narinas do homem que faz com que ele estivesse vivo”, na mitologia hebraica, fazem lembrar deste tipo de cena comum aos filmes, tanto quanto o texto mesopotâmico. De alguma forma, o texto mesopotâmico é mais claro e mais envolvente.

Na narrativa da “Epopéia de Atrahasis” não consta o nome do deus que é sacrificado, cujo fantasma é misturado à argila ou barro. Mas no texto “Enuma Elish” é revelado que seu nome é Kingu, que também é conhecido como Geshtu, como o deus que se sacrificou para que o ser humano pudesse ser criado.

Nas traduções do cuneiforme para o inglês consta, de fato, o termo fantasma, como Ghost. No texto o fantasma surge, ou vem a existir quando sai da carne do deus sacrificado (no inglês come into existence from the god’s flesh). Em seguida, consta que o fantasma existe para que o deus morto, ou sacrificado, não seja esquecido. Então este fantasma é misturado à argila. É somente depois que este fantasma é unido à argila que Ninhursag chama os grandes deuses anunnaki e anuncia que o trabalho para o qual estava designada (gerar este novo ser) estava completo, anunciando que os igigi estariam livres do trabalho pesado. Este sublime ato fez com que Ninhursag recebesse um novo título, a Senhora Mami, “Senhora de todos os deuses”.

Se na mitologia suméria/acádia/assíria, os igigi estão libertos do “jugo pesado”, na mitologia hebraica que originou o texto bíblico Deus descansou no sétimo dia, após ter criado os seres humanos.

“Tendo Deus terminado no sétimo dia a obra que tinha feito, descansou do seu trabalho.

Ele abençoou o sétimo dia e o consagrou, porque nesse dia repousara de toda a obra da Criação. Tal é a história da criação dos céus e da terra.” (Bíblia, Gênesis, 2:2-4)

Os paralelos e semelhanças são incríveis. É fascinante como os textos mesopotâmicos são reveladores. De alguma forma, parece que a Bíblia é tão somente uma versão sintetizada dos complexos textos mitológicos sumérios. Uma leitura comparativa ainda mais atenta nos leva forçosamente à observação de como Yahweh reúne em si mesmo diferentes deidades e características. Na realidade o Deus hebraico incorpora todas as características ligadas à criação, seja das deidades mesopotâmicas, seja de uma concepção místico-filosófica tal qual observamos anteriormente na ideia da prima matéria, em Tales de Mileto. Compreendemos então de que forma Yahweh, o autoproclamado deus único, incorporou em si as deidades mesopotâmicas e as características de um Pai místico supranatural, para além da matéria que compõe o universo físico.

Mas os mitos são ainda mais impressionantes quando observamos alguns detalhes, como por exemplo, a forma com que o enigmático número sete aparece incansavelmente. Se pensarmos, então, que estes textos foram descobertos nas escavações em torno de 1850, concluiremos que, de alguma forma alguns elementos, como a mística que envolve o número 7, onde a astrologia, numerologia, ocultismo e a superstição humana têm se debruçado há milênios, sobreviveram, independentemente do restante da história ali contada.

Confesso ao leitor desta obra que fui tomado por uma emoção profunda ao entrar em contato com os textos “Enki e Ninmah”, a “Epopéia de Atrahasis” e o “Enuma Elish” para escrever esta breve análise dos textos. Idealizei a reprodução destes textos e as análises cerca de seis anos antes da redação deste

livro. No período ainda anterior à redação de minha obra “Maya: o código da vida”. E quando pensei analisar este texto subestimei sua importância.

É quando observamos estas passagens que nos conectamos com o nosso longínquo passado e com os primórdios de nossa civilização. E então colocamos no limiar do grande mistério da vida e da grande dúvida que paira a respeito da criação. É quando observamos coisas como Enki purificar-se, expulsar um demônio com uma água encantada, o fantasma de um deus sobreviver à morte do corpo sacrificado e depois, mais tarde ser incorporado junto ao barro que daria origem ao novo ser; a gestação no ventre, cujo tempo desenvolve o fruto da semente divina cuidadosamente preparada e a comemoração de Ninhursag quando afirma “minhas mãos o fizeram”.

Este é o grande mistério da vida, cuja certeza, talvez, nunca venhamos a ter. O texto é ampliado em relação à Bíblia e há menções a outros deuses (assim como a Bíblia o faz através do termo hebraico elohim, embora a teologia que a envolve tenha uma concepção diferente), mas o grande mistério da vida prossegue. É quando adentramos nos detalhes deste texto que observamos que o início da vida humana na Terra, talvez jamais possa ser conhecido através da lógica tradicional.

Há de se ter mais do que somente a lógica para conectarmos-nos com a essência, com a origem do corpo e com a fonte do espírito...

O Grande Dilúvio

42

Naqueles dias o deus Anu reinava nos céus, Enlil, deus dos ventos, comandava a Terra e Enki, deus da sabedoria, reinava nos subterrâneos da água doce; naqueles dias, quando os homens que haviam sido criados para servir aos grandes deuses, feitos de argila, saliva e sangue divino se reproduziam em abundância. Naqueles dias, daqueles tempos, incomodado pelo barulho, o grande Enlil formou uma assembleia.

E então no céu, na morada celestial, os deuses fizeram um concílio. Um dos deuses tomou a palavra:

- Depois de Anu, Enlil, Enki e Ninhursag terem criado os homens de cabeça negra⁴³, a vegetação brotou abundante sobre a Terra e os animais de quatro patas da planície foram sabiamente trazidos à existência. Depois de a realeza ter descido dos céus, depois de a terra sublime e o trono da realeza terem descido do céu à Terra, cinco cidades foram fundadas: Eridu, Badtibira, Larak, Sippar e Shuruppak. As cidades foram estabelecidas como centro de culto.

- Mas agora – tomou a palavra o deus Enlil – a humanidade está crescendo rapidamente. A reprodução desenfreada, a balburdia, a bagunça...

Inanna percebendo a situação entoou um lamento pelo seu povo... em vão! E na assembleia divina a decisão fora tomada: a humanidade fora considerada culpada, condenada a desaparecer. Os deuses Anu, Enlil, Enki e Ninhursag

fizeram um juramento para manter a promessa.

Preocupado com a condenação e a dor humana, o deus da sabedoria, Enki, após refletir consigo mesmo, caiu em um estado semiadormecido. O grande deus Enki, então, tomou uma decisão: notificaria ao seu escolhido, Atrahasis, sobre o acontecimento, para que a semente se mantivesse viva e não perecesse com o dilúvio.

Diante das instalações onde Atrahasis, o excessivamente sábio, se encontrava, o deus Enki assim falou:

- Parede lateral à minha esquerda, pelo Céu e pela Terra... Parede lateral, tenho de dizer-lhe algumas palavras. Permanece junto da muralha à minha esquerda, e diante dela direi. Tome cuidado com as minhas palavras, preste atenção às minhas instruções. Um grande perigo se aproxima! Uma inundação varrerá cidade após cidade. Uma decisão foi tomada. E por ordem de Anu e Enlil que se cumpra. A decisão de uma assembleia divina não pode ser revogada. O seu reinado foi interrompido e a lei terá seu fim, mas a este respeito, seu coração deve estar tranquilo agora. Parede do meu lado esquerdo, preste atenção no que tenho a dizer. Você deverá desmanchar sua casa e construir um barco, rapidamente. Leve-o ao mar de águas doces, carregando-a com o que for necessário. No barco você deverá abrigar animais, posses e toda a sua gente. De hoje até o dia da grande catástrofe você terá sete dias para executar o plano.

E assim, de pé, ao lado da parede, Atrahasis atentamente ouviu tais palavras. Assim Atrahasis relatou:

- Preparei então madeira e piche, desenhei o plano do barco e nele grafiei vários sinais. Todo meu povo contribuiu na construção. Quando a arca ficou pronta, carreguei nela tudo o que possuía; prata, ouro e sementes de vida de toda

espécie; fiz entrar toda minha família; carreguei as bestas grandes e pequenas; ordenei, por fim, que tomassem lugar os artesãos versados nas diversas artes.

Por dias e noites chuvas, ventos e uma forte tempestade varreu a terra, sacudindo a embarcação para todos os lados. Atrahasis, sobre o Grande Dilúvio, assim contou:

- Os espíritos das trevas verteram sobre a terra uma chuva torrencial; eu fiquei observando a tempestade, assustadora de se ver. Quando despontou a aurora, ergueram-se nuvens negras como corvos; os espíritos do mal estavam endiabrados, e toda luz se transformou nas trevas mais densas; soprava impetuoso o vento do meridiano, as águas revoltas alcançaram os montes, desabando sobre os homens. O irmão não reconhecia mais o irmão; até mesmo os deuses tiveram medo do furacão e correram a refugiar-se sobre a Montanha Celeste de Anu, encolhendo-se como cães assustados.

Os deuses, abrigados na morada celestial estavam atônitos. Onde antes havia vida, só havia morte e destruição. Inanna estava arrasada: tudo se transformou em lama, pronunciou, como pude calar diante de tamanha maldade? Inanna, a deusa do amor, da fertilidade e da guerra, derrubou lágrimas de dor pela morte dos humanos...

Arrasados os deuses observaram que tudo estava perdido. Não havia oferendas aos deuses, não havia homens para ofertar-lhes nada. Todos os deuses revoltaram-se contra Enlil. Não era esta a primeira investida do deus que comandava o planeta Terra para destruir a humanidade inteira. Mas dessa vez, Enlil conquistara seu intento.

Atrahasis, então, ao perceber certa calma abriu uma pequena fresta do barco. Pudera observar a luminosidade do outro lado. Prostrou-se ao chão diante da luz.

Em seguida sentou-se chorando copiosamente com o quadro que se revelava adiante: toda humanidade estava exterminada. Tudo que restava era apenas água ao seu redor.

Transcorrido algum tempo Atrahasis pode perceber que sua embarcação estava sobre o Monte Nissir. Então tomou uma pomba, levando-a para fora. Sem lugar para pousar a pomba retornou; algum tempo depois tomou uma andorinha, que igualmente sem lugar para pouso, retornou; por último Atrahasis soltou um corvo, deixando-o partir. O animal voou para longe, pois que as águas estavam baixando, comeu, ciscou a terra e não retornou. Então abriu sua embarcação e permitiu que todos os animais saíssem. Em oferta sacrificou um boi e inúmeros cordeiros, espargindo alguns grãos sacrificiais sobre o topo do monte e queimando o fumo cujo odor sabia que atrairiam os deuses, pelo cheiro reconfortante.

A defumação agradável foi observada pelos deuses que se reuniram ao local do sacrifício. Com a chegada dos entes divinos Atrahasis prostou-se diante de Anu e Enlil, que trataram-no com ternura e respeito.

- Quem é este mortal que conseguiu escapar ao seu destino? Ninguém deveria sobreviver ao meu juízo.

Enki, entretanto, aproximando-se da embarcação afirmou:

- Até agora, Atrahasis, eras um homem mortal. Deste momento em diante, tu e tua mulher serão semelhantes a nós e habitareis longe, perto do mar onde desembocam os rios.

Atrahasis, então, foi estabelecido em um país ultramarino, na terra Dilmun, na terra do sol nascente. Enlil, aceitou, por fim, que a semente da humanidade pudesse continuar para que, então, o serviço aos deuses prosseguisse. Para evitar a reprodução desenfreada e um número maior de humanos Enlil fez com que a humanidade sofresse com infertilidade e mortalidade infantil.

Condenação e salvação divina

Ao realizar pesquisas de mitologia comparada, observando as mais diversas mitologias do mundo é possível atestar que a maioria das tradições versa sobre um dilúvio, da ira de um ou mais deuses, e de um sobrevivente humano. Não é possível afirmar que, em virtude da reincidência da narrativa em diversas culturas do mundo a mesma seja verídica. Mas é possível encontrar algumas explicações lógicas oferecidas pela geografia histórica, quando observa um possível degelo das águas com o fim da era glacial e o conseqüente derretimento de calotas polares, o aumento do volume de água no planeta e a junção de alguns oceanos. Independente disto é impressionante observar a riqueza de detalhes do texto mesopotâmico.

É curioso perceber que se atribua como provável origem para nosso ditado “as paredes têm ouvidos”, à Catarina de Médici. Como os originais do texto acima descrito foram descobertos somente no séc. XIX, talvez a sabedoria popular tenha atravessado milênios como cultura e tradição oral, conectando o homem do séc. XXI à sua salvação, alguns séculos antes de Cristo. Embora nossos livros de história não registrem e relacionem este pequeno fato, com a descoberta das tabuletas de argila cuneiforme no séc. XIX e o relato de uma advertência dada, e atendida, diante de uma parede, talvez devêssemos rever a possível origem de tal ditado. Talvez ele remonte à nossa sobrevivência enquanto espécie, dizendo mais sobre nós do que poderíamos supor à primeira vista.

O texto evidencia o deus Enlil descontente com o “barulho” dos humanos e sua decorrente sentença de destruição, com a qual o deus do céu, o supremo deus Anu, concorda, convocando um concílio de deuses. Alguns de acordo, outros não, tendo sido a decisão tomada, o veredicto fora dado: a humanidade deveria perecer.

Como um pai que ama seu filho o deus Enki, usando de uma técnica muito inusitada, fez uso dos “ouvidos das paredes” para entregar a Atrahasis, conhecido como o Noé babilônico, os planos para a salvação. Ao que parece, pelas narrativas originais cheias de reticências e incompletas, após adormecer, ou em estado semiadormecido, o deus Enki tomara a decisão de salvar a humanidade e os animais, através de um homem: Atrahasis, que também é conhecido pelos nomes Ziusudra, Ziudsura ou Utnapischtim. É interessante observar que Enki toma esta decisão em um estado semi-adormecido, talvez enquanto sonhava, tal qual ocorrera num dos mitos da criação. Este fato não deve passar despercebido a qualquer leitor interessado nas relações entre os mundos onírico e de vigília. Existe uma possibilidade muito interessante que pode ser explorada: talvez os próprios deuses anunnaki pudessem acessar diferentes níveis de consciência através de estados meditativos ou adormecidos.

Voltando nossa atenção à interpretação do mito observamos que ao informar do acontecimento através de uma parede, Enki supostamente não estaria oficialmente comunicando-se com Atrahasis, já que não havia contato visual. Atrahasis, ao lado da parede, como revela cópia de outro texto do mesmo mito, ao ouvir a voz e reconhecê-la, obedece-a sem titubear, sugerindo um contato anterior de respeito, amor e ternura. O reconhecimento da voz do deus Enki poderia ser comparado - e por que não? - ao reconhecimento, respeito, e temor com que Adão possuía pela voz que caminhava no Jardim do Éden, citado no capítulo 1 desta obra.

A narrativa do dilúvio é, não somente envolvente, como também assustadora. Foi este mito mesopotâmico um dos primeiros textos que os estudiosos tiveram acesso. O mito do Dilúvio, bem como a maioria dos demais textos expostos neste capítulo, encontram ecos em diversas versões que pouco diferem umas das outras. Em um texto acádio é possível compreender um determinado trecho, em um texto assírio outro. Esta composição de diversos textos permite compreender e compor o mito, como um todo.

No texto do Grande Dilúvio fica evidenciada a relação tumultuada entre os

deuses. Enki demonstra claramente que desejar salvar a humanidade; Inanna chora a morte dos humanos; Enlil condena a humanidade à morte; Anu chancela à condenação, como o mais poderoso de todos os deuses.

As reações dos deuses anunnaki, se observada à hermenêutica da mitologia hebraica, estão contempladas na reação de Yahweh, o deus único. É ele quem recebe o sacrifício dos animais quem sente o cheiro da fumaça que lhe agrada, quem abençoa a Noé, e quem avisa a Noé da destruição pelo Dilúvio. No texto mesopotâmico, anterior à redação bíblica, mas com descoberta posterior, apenas no século XIX, as ações e reações de Yahweh aparecem desmembradas em diferentes deuses. Outras mitologias que versam sobre um Dilúvio como a grega, nórdica, hindu, africana entre outras também possuem deuses, e não um deus único, no mito do dilúvio devastador.

O tema da Arca de Noé e do Grande Dilúvio sempre foi intrigante. O Grande Dilúvio consta em diversas mitologias ao redor do mundo. Tribos indígenas, com nomes diferentes, também relatam um Dilúvio, uma ira dos deuses, a escolha de um homem, normalmente nomeado sob o título de sábio, uma oferta ou sacrifício aos deuses, e uma salvação.

Irving Finkel é um filólogo e assiriologista. Tive a sorte de conhecer seu trabalho, não em minhas pesquisas individuais, mas em minha atuação como bibliotecário, catalogando uma obra em que Finkel é editor “Sumerian gods and their representations” (Os deuses sumérios e suas representações). Irving Finkel pesquisou exaustivamente a respeito da Arca de Noé. Basta uma breve pesquisa em algum motor de busca na Internet para observar a quantidade de referências a seu nome versando a respeito do interessante trabalho que Finkel produziu.

O pesquisador e curador do Museu Britânico escreveu um livro intitulado “The arch before Noah: decoding the story of the Flood” (A arca antes de Noé: decodificando a narrativa do Dilúvio). Finkel eternizou no título de sua obra algo que este livro vem repetidamente afirmando, que as narrativas mesopotâmicas

são anteriores à redação da Bíblia e da mitologia judaico-cristã. A Revista SuperInteressante, no subtítulo, da matéria sobre o assunto, expõe: “É o que mostra um texto escrito mil anos antes do Velho Testamento”. O mesmo texto da Revista demonstra outra marca desta obra, e que está no subtítulo que atribui a ela, “Deus, o Pai, ou anunnaki?” Busco responder estas perguntas: Um único Deus, ou vários deuses? Monoteísmo ou politeísmo? E também a Revista SuperInteressante, bem como Irving Finkel, destacam as ações antagônicas de Enki e Enlil, demonstrando que na mitologia judaico-cristã, existe apenas um Deus... mas nas mitologias anteriores, são diversas deidades.

Finkel reproduziu uma réplica com as exatas proporções da Arca que constam na mitologia mesopotâmica... e a colocou na água. O texto que Finkel utilizou foi descoberto apenas na década de 1940. No texto havia a descrição exata para construir a arca, com todas as dimensões. Infelizmente a Arca não resistiu sozinha, sem a ajuda de uma bomba, para boiar na água. Entretanto o especialista explicou que o design original é estável para estar na água, e que a embarcação era redonda.

Voltando nossa atenção ao mito do dilúvio propriamente dito, ao observar a questão da desavença entre os diferentes deuses é possível perceber a cisão e o antagonismo entre duas ideias: condenar à destruição ou preservar a criação. Em uma visão que restrinja os acontecimentos a uma única deidade, como ocorre na Bíblia, poderíamos ironizar que se trata de um Deus psicótico, ou ao menos indeciso e contraditório. Se analisarmos em sequência as primeiras ações de Deus para com os homens observaremos o quão contraditórias são as suas ações. Então, por alguns momentos, ignoremos as orientações de Jesus com respeito “a não julgar para não ser julgado” e tenhamos a ousadia de observar e julgar as ações de Deus narrados na Sagrada Bíblia cristã.

Observe o breve histórico a seguir:

Deus cria os homens (Gênesis 1:26). Dá ele o domínio sobre os reinos animal e

vegetal (Gênesis 1:28-30). Coloca-o no Jardim do Éden (Gênesis 2:8). Cria a mulher para que o homem não se sinta só (Gênesis 2:18-22). Proibi-os de comer da árvore do bem e do mal (Gênesis 2:17). Deus procura por Adão (Gênesis 3:8-9). Deus nem sabe que Adão consumiu o fruto da árvore e questiona-o se comeu (Gênesis 3:11). Deus pune Adão e Eva por terem comido do fruto da árvore proibida (Gênesis 3:15-19). Deus fez túnicas para Adão e Eva (Gênesis 3:21). Deus diz que o homem se tornou um deles, sabendo do bem e do mal e para impedir o homem de comer da árvore da vida e ter vida eterna, Deus joga o homem para fora do Jardim do Éden (Gênesis 3:23). Por fim, Deus protege o Jardim do Éden contra a ação do homem (Gênesis 3:24). Deus permite que Adão e Eva tenham filhos, e surgem Caim e Abel. Deus permite que eles tenham ocupações diferentes (Gênesis 4:1-2). Deus se agrada da oferta de um dos irmãos, e se desagrada da oferta do outro (Gênesis 4:4-5). Deus se dá o direito de interrogar por qual motivo Caim ficou irado pela não aceitação da sua oferta (Gênesis 4:6). Deus pune e amaldiçoa Caim por ter matado Abel (Gênesis 4:9-12). Deus escuta o pedido de misericórdia de Caim (Gênesis 4:13:14); Deus abençoa Caim (Gênesis 4:15). Deus se arrepende de haver feito o homem (Gênesis 6:6). Noé, porém, agradou a Deus, pois era um homem justo e Noé andava com Deus (Gênesis 6:8-9). Deus deu início ao Dilúvio (Gênesis 7:12); Deus lembrou de Noé e da Arca (Gênesis 8:1). Diante do suave cheiro da oferta de Noé Deus disse em seu coração que não iria mais amaldiçoar a Terra por causa do homem (Gênesis 8:25).

Tudo é extremamente contraditório. Deus dá e Deus tira; Deus abençoa e depois pune; amaldiçoa Caim e depois o abençoa, mesmo depois de ele ter assassinado Abel, seu irmão.

Quando compreendemos que a mitologia hebraica se origina de narrativas anteriores, onde ao invés de um, há vários deuses, compreendemos que o Deus único exposto na Bíblia é simplesmente uma união de vários deuses, de várias personalidades diferentes. E então, tudo passa a fazer sentido.

Talvez os atos de clemência sejam de Enki e Ninhursag; os atos de ira divina

sejam de Enlil junto, ou não, de seu pai Anu. Não nos é possível afirmar com exatidão. Mas pelas características que conhecemos dos deuses das mitologias suméria, acádia e assíria, talvez seja possível supor desta forma.

E quando transpomos a discrepância entre os comportamentos da deidade única exposta no signo Deus, Senhor ou Altíssimo (que, segundo o estudo filológico das traduções, unifica os termos Elohim e Yahweh em uma única nomenclatura), em contraste com todas as demais mitologias do mundo, como a grega, romana, egípcia, nórdica, hindu, entre tantas outras observamos que vários deuses demonstram ações e reações, sentimentos e emoções diferenciados em relação aos humanos e a natureza.

E a compreensão de que há vários deuses, sendo que um deles convencionou referenciar a si como o único vai ficando mais e mais clara. A própria hierarquia entre os deuses tem reincidência nas mais diversas mitologias ao redor do mundo. Sempre há um Anu⁴⁴, ou Zeus⁴⁵, ou Osíris⁴⁶, ou Odin⁴⁷, entre tantos outros, a depender da cultura a que pertence.

O tradutor Mauro Biglino, citado anteriormente, explica:

“A Bíblia refere-se a uma multiplicidade de outras presenças distintas das dos Adam, indivíduos conhecidos com diversos nomes e ordenados em hierarquias, que ali são assinalados de acordo com a sua função e a sua tipologia física, tanto com nomes genéricos como com nomes próprios. Aqui lembramos alguns deles:

Nefilins, os gigantes, conhecidos também como Refains, Anaquins, Emins ou Zamzumins – enquanto malaquim e shedim referem-se a nomes de grupos. Mas encontramos também os nomes de Baal, Baal-Zafon, Ball-Zebub, Ball-Peor, Milkom, Melkart, Nibaz, Tartan, Adrammelec, Anammelec, que dizem respeito a

nomes próprios.

Grupos e indivíduos conhecidos também por outras culturas, denominados:

Anunnaki, Igigi, Igigu, Dingur, Irsirra, Ilu, Ilanu, acham-se entre os Sumérios e Acádicos;

Neteru, ShamShu-hor, entre os Egípcios;

Viracochas, Quetzalcoatl, nas culturas da América Central e do Sul;

Tuata de Danann e Asi, numa parte do Norte da Europa e na tradição germânica;

Deva para a cultura hindu, etc.” (Mauro Biglino, A Bíblia não é um livro sagrado).

Biglino demonstra, então, que os deuses e entidades divinas que estão presentes em todas as mitologias e culturas do mundo referem-se as mesmas entidades. Podem ter diferentes hierarquias, características, nomes próprios que se confundem, se modificam, mas todas as culturas do mundo versam sobre os mesmos deuses e sobre nossa origem comum.

Parece ser fato, então, que um grupo de indivíduos superiores aos seres humanos esteve no planeta Terra e foram registrados em diversos textos mitológicos, ao

menos para diversos diferentes pesquisadores. Convencionou-se chamar-lhes de deuses e, posteriormente, foram unificados em um único deus, cujas características diversas e, por vezes, antagônicas, foram assumidas por uma única identidade divina.

Ao resgatar, então, as ideias dos filósofos pré-socráticos, observamos de forma ainda mais clara como as diferentes ideias de um criador foram assumidas por uma grande junção entre diversos deuses e, as ideias filosóficas de um deus.

Considerando Yahweh assumido como o Deus único, ou o Senhor que aparece nas traduções bíblicas, convencionou-se atribuir-lhe não só as características de todas as deidades das culturas e mitologias anteriores, como também unir a ele todas as características das filosofias anteriores. Assim, o todo poderoso e autoproclamado Deus único, Yahweh, personificou também a ideia da prima matéria, do deus geômetra ou arquiteto, do “movedor imóvel” que dá início a história do cosmos e do tempo. Assim Yahweh reuniu em si mesmo todos os deuses e deusas que vieram antes dele, além de tornar-se o todo-poderoso e único, o pai, de todos e de tudo que já existia. Assim, tornou-se o todo, imutável e indivisível, que criou os seres humanos, os céus e a Terra. E desta forma, o deus único abarca as características de tudo, da busca de uma explicação para a criação do Universo e, também, dos seres humanos.

Existem diversos estudiosos e especialistas que tem observado, à luz das mais recentes descobertas arqueológicas como, e porque isto ocorreu. Além dos fortes nomes anteriormente citados, como Thomas Römer, professor de Antigo Testamento do Collège de France e da Universidade de Lausanne e Mauro Biglino, tradutor da Bíblia para a editora italiana SanPaolo, cito os nomes de Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman. O primeiro é professor de Arqueologia e diretor do Instituto de Arqueologia Sonia e Marco Nadler, na Universidade de Tel Aviv; o segundo é diretor de interpretação histórica do Centro Ename de Arqueologia Pública e Apresentação do Patrimônio Cultural na Bélgica e editor da revista *Archaeology*. Israel e Neil escreveram o livro “A Bíblia não tinha razão”, retraduzido e republicado no Brasil com o título “A

Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados” pela editora Vozes.

Nas primeiras páginas, no prólogo do livro, intitulado “nos dias do Rei Josias”, os autores afirmam:

“O mundo no qual a Bíblia foi criada não era o de um reino mítico de grandes cidades e heróis sagrados, mas reino minúsculo, no plano terreno, onde as pessoas lutavam pelo futuro contra os medos demasiado humanos da guerra, pobreza, injustiça, enfermidade, fome e seca. A saga histórica contida na Bíblia – desde o encontro de Abraão com Deus e sua jornada até Canaã, da libertação dos filhos de Israel da escravidão por intermédio de Moisés até a ascensão e queda dos reinos de Israel e Judá – não foi uma revelação miraculosa, mas o produto brilhante da imaginação humana.

(...)

O objetivo deste livro é contar a história do antigo Israel e do nascimento de suas escrituras sagradas a partir de uma nova perspectiva, justamente da perspectiva arqueológica. Queremos tentar separar história de lenda. Mediante a evidência das descobertas recentes, construiremos uma nova história do antigo Israel, na qual alguns dos mais famosos eventos e personalidades mencionados na Bíblia desempenham papéis inesperadamente diferentes. Contudo, nosso propósito, no final das contas, não é a mera desconstrução. É compartilhar as noções arqueológicas mais recentes – ainda amplamente desconhecidas fora dos círculos científicos – não só sobre quando, mas também porque a Bíblia foi escrita e ainda tem toda essa força.” (Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman, “A Bíblia desenterrada”).

Os autores explicam que muitos eventos narrados na Bíblia⁴⁸ não ocorreram no

tempo em que foram escritos e nem da forma como foram descritos, segundo as descobertas arqueológicas.

“Um conjunto de narrativas consistentemente usou o tetragrama – o nome de quatro letras YHWH (que a maioria dos especialistas supõe ter sido pronunciado Jahveh) – no decurso de sua narração histórica e pareceu mais interessado na tribo e no território de Judá em seus vários relatos. O outro conjunto de narrativas usou o nome Elohim ou El para Deus e pareceu particularmente preocupado com as tribos e territórios no norte do país – principalmente Efraim, Manassés e Benjamim. (...)

Todos concordam que o Pentateuco não é uma composição única sem costuras, mas uma colcha de retalhos de fontes diferentes, cada uma delas escrita em circunstâncias históricas diferentes para expressar diferentes pontos de vista religiosos ou políticos.”

Na obra os autores observam como a Bíblia foi escrita, em que contextos social e político, e o que as escavações podem revelar sobre a Bíblia. Interessante observar, em um trecho do livro, a menção aos achados arqueológicos do séc. XIX.

“Outra rica fonte de descobertas para a cronologia e as identificações históricas procedeu das vastas planícies situadas entre os rios Tigre e Eufrates, a antiga região da Mesopotâmia. Começando na década de 1840, representantes científicos da Inglaterra, França e, por fim, dos Estados Unidos e da Alemanha puseram a descoberto as cidades, os vastos palácios e os arquivos cuneiformes dos impérios da Assíria e da Babilônia. Pela primeira vez desde o período bíblico, os principais monumentos e cidades daqueles poderosos impérios ocidentais foram trazidos à luz. Lugares como Nínive e Babilônia antes conhecidos em primeira linha através da Bíblia, passaram a ser vistos como as capitais de impérios poderosos e agressivos cujos artistas e escribas documentaram do princípio ao fim as campanhas militares e os eventos políticos

do seu tempo.”

Ao observar a história do mundo, as guerras e a evolução do pensamento religioso e até político, que por muito tempo estiveram combinados em um só, é possível observar problemas diversos que ocorreram devido a adoção e adoração do Deus único. Uma análise pormenorizada destas consequências estão expostas no capítulo 5, “As implicações do deus-uno em relação aos deuses politeístas”.

Quanto mais observamos os textos mitológicos mesopotâmicos, que estão sendo pouco a pouco descobertos e traduzidos, mais impressionados ficamos com as semelhanças, mas ainda mais com as diferenças e concepções que encontramos nestes textos.

Infelizmente, nem tudo o que foi escavado e descoberto foi transliterado. E do que foi transliterado, um número menor ainda possui tradução disponível. E do que possui tradução disponível um número menor e menor está de fácil acesso. E foi assim que este livro que você tem em mãos nasceu. Das minhas investigações, descobertas e constatações. Exatamente desta minoria. À medida em que você avançar, página a página, imagino que novas questões possam surgir. A escassez de acesso e das traduções são enorme entrave, embora não sejam empecilho a quem desejar investigar as raízes mais antigas e profundas de nossas ligações com o Divino.

Discussão entre o trigo e a ovelha

49

Quando no Alto da colina do céu e da terra, Anu gerou⁵⁰ os deuses anunnaki, considerando que ele não gerou nem criou, grãos com eles, e considerando que na Terra ele não modelou o fio de Uttu, nem arrancou o tear para Uttu. Então, sem ovelhas aparecendo, não havia numerosos cordeiros, e sem cabras, não havia numerosos filhos, as ovelhas também não davam à luz, e seus cordeiros gêmeos e a cabra não deu à luz a seus filhos trigêmeos; os anunnaki, os grandes deuses, nem conheciam os nomes Ezina-Kusu (Grão) ou Ovelha.

Naquele tempo não havia grão de muco de trinta dias; não houve muco de quarenta dias; não houve grão de muco de cinquenta dias; não havia grãos pequenos, grãos das montanhas ou grãos das habitações sagradas. Não havia tecido para vestir; Uttu não havia nascido - não havia turbante real; senhor Nijir-si, o precioso senhor, não havia nascido; Cakkan (o deus dos animais selvagens) não havia saído para as terras áridas. As pessoas daquela época não sabiam comer pão. Eles não sabiam usar roupas; eles andavam com membros nus na terra. Como ovelhas, comiam capim com a boca e bebiam água das valas.

Naquela época, no local da formação dos deuses, em seu próprio lar, no Monte Sagrado, eles criaram ovelhas e grãos. Tendo os reunido na divina sala de banquetes, os deuses anunnaki do Monte Sagrado participaram da generosidade de Ovelhas e Grãos, mas não foram saciados; os deuses anunnaki do Monte Sagrado participavam do doce leite de seu santo redil, mas não eram saciados. Para seu próprio bem-estar no santo redil, eles os deram à humanidade como alimento.

Naquela época, Enki falou com Enlil: "Pai Enlil, agora ovelhas e grãos foram criados no Monte Sagrado, vamos enviá-los do Monte Sagrado". Enki e Enlil, tendo proferido sua santa palavra, enviaram ovelhas e grãos do Monte Sagrado⁵¹.

As ovelhas foram cercadas em rebanho, e então deram-lhes erva e ervas generosamente. Para os grãos, eles fizeram campo e lhe deram arado, jugo e trabalho em equipe. Ovelhas em redil; de grãos em seu sulco havia uma linda garota irradiando charme; erguendo a cabeça erguida do campo, ela foi inundada pela generosidade do céu. Ovelhas e grãos tinham uma aparência radiante.

Eles trouxeram riqueza à assembleia. Eles trouxeram sustento à Terra. Eles cumpriram as ordens dos deuses. Eles encheram os armazéns da Terra com grandes estoques. Os celeiros da Terra estavam pesados com eles. Quando eles entraram nas casas dos pobres que se agacham no pó, eles trouxeram riqueza. Ambos, onde quer que dirigissem seus passos, aumentavam as riquezas da família com seu peso. Onde eles estavam, eles eram satisfatórios; onde eles se estabeleceram, eles eram aparentemente. Eles alegraram o coração de Anu e o coração de Enlil.

Eles beberam vinho doce, desfrutaram de cerveja doce. Quando beberam vinho doce e desfrutaram de cerveja doce, iniciaram uma discussão sobre os campos aráveis, e então, iniciaram um debate no refeitório.

Os grãos chamaram as ovelhas: "Irmã, eu sou o seu melhor; eu tenho precedência sobre você. Eu sou a glória das luzes da Terra. Concedo meu poder ao Sajursaj⁵² ele enche o palácio de admiração e as pessoas espalham sua fama pelas fronteiras da Terra. Eu sou o presente dos deuses anunnaki. Sou o centro de todos os príncipes. Depois de ter conferido meu poder ao guerreiro, quando ele vai para guerra ele não conhece o medo, ele não conhece o vacilo - Eu o faço sair ... como se estivesse no campo de jogo.

Eu promovo a vizinhança e a amizade. Eu resolvo brigas iniciadas entre vizinhos. Quando eu encontro um jovem cativo e dou a ele o seu destino, ele esquece seu coração desanimado e eu libero seus grilhões e algemas. Eu sou Ezina-Kusu, sou a filha de Enlil. Em cabanas de ovelhas e canetas de ordenha espalhadas no Éden⁵³, na planície alta, o que você pode colocar contra mim? Responda-me o que você pode responder! "

Em seguida, a ovelha respondeu aos grãos: "Minha irmã, o que você está dizendo? Um rei dos deuses me fez descer do lugar sagrado⁵⁴, meu lugar mais precioso. Todos os fios de Uttu, o esplendor da realeza, pertencem a mim. Cakkan, rei da montanha, grava os emblemas do rei e põe seus instrumentos em ordem. Ele torce uma corda gigante contra os grandes picos da terra rebelde. A vigilância sobre as tropas de elite é minha. A sustentação dos trabalhadores no campo é minha: a pele de água de água fria e as sandálias são minhas. Óleo doce, a fragrância dos deuses, óleo aromático, óleo de cedro para ofertas são meus. No vestido, meu pano de lã branca, o rei se alegra em seu trono. Meu corpo brilha na carne dos grandes deuses. Depois dos sacerdotes de purificação, dos sacerdotes de encantamento e dos sacerdotes banhados, vestiram-se em mim para minha santa lustração, acompanho-os até minha refeição sagrada. Mas sua grade, arado, amarração e alça são ferramentas que podem ser totalmente destruídas. O que você pode colocar contra mim? Responda-me? O que você pode responder?"

De novo o grão se dirigiu a ovelha: "quando a massa de cerveja foi cuidadosamente preparada no forno e a mistura servida, Ninkasi⁵⁵ mistura para mim enquanto seus grandes bodes e carneiros são despachados para os meus banquetes, são feitos em suas pernas grossas para ficar separados dos meus produtos. Meus produtos invejam seu pastor, nos olhos claros; quando estou em pé no sulco do campo, meu fazendeiro afugenta seu pastor. Mesmo quando eles olham para você, desde o campo aberto até o campo. Em lugares ocultos, seus medos não são removidos de você: cobras e bandidos, as criaturas do deserto, querem sua vida no Éden. Toda noite sua contagem é feita e seu registro é jogado no chão, para que seu pastor possa dizer às pessoas quantas ovelhas existem e quantos cordeiros jovens e quantas cabras. Quando os ventos suaves sopram pela cidade e ventos fortes se dispersam, eles constroem uma caneta de

ordem para você, mas quando ventos suaves sopram pela cidade e ventos fortes se dispersam, eu me levanto como um igual a Ickur, o deus das tempestades. Nasci para o guerreiro - não desisto. A agitação, a cuba nas pernas, os adornos de pastoreio compõem suas propriedades. O que você pode colocar contra mim? Responda-me? O que você pode responder?

De novo a ovelha respondeu ao grão: “Quando você enche a calha, o assistente do padeiro o mistura, e o joga no chão, e a menina do padeiro o achata amplamente. Você é colocado no forno e retirado do forno. Quando você é colocado à mesa que está diante de você - você está atrás de mim. Grão, preste atenção em você! Você também, como eu, deve ser comido. Na inspeção de sua essência, por que deveria ser eu quem ficaria em segundo? Não é mau? O que você pode colocar contra mim? Responda-me o que você pode responder!

Então, o grão se machucou em seu orgulho e se apressou para o veredicto. O Grão respondeu à ovelha: "Quanto a você, Ickur é seu mestre, Cakkan, seu pastor, e a terra seca, sua cama. Como fogo derrubado nas casas e nos campos, como pequenos pássaros voadores perseguidos pela porta de uma casa, você é transformado em coxo e fraco da Terra. Devo realmente inclinar meu pescoço diante de você? Você é distribuído em vários recipientes de medição. Quando suas entranhas são levadas pelas pessoas no mercado e quando seu pescoço embrulhado com sua própria tanga, um homem diz para o outro: "Encha o recipiente de medição com grãos para minha ovelha!". "

Então Enki falou a Enlil: "Pai Enlil, ovelha e grão devem ser irmãos! Eles devem permanecer juntos! Do seu metal tríplice tanto um quanto, quanto outro, a produção não irá cessar. Mas dos dois, o grão será o maior. Vamos ovelhas caíam de joelhos diante do grão. Deixe-a beijar seus pés. Do nascer ao pôr do sol, que o nome do Grão seja louvado. As pessoas devem se submeter ao jugo do grão. Quem tem prata, quem tem joias quem tem gado, quem tem ovelhas, senta-se à porta de quem tem grão e passa o tempo ali.

Na disputa dialogada entre ovelhas e grãos: as ovelhas foram deixadas para trás e o grão avançou - louvado seja o pai Enki!

Caim e Abel

Ao observarmos o texto acima é impossível não recordarmos do Gênesis bíblico quando a maior discussão entre o trigo e a ovelha ou entre a agricultura e a pecuária, termina, não como os grãos sendo feridos em seu orgulho, mas com Abel, o pastor de ovelhas, sendo assassinado. O texto sumério, entretanto, é mais antigo que a Bíblia Sagrada e apresenta versão muito semelhante. É preciso destacar, entretanto, que no mito que lemos, Caim e Abel personificam as ovelhas e os grãos

Na mitologia hebraica, Caim, enfurecido com Deus por não ter aceitado sua oferta de frutos da terra, assassina seu irmão, Abel, cuja oferta de ovelhas e sua gordura havia sido agradável a Deus.

Não são poucas as justificativas teológicas de toda sorte para tal narrativa bíblica. O exercício da leitura bíblica somado com um pouco de imaginação, conhecimento, boa oratória e escrita rende milhares e milhares de seguidores de qualquer ideia. E é capaz de fazer com que nações inteiras pensem ser os escolhidos de Yahweh, o autoproclamado e suposto Deus único.

A passagem de Caim e Abel na Bíblia é normalmente associada ao sacrifício. E é aqui que é respondida, a questão de qual ação é realmente agradável a Deus. Como obter a benção divina?

Na obra “Aliança com Deus”, o Bispo Macedo assim explicita:

“A pergunta é: por que Deus Se agradou da oferta de um e não Se agradou da do outro, se ambas eram espontâneas? Teria Deus sido injusto com Caim?”

Bem, o fato é que embora as duas ofertas fossem espontâneas, representavam também dois corações diferentes e, por conseguinte, dois tipos de oferta: uma, a oferta do reino vegetal – aquela que não faz diferença na lavoura, não machuca nem sacrifica a mãe. Pelo contrário, quanto mais se colhe, mais se reproduz. É o fruto da terra.

O outro tipo de oferta é do reino animal e totalmente oposto à do reino vegetal, tendo em vista que há sofrimento sacrificial, há dor, há separação na família do animal sacrificado, enfim, há um derramamento de sangue, sem o qual não pode haver perdão de pecados, pois como está escrito: ‘... e, sem derramamento de sangue, não há remissão’ (Hebreus, 9.22), ‘Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestimentas no sangue do Cordeiro, para que lhes assista o direito à arvore da vida, e entrem na cidade pelas portas’ (Apocalipse, 22.14).

Isso significa dizer que o sacrifício que não requer sangue também não tem o direito de alcançar a vida eterna. Por isso mesmo fez-se necessária a morte do Senhor Jesus Cristo com derramamento de sangue. [...]

O sangue é o elemento fundamental numa aliança com Deus. No homem, representa a própria vida, assim como o coração, que bombeia o sangue para todo o corpo, representa a alma. Num pacto com Deus, era preciso haver um sacrifício com derramamento de sangue, pois o animal sacrificado é o substituto daquele que o oferece.

Sob a Antiga Aliança [pelo termo Antiga e Nova Aliança o Bispo Macedo expõe o Antigo e Novo Testamento, respectivamente], os pecados de uma pessoa somente poderiam ser perdoados mediante a apresentação a Deus, por ela,

através do sacerdote, de um animal para ser sacrificado em seu lugar. O animal era escolhido de acordo com o tipo de pecado cometido.

Ora, sob a Nova Aliança, Deus ofereceu o Seu próprio Filho em sacrifício por todos aqueles que O aceitam como seu substituto. A partir do momento em que a pessoa aceita o sacrifício do Senhor Jesus como o pagamento do seu pecado, fica livre do jugo do diabo, e passa a viver em comunhão estreita com Deus, numa aliança eterna.”

Fiz questão de trazer o trecho acima, embora ele seja extenso. Era preciso demonstrar como as passagens bíblicas podem ser utilizadas para fins teológicos. E considerando o texto de Macedo como Teologia e Liturgia, devo afirmar que o Bispo não está errado, embora eu não concorde em absolutamente nada com este ponto de vista.

O termo sacrifício pressupõe algo sacro, o que remete a um serviço, ou oferta a Deus, um ofício divino. A fé cristã tradicional pressupõe sempre um sacrifício. É através do sacrifício de Jesus Cristo que o pecado do mundo está limpo e redimido. Em João (1:29), consta “... Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. Jesus é o Cordeiro de Deus, o Agnus Dei, em latim. Este trecho é recitado em canto gregoriano, muitas vezes, a provocar lágrimas dos fieis.

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis.

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis.

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, dona nobis pacem.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, dai-nos a paz.

O que se afirma na fé cristã durante a celebração de uma missa é a consagração do sacrifício de Jesus Cristo pela remissão dos pecados do mundo. Para salvar a humanidade, Deus se fez carne e sacrificou-se na cruz, com o derramamento de sangue⁵⁶. E é assim que Macedo afirma “Isso significa dizer que o sacrifício que não requer sangue também não tem o direito de alcançar a vida eterna”.

Se transpormos tal pensamento a outros textos religiosos sagrados, veremos que o Islã também possui passagens semelhantes, que antagonizam, entretanto, com quem de fato são os escolhidos de Deus... cristãos ou islamitas?

Conquistar o apoio e a escolha divina sempre esteve nas ambições humanas. E é assim até hoje, em um estádio de futebol, quando observamos, antes de uma decisão importante, dois times em campo, um de cada lado do círculo central do gramado, abraçados formando um círculo, símbolo que pressupõe sem início e sem fim, uma aliança, orando a Deus pela sua vitória. Qual dos times alcançará a preferência divina, a do time da direita... ou da esquerda?

Em outros locais, como em um hospital, doentes terminais oram a Deus pedindo por sua bênção, para que lhes sejam poupadas suas vidas e seu sofrimento. A qual destes Deus preferirá?

A ideia da preferência divina, da salvação sempre pressupõe uma escolha, de qual sacrifício é agradável a Deus. E, invariavelmente, o derramamento de sangue que varreu a história sempre demonstra o antagonismo, a rivalidade, os dois lados de uma queda de braço, onde de um lado põe-se Deus, do outro, na concepção de muitos, o Diabo. Qual de nós gostaria de ser Abel, assassinado por Caim? Ou talvez queira ser um sacerdote egípcio, vítima da ira divina no episódio das Sete Pragas do Egito. Quem iria querer adorar Osíris, se Yahweh viria a destruir o Egito para libertar o povo hebreu, que era o Seu povo, da escravidão?

É preciso destacar que para a psique é sempre oportuno separar-se do mal, mantendo um distanciamento seguro para a formação do ego, desde a mais tenra idade. Dizer “eu sou isto e não sou aquilo”, negando a um dos lados e expulsando o mal para fora de si, delegando-o a deuses, demônios ou diabos é uma ideia útil à sobrevivência e ao desenvolvimento sadio da mente. É um comportamento esperado. Mas precisamos, após certa idade e maturidade, parar de negar o lado oposto, compreendendo-o como um diferente ponto de vista e não como a negação e a personificação de todo o mal que existe.

Éden: o Jardim dos Deuses

Na tradição hebraica o Éden é o paraíso onde Yahweh colocou o homem e criou Eva como companheira. Lá, havia duas árvores que tinham frutos proibidos, a árvore do conhecimento do bem e do mal, e a árvore da vida eterna. A serpente, a mais astuta dos animais, sabiamente tentou Eva, oferecendo-lhe o fruto proibido, que lhe daria o conhecimento do bem e do mal. Eva comeu e ofereceu do fruto a Adão. Entretanto, quando Yahweh se aproximou, Adão escondeu-se, pois tinha conhecimento que havia feito algo proibido. Adão confessou a Yahweh o que fizeram. A deidade suprema do Éden, na tradição hebraica, puniu a serpente, Adão e Eva. Adão foi condenado ao trabalho e a virar pó; Eva foi condenada para toda vida que gerasse, o fizesse com dor e sua vida fora destinada para o homem. Adão e Eva foram assim, expulsos do Paraíso, por dois motivos: primeiro porque consumiram do fruto da árvore que dá conhecimento do bem e do mal, tornando-se como um deles⁵⁷; e também para que não comessem da outra árvore, da árvore da vida eterna.

A história da expulsão do Paraíso é muito importante, uma vez que é a origem da crença cristã que justifica o Batismo. No Cristianismo que nasceu nas primeiras versões do cânone bíblico, este é o Pecado Original. O Pecado Original é importantíssimo na tradição cristã, uma vez que ele justifica a necessidade do Batismo, que é o Primeiro dos Sete Sacramentos. O sacramento do Batismo marca a apresentação da pessoa batizada a Deus e o perdão do Pecado Original. Sem a justificativa do Pecado Original, o Sacramento do Batismo perderia o efeito e assim, muitos adeptos.

A este respeito existem implicações gigantescas da concepção judaico-cristã da criação da humanidade, do Pecado Original e da expulsão do Éden, uma vez que a grande determinante para os acontecimentos que resultam do estigma da expulsão do paraíso são provocados por Eva, a figura feminina, que por ter se deixado enganar pela serpente, convence o homem a cometer o Pecado. Por este

motivo Eva é tremendamente castigada, pela dor do parto e por ter de viver para o homem. As consequências decorrentes da mitologia estão analisadas no capítulo 5 “As implicações do deus-uno em relação aos deuses politeístas”.

Para as pessoas que não acreditam nos acontecimentos do Éden como verídicos e reais, mas como metáforas, existem outras concepções interessantes. A queda do Éden até a Terra e a consequente punição expõem um descenso, uma descida. E esta descida pode ter diversas interpretações espirituais. Filosofias espiritualistas e esotéricas costumam apontar este descenso como uma queda espiritual, um descenso moral. Pode ser considerada na alegoria de que o homem não pertence ao mundo terreno e, quando a alma ingressa no corpo, ela descende de uma morada celestial, de um Paraíso, de um Éden, encontrando o corpo humano que, como é finito, limita o homem. Outra justificativa para a consideração metafórica dos incidentes do Éden é de que, se no Paraíso a alma é imortal, no corpo a alma é mortal e está presa. Outros consideram ainda que o corpo pode ser considerado uma prisão para alma e de que a morte seja a sua libertação. Outra concepção metafórica para o Jardim do Éden e a expulsão do paraíso é de espiritualistas que acreditam que este descenso significa uma transmigração de almas.

De tantas visões diferenciadas tenho especial apreço tradição da gnose⁵⁸. Os antigos gnósticos afirmam que há uma centelha divina dentro de cada um de nós, que é o atman, que se origina diretamente do Todo ou Incognoscível, do Inefável. Este Todo, é a totalidade e nos seria impossível conhecer, assim como a gota d’água não conhece o oceano. Mas é preciso destacar que este Todo e Inefável é justamente incognoscível, ou seja, não se pode conhecer pela lógica ou pelo conhecimento racional. Portanto, a totalidade seria maior do que aquele que se diz ser Deus. E Deus, seja ele Yahweh, sejam então os anunnaki, seria simplesmente algo como o Demiurgo. Demiurgo é uma palavra grega que significa artesão. E seria então este Demiurgo quem separou a unidade, transformando o universo em uma dualidade, cindindo os seres entre masculino e feminino, dia e noite, bem e mal. Muitos cristãos, padres e conferencistas, acusam a gnose como heresia e divulgam um largo preconceito a respeito desta visão. Mas a verdade é que os antigos gnósticos queriam libertar a centelha divina da vida material, uma vida confusa, e cheia de sofrimento, tal qual o Buda

veio anunciar. A gnose não é a libertação através do conhecimento racional, porém através da experimentação, da meditação e do conhecimento intuitivo. Desta forma é possível perceber mais claramente o próprio mal dentro de nós e entendemos a necessidade que há em combatê-lo, despertando a consciência crística e o nosso cristo interno. Tenho especial apreço pelo gnosticismo⁵⁹, que é demasiado complexo e não pode ser explicado em um espaço tão curto de páginas. Mas gostaria de destacar que quem tem interesse por tal visão pode pesquisar a respeito dos Pergaminhos do Mar Morto ou dos manuscritos de Nag Hammadi, que foram descobertas e passaram a ser objeto de estudo a pouco tempo, em meados do século passado. É também a gnose ou o gnosticismo o fundamento onde se assentam os ideais do movimento New Age ou Nova Era, assim como todas as ideias e ideologias que tem por objetivo despertar a consciência interna para possibilitar a autolibertação. Assim, os círculos modernos de mulheres e homens que buscam o sagrado em si, são igualmente de base gnóstica. Tudo o que pressupõe uma salvação, fora da Igreja tradicional e do sacrifício do próprio Cristo, é visto pelos cristãos mais ortodoxos como heresia.

Considero bastante tentadoras as concepções metafóricas do Jardim do Éden. Entretanto, coloquei-as à prova quando comecei meus estudos de mitologia, dedicando-me com maior profundidade à mitologia suméria/acádia/assíria, justamente por elas serem as primeiras mitologias do mundo, que contém os primeiros registros escritos do mundo, da primeira civilização humana na Terra, segundo o conhecimento acadêmico mais recente.

São diversas mitologias que possuem um Jardim dos Deuses, um Éden ou um Paraíso, de onde a vida é imortal e tudo existe em abundância. O Monte Olimpo na Mitologia Grega, o Valhala na mitologia nórdica, entre outros nomes, em outras mitologias. Mas ao observar a Mitologia Suméria, algo curioso acontece.

As traduções para o inglês costumam expor os termos Plain ou High Plain, que em português pode ser traduzido como planícies ou planícies altas. O mais curioso é de que, apesar de o termo ser traduzido de tal forma, na transliteração do cuneiforme, encontramos os termos edin ou an-edin. Edin foi então compreendido como planície e an-edin como planície alta. Observe que o prefixo An significa alto. E An é o nome de Anu na Civilização Suméria (lembrando que o nome Anu é o mesmo deus An, que ficou conhecido como Anu na acádia, sendo este último nome, seu nome mais conhecido e, justamente, por isso adotado nesta obra e em tantas outras). Tal concepção deve nos relembrar da citação que fiz ao tradutor italiano Mauro Biglino, que explicou que “Elohim era uma casta de indivíduos que significa sob o comando de Elyon, termo que significa ‘aquele que está em cima, superior ou altíssimo’”. Ainda segundo Biglino, já citado anteriormente, o termo Elyon da Bíblia, carrega o mesmo significado que Anu, que remete ao conceito de estar no alto, que era pictograficamente representado por uma estrela. O próprio George Smith, um dos primeiros a entrar em contato com os mitos mesopotâmicos diluvianos, também afirmara o mesmo com relação a Anu.

Sabendo dos significados que carregam, das traduções e das transliterações, poderíamos também pensar em edin como planície, e a planície alta, como o an-edin, ou o próprio edin de An, ou a planície que pertence ao deus Anu, do Altíssimo, ou o mais alto Éden, a mais alta morada celestial, a morada de Deus – o Pai de todos os demais. Seria então o Éden, o Jardim Altíssimo de Anu, o pai dos deuses?

Para todos os efeitos, parece óbvio supor que o termo Éden deriva do termo sumério/acádio, transliterado como Edin. Devemos lembrar, entretanto, que estas tabuletas foram descobertas somente em 1850 e algumas foram transliteradas e traduzidas, outras ainda não. Então, quando tal suposição é feita temos toda a tradição judaico-cristã já estabelecida, de eras e eras a perder-se na noite dos tempos, afirmando que o Éden é um lugar sagrado, e de que o mesmo se origina na Torá hebraica. E é exatamente desta forma que os religiosos tratam a questão. A concepção teológica do Éden, sem dúvida alguma, dita a interpretação popular que desconhece que o termo pode ser entendido como a terra Alta, que pertence ao deus An (ou Anu). Esta “terra alta” com a propriedade de Anu, pode ser o

nosso clássico “céu” ou “paraíso”, o próprio “éden” dos desenhos animados, no alto das nuvens, na abóboda celeste, com uma plaquinha de madeira pregada indicando o dono de tais propriedades celestiais: Deus, o Pai. Neste caso, o Edin pertence a Anu. Este seria o An-Edin, ou o Edin de An, o Éden de An. Esta talvez seja uma experiência chocante aos leitores deste livro. E isto talvez seja tão chocante para você, quanto foi para mim. O Éden prometido pela Teologia, se admitida pela primeira mitologia da primeira civilização humana, não é nada mais nada menos do que uma alta planície da propriedade do maior de todos os deuses do panteão sumério.

Pessoalmente, afirmo que conheci o “tema suméria” através de Zecharia Sitchin. E, segundo ele, existia o termo Edin na Mitologia Suméria. Mas sempre que eu lia as traduções do cuneiforme para o inglês, nunca observava tal termo. Descobri que de fato existe o edin na literatura suméria, somente quando pesquisei as transliterações e observei os termos edin e an-edin, traduzidos como Plain e High Plain⁶⁰. O leitor que quiser pesquisar por si mesmo raramente conseguirá encontrar textos que tragam em inglês o termo edin. As traduções sempre trazem “planície” ou “planície alta” o que dificulta a pesquisa e nos instiga a pensar: a quem interessa manter omissa a informação de que o Éden consta em uma mitologia anterior (mais antiga) do que a hebraica de onde as ovelhas e os grãos desceram para o alimento e sustento humanos?

E é lá, nas altas planícies do Éden onde as coisas mais curiosas acontecem. No texto que apreciamos observamos como as ovelhas e os grãos desceram do Monte Sagrado. Esta é uma das tantas passagens da mitologia que eu afirmo a diversas pessoas: “Está lá e eu li com os meus próprios olhos que as ovelhas e os grãos desceram do Monte Sagrado e foram colocadas na Terra pelos deuses, sob a licença do poderoso Pai dos deuses, Anu”.

Se cruzarmos esta informação com a observação de diversas passagens bíblicas, não devemos esquecer que o cheiro da fumaça do sacrifício de animais, como o cheirinho da carne de ovelha ao fogo é muito agradável ao deus único judaico-cristão, Yahweh. Na Bíblia, após o episódio do Dilúvio, Noé sinaliza aos deuses

com o sacrifício de um animal, cujo cheiro exalado atrai Yahweh. Este paralelo é interessante e não devemos nos furtar de fazê-lo. A predileção de Yahweh por Abel e pelas ovelhas é similar à predileção dos anunnaki pelas ovelhas, em detrimento dos grãos.

O texto acima é incrível, pois demonstra como alguns alimentos que temos até hoje, se originaram dos deuses. É uma reação em cadeia, se observarmos assim: desde que nascemos conhecemos estes alimentos. Na historiografia, eles sempre foram registrados como alimentos. Se voltarmos no tempo, em direção ao Renascimento, Idade Média, Início da Era Cristã, Antigo Egito, e retornarmos cada vez mais e mais na História, chegaremos até a Suméria, quando no espaço entre os rios Tigre e Eufrates (que origina o termo mesopotâmia, ou terra entre rios), inicia a história da civilização, quando os humanos deixam de ser nômades, e estabelecem uma sociedade, dando início a agricultura e a pecuária. É este feito que define a Revolução Neolítica, que marca o domínio dos homens rumo ao estabelecimento de uma civilização. E quando observamos a civilização que iniciou a agricultura e a pecuária, estes apontam em seus registros escritos nas tabuletas cuneiformes, que os animais e os grãos são originários dos deuses, do Alto, do Monte Sagrado, concedidos por Anu, Enki e Enlil para a sobrevivência da humanidade.

E os sumérios apontavam uma união estreita com os deuses, uma convivência direta para com eles. Toda civilização que se desenvolveu na suméria, e todo o avanço que possibilitou o estabelecimento das cidades-estados, conforme explicado no capítulo anterior, são apontados pelos sumérios, como ensinados pelos deuses e, por isto, oferecidos e devotados a eles.

Ao percorrer a literatura suméria e a grande herança deixada na história, observamos constantemente os relatos de que os deuses conviviam diretamente com os homens. Especula-se que eles, por ora, moravam na mesma cidade, noutros momentos, acendiam às suas moradas celestes e, por fim, passaram a ocupar às moradas sagradas em solo, através das edificações chamadas de zigurates.

Os deuses estão sempre acima, e no mais alto possível

Com o passar do tempo, as cidades-estados da Antiga Suméria se estabeleceram ao redor das grandes construções chamadas Zigurates. O mais conhecido de todos eles, figura um grande pleonasma: o Zigurate de Ur é o mais famoso zigurate, da mais famosa cidade Suméria, a cidade de Ur, cidade esta a mais famosa devido ao seu mais famoso morador, que era aquele que na tradição judaico-cristã mudou seu nome de Abrão para Abraão devido a orientação do deus único Yahweh.

Talvez se espante o leitor de que Abraão era um cidadão da cidade de Ur, cidade-estado que pertencia à civilização suméria. E Abraão era membro de uma casta conhecida na Antiga Suméria como os sacerdotes. Os sacerdotes tinham a missão sagrada de atender aos deuses em suas necessidades. E o seu contato com o deus era estreito. Cada cidade-estado possuía ao menos um deus que era guardião da cidade. E os deuses das cidades possuíam contato exclusivo com os sacerdotes e os reis, que eram os responsáveis por intermediar o contato entre os seus deuses e o povo. Ninguém mais deveria acessar os zigurates. Principalmente as partes internas dos zigurates jamais eram acessadas por ninguém mais do que os sacerdotes e os membros das mais altas classes, que obviamente gozavam de reputação especial na civilização suméria. Os sacerdotes deveriam ofertar comidas aos deuses, a melhor possível, levando aos deuses das cidades os resultados da carne e dos grãos produzidos. Assim, os deuses eram venerados e servidos do bom e do melhor.

A relação era uma troca: os sacerdotes e reis recebiam instruções exclusivas nas partes internas e secretas dos zigurates e repassavam estas informações sagradas, na medida do que era possível e compreensível ao restante da população. O povo entregava ofertas para os deuses da cidade, por intermédio dos sacerdotes e dos monarcas, que orientavam curas e demais conhecimentos e estratégias de produção, também através deles. Além disto, os deuses reverenciados em cada

cidada-se protegiam-nas das guerras com os povos vizinhos que nada mais era do que a própria civilização suméria, mas coordenadas e comandadas por seus outros irmãos deuses e deusas das outras cidades e dos outros zigurates. É preciso ressaltar que inicialmente era desta forma, mas com o avançar dos anos outras classes de trabalhadores passaram a ter acesso aos zigurates. Estes eram, na mitologia suméria, os grandes e mais altos deuses da hierarquia, os deuses anunna, os próprios anunnaki.

Gostaria de poder confirmar com a mais absoluta certeza de que esta relação, de entrega de grãos e de carne da produção de cada família, é a origem do dízimo cuja presença está na Bíblia. Não obstante, me faltam referenciais certos para afirmar. Não pretendo nesta obra influenciar o leitor a uma conclusão cuja certeza nem mesmo eu possuo. Porém, devo admitir que esta relação entre deuses e homens nos primórdios dos tempos parece explicar muito bem a oferta de alimentos às deidades que até os dias atuais permeiam as relações religiosas, além da oferta de um percentual da produção, que justifica o dízimo, até os nossos dias.

Observo ainda a possibilidade de que o ocultismo, a cabala, assim como as conhecidas escolas de mistério e tantos outros conhecimentos, segredos e rituais possam ter surgido deste contato entre um sacerdote e um deus específico em cada cidade suméria.

Pergunto-me ainda, se fosse possível a uma civilização humana mais avançada, alguns séculos ou milênios à frente ao nosso tempo atual, criar seres conscientes ou não, e ser por eles bajulados como deuses, em construções altas, oferecendo a este povo tecnologia e conhecimento em troca de “sombra e água fresca”, com a produção alimentícia de uma cidade e monumentos arquitetônicos erguidos para saciar o seu ego por toda uma comunidade, será que os seres humanos não fariam o mesmo?

Entretanto, assim como o ego humano não encontra limites, os deuses também

não encontravam esta marca da qual não devemos passar. Houve guerras entre os deuses. Batalhas no céu e na terra, guerras de deuses e de homens. Muitos estudiosos apontam que marcas destas guerras se encontram ainda presentes em nosso planeta. Não posso afirmar que esta é uma certeza, mas alguns apontam que estas guerras constam nas mitologias e histórias espalhadas ao redor do globo. Os mitos que alimentam as lendas do zodíaco podem ser demonstrações de tais guerras. A mitologia grega é mundialmente conhecida e nomeia episódios e episódios de muitas guerras e feitos entre deuses, semideuses e humanos. Talvez Perseu tenha de fato existido e arrancado a cabeça da górgona Medusa ou ainda Hércules tenha derrotado os monstros cujos feitos lhe são atribuídos. Além disto, podemos citar a Guerra de Kurukshetra, a guerra dos clãs dos Káurabas e os Pândavas, da mitologia hindu, presente na obra sagrada hinduísta Mahabharata. Existe ainda a conversa entre Arjuna e Krishna a este respeito, presente no sagrado e mundialmente conhecido Bhagavad-Gita. Sei que muitas correntes espiritualistas consideram o Bhagavad-Gita como uma obra de cunho filosófico que demonstra a guerra interna vivida no dilema diário da vida humana. Me associo também a estes pensamentos, assim como ao ocultismo e ao espiritualismo como um todo. Acredito, no entanto, que o benefício da dúvida seja extremamente válido. Seria uma guerra real ou fictícia, verdadeira ou metafórica? Talvez pudéssemos adotá-la como um símbolo, tal qual os próprios mitos os são: não se reduzem a um único significado, mas se prestam a tantos significados quantos couberem conforme o olhar, e a fase da vida, de quem o vê.

Neste sentido, é preciso lembrar de outros pormenores do contato entre humanos e deuses. Talvez a medicina ayurvédica seja uma técnica destinada aos homens e entregues pelos próprios deuses. Por que não admitir tal hipótese? Talvez nossos grãos e animais também sejam resultado desta troca. As plantas e ervas medicinais aplicáveis até hoje talvez sejam uma das maiores heranças entregues pelos nossos criadores das estrelas, para o bom funcionamento do nosso corpo.

Os zigurates são, então, a morada dos deuses, ou o seu ponto de chegada e partida. A depender do período histórico que um determinado texto é consultado, alguns relatam que o zigurate era onde o deus da cidade morava; em outros o local de onde ele partia para as estrelas e retornava mais tarde. Fato é que os zigurates eram estruturas altas em forma piramidal, de acesso exclusivo aos

sacerdotes iniciados na mística divina, e os monarcas.

“O local por excelência, onde tem lugar o contacto entre homens e deuses é o templo. Ou seja, a Casa, em acádico bítum; a propriedade do deus, o Seu lar, o lugar onde a divindade está fisicamente presente e assegura a felicidade à cidade e aos seus habitantes. A diferença essencial entre um templo e uma casa vulgar, encontra-se no estatuto do seu proprietário, um deus ou um mortal. No templo, o deus estava vivo e era senhor de tudo”. (António Ramos dos Santos, um lugar de encontro entre o homem e os deuses).

Há um mistério, entretanto, que permeia o zigurate e a relação entre deuses e humanos. Não podemos afirmar qual o tipo de contato que humanos e deuses possuíam. Talvez seja razoável pensar em duas possibilidades: contato físico ou espiritual. Para o primeiro não seria necessário nada mais, somente a interação tal qual nós humanos temos uns para com os outros. E a justificativa para que somente os sacerdotes tivessem acesso aos deuses poderia ser explicada por uma exclusividade e preferência relativa à obediência. Podemos citar como exemplo o teste de Yahweh à obediência de Abraão quando a deidade o orienta a sacrificar seu próprio filho, fazendo-o retroceder da decisão, poucos instantes depois. Talvez sem o teste de obediência uma divindade não poderia oferecer seus mais sagrados e divinos conhecimentos a um ente humano. Por outro lado, talvez o sacerdote fosse um ser humano com capacidades especiais que lhe permitissem enxergar entidades do além. E as comidas ofertadas aos deuses poderiam ser uma forma mágica de evocar ou invocar entidades não-físicas podendo o alimento ser utilizado pelo próprio sacerdote, para seu consumo, de modo a criar condições especiais para este contato.

Há ainda outro mistério, que poderíamos citar em qualquer parte desta obra, e que caberia uma reflexão interessante. O Santo Graal é referido como muitos como a expressão sangreal, ou sangue real. O Santo Graal faz referência à época de Jesus, porém a linhagem do Salvador Cristão poderia remontar à origem dos deuses. Muitos contam que os reis e rainhas deveriam procriar-se entre si e somente os portadores de um sangue real poderiam administrar os reinos. Com

isto, as linhagens mais puras poderiam remontar aos deuses e a uma condição de saúde e genética vantajosas comparada aos demais mortais. Quiçá o sangue real poderia ser mais resistente aos vírus e bactérias ou dificultar deformidades físicas ou debilidades mentais. Nesta reflexão não podemos esquecer as passagens bíblicas em que era comum que os pais “deitassem” e “conhecessem” suas filhas e filhos para procriação e continuidade da linhagem.

Independente de qualquer coisa há um determinado ponto na história das mitologias em que os deuses deixam o contato com os humanos, dando-lhes o direito sobre a terra e as técnicas que ensinaram.

Hamurabi: o excelso príncipe do poder e da ordem

61

Os grandes anunnaki reunidos, Anu, Enlil e Enki, junto com Asarluhi⁶², um dos filhos de Enki, na companhia do príncipe Hamurabi⁶³ colocaram em discussão o destino do futuro rei.

- Dê a ele o cetro. Em nome da Babilônia, conceda a ele o Supremo Poder da Lei⁶⁴. Nomeia-o como o proeminente rei no mundo⁶⁵.

Os grandes anunnaki Anu, Enlil e Enki decidiram então, para alegria de Marduk. E Marduk, assim falou:

- Você é o pastor de nossos corações e exerce o Poder da Lei nas terras. Você determina grandemente nossos destinos com sua sagrada boca. Aponte suas palavras para ele, oh incansável pastor.⁶⁶

Os grandes deuses anunnaki então falaram:

- Nós o nomeamos rei aos quatro cantos do mundo. Hamurabi, nobre príncipe, o eleito entre os deuses. Você tem a nossa palavra. Nós garantimos a você autoridade sobre o povo de cabeça negra⁶⁷. Que o seu nome seja, entre os limites da terra e do céu, e entre todos os habitantes das terras, a manutenção da ordem. Que seu reinado persista, que seja como barca brilhante. Que seu pastoreio seja firme. Rei inigualável, seu rugido de triunfo é como Ickur. Sua boca é como o

deus do fogo, Utu, sobre os vales e os cumes das montanhas. Que o jovem Utu seja seu ajudante, que ele esteja sempre no seu lado direito e ao seu favor. Hamurabi, você deve colocar sua confiança nos seus augustos comandantes.

- Hamurabi, sob o comando de Anu e Enlil, é nomeado rei dos céus e da Terra e ao redor do mundo. Anu e Enlil, dentre os grandes deuses, Asarluhi, e os anunnaki o nomeiam. Que Babilônia, a cidade, o distrito, o grande estado, a habitação amada e augusta, a habitação pura nomeados pelos grandes deuses sejam governados. Todos firmemente disto consentiram. Que o poder de Enlil se faça sobre numerosas pessoas. Todos manifestam a ele o seu destino. Todos ampliamos a Hamurabi, seu poder de benigno pastor a todos os cabeça negra⁶⁸. Aquele a quem tem Enki... seu favor na Terra⁶⁹

[E a este respeito, o rei Hamurabi, ao seu povo assim se pronunciou...]

Quando o sublime Anu, Rei dos anunnaki e Enlil, Senhor da Terra e do céu, aquele que determina o destino do país, assinalaram a Marduk, filho primogênito de Enki, a dignidade de Enlil sobre todos os homens, eles pronunciaram meu nome. Eu, Hamurabi, o príncipe piedoso, temente⁷⁰ a deus, fui designado para fazer surgir justiça na terra, para eliminar o mau e o perverso, para que o forte não oprima o fraco, para como o sol, levantar-se sobre o povo da cabeça negra e iluminar o país.

Eu sou Hamurabi, o pastor, chamado por Enlil, aquele que acumula opulência e prosperidade, aquele que realiza todas as coisas para Nippur⁷¹, guarda piedoso de Ekur⁷², o rei eficiente que restaurou Eridu⁷³, aquele que purifica o culto de Abzu⁷⁴, conquistador dos quatro cantos da Terra, aquele que magnifica o nome de Babel, que alegra o coração de Marduk, descendência real que Sin⁷⁵ criou, aquele que faz próspera a cidade de Ur... ⁷⁶

Eu sou o piedoso, aquele que fervorosamente suplica aos grandes deuses⁷⁷, o descendente de Samu-la ilu⁷⁸, o poderoso herdeiro de Sin-muballit⁷⁹, semente eterna da realeza, rei forte, o sol de Babel, aquele que faz surgir a luz para Suméria e Acádia, o rei que traz obediência aos quatro cantos da Terra, o protegido de Inanna⁸⁰.

Quando o Deus Marduk me encarregou de fazer justiça aos povos, de ensinar o bom caminho ao país eu estabeleci a verdade e o direito na linguagem do país. Eu promovi o bem-estar do povo.

[fim da introdução das leis. Segue-se o conhecido Código de Hamurabi, com 282 parágrafos de leis que organizam a sociedade seguido de um epílogo. Um trecho deste será reproduzido a seguir.]

Estas são as prescrições de justiça, que Hamurabi, o rei forte, estabeleceu e que fez o país tomar um caminho seguro e uma direção boa. Eu sou Hamurabi, o rei perfeito, para com os cabeças-pretas, que Enlil me deu de presente e dos quais Marduk me deu o pastoreio, não fui negligente, nem deixei cair os braços; eu lhes procurei sempre lugares de paz, resolvi dificuldades graves, fiz-lhes aparecer a luz. Com a arma poderosa com que Zababa e Ishtar me revestiram, com a sabedoria que Enki me destinou, com a habilidade que Marduk me deu, aniquilei os inimigos de cima e de baixo, acabei com as lutas, promovi o bem-estar do país. Eu fiz os povos dos lugarejos habitar em verdes prados, ninguém os atormentará. Para que o forte não oprima o fraco, para fazer justiça ao órfão e à viúva, para proclamar o direito do país em Babel, a cidade cuja cabeça Anu e Enlil levantaram, na Esagila, o templo cujos fundamentos são tão firmes como o céu e a terra, para proclamar as leis do país, para fazer direito aos oprimidos, escrevi minhas preciosas palavras em minha esteia e coloquei-a diante de minha estátua de rei do direito. Eu sou o rei que é imensamente grande entre os reis. Minhas palavras são escolhidas, minha habilidade não tem rival. Por ordem de Samá, o grande juiz do céu e da terra, possa minha justiça manifestar-se no país, pela palavra de Marduk, meu Senhor, possam meus estatutos não ter opositor, possa o meu nome ser pronunciado para sempre com honra na Esagila que eu

amo. Que o homem oprimido, que está implicado em um processo, venha diante da minha estátua de rei da justiça, e leia atentamente minha esteia escrita e ouça minhas palavras preciosas. Que minha esteia resolva sua questão, ele veja o seu direito, o seu coração se dilate!

Hamurabi é o senhor, que é como um pai para os povos, ele preocupou-se intensamente com a palavra de Marduk, seu senhor, e conseguiu o triunfo de Marduk em cima e embaixo, e assim assegurou para sempre a felicidade do povo e obteve justiça no país. Que nos dias futuros, para sempre, o rei que surgir no país observe as palavras de justiça que escrevi em minha esteia, que ele não mude a lei do país que eu promulguei, as sentenças do país que eu decidi, que ele não altere os meus estatutos!

[Neste ponto do texto Hamurabi declara que seus sucessores devem seguir as mesmas leis. E ele conclui este trecho afirmando que o grande Anu, o pai dos deuses, aquele que pronunciou seu governo, tire do seu sucessor o brilho da realeza e quebre o seu cetro e almadiçoe o seu destino, caso as mesmas leis não se mantenham. A seguir, Hamurabi solicita que cada deus amaldiçoe à sua maneira quem resolver tirar-lhe o poder da Lei concedido a ele pelos próprios deuses. Assim Hamurabi evoca Anu, seguido de Enki, Enlil, Inanna/Ishtar outros. Para não tornar a leitura cansativa, já que as mesmas se desdobram em várias páginas, optei por omitir a evocação.]

Que os grandes deuses dos céus e da terra, que os anunnaki⁸¹ em sua totalidade, o Espírito protetor do templo, o tijolo da Ebabbar o amaldiçoe com uma maldição funesta a ele mesmo, seus descendentes, seu país, seus homens, quer do seu povo, como do seu exército. Que Enlil, por sua boca que não muda, o amaldiçoe com estas maldições e que elas o dominem imediatamente!

Leis e organização social: a escolha e o pronunciamento

O Código de Hamurabi é seguramente um dos textos mais conhecidos da Antiga Mesopotâmia. Imagino que não exista um único bacharel em Direito que não tenha estudado o nome de Hamurabi e seu Código em disciplinas como História do Direito na sua formação acadêmica.

Até 1947 acreditava-se que era justamente o Código de Hamurabi, o mais antigo Código que existia. Devemos lembrar que o Código de Hamurabi foi descoberto durante uma expedição francesa em 1901. Entretanto, é preciso destacar que atualmente as leis mais antigas da humanidade, que obviamente remontam a civilização suméria, são conhecidas como o Código de Ur-Nammu. Entretanto, me pareceu mais interessante destacar o Código do excelso príncipe Hamurabi, pois é preciso respeitar sua representatividade para a historiografia, o que garantiu que o seu nome retumbe de forma mais ampla na história dos registros humanos, há pelo menos um século.

Neste livro optei por fazer a construção de algo que para mim é inédito. Eu jamais tive contato com uma obra que apresentasse a estrutura que optei por fazer aqui. Este é um exemplo do estudo que venho desenvolvendo há anos e que culminou com a escrita desta obra.

O acadêmico da área de Direito, ou um estudioso que queira compreender a origem das leis e da organização social, chegaria com certa rapidez ao nome de Hamurabi, ao código e as infinitas versões que existem disponíveis na internet e nas bibliotecas ao redor do mundo. São diversas versões em diferentes idiomas e publicadas por diferentes editoras.

Mas o leitor que tem contato com o Código de Hamurabi em sua maioria das vezes está interessado em seu conteúdo e não na sua introdução. E é lá, justamente na introdução que é possível arrepiar-se. É quando a ciência jurídica encontra a pseudociência, como muito críticos chamam os teóricos do Astronauta Antigo. E é lá, na introdução do Código onde consta que Hamurábi foi escolhido pelo anunnaki Anu, o rei dos anunnaki...

Em minhas pesquisas tive a grata surpresa de vislumbrar o outro lado desta história. O ato onde consta a narrativa da escolha e da concessão deste poder divino de pôr ordem ao caos social. E está é a composição inédita desta obra. Se outra a fez antes desta, desconheço por completo. Jamais vislumbrei a composição do texto 2.8.2.4 da ETCSL acompanhadas da introdução e encerramento do Código de Hamurabi. O lado dos deuses escolhendo a quem entregar o cetro do poder, seguido então da introdução do Código de Hamurábi é uma composição que até então não encontrei em nenhuma outra obra.

É inegável a importância do Código para a organização social. Podemos citar como exemplo o artigo “O Código de Hamurabi e as relações com o direito contemporâneo no que concerne aos homicídios e suas penas”, escrito por Pedro Gabriel Santos de Andrade e disponível na internet por meio do portal jus.com.br.

“Deste modo, a legislação de Hamurabi serviu como base para o direito moderno como forma de atentarmos para a segurança de uma nação, organização social e da conduta dos indivíduos presentes em uma sociedade nos quais regidos pelas leis exercem seus deveres salvaguardados no direito, obtendo respeito como cidadãos e impondo limites prevalecendo à supremacia do interesse público.

Devemos a grande maioria das estruturas fundantes da organização social que

perdura até hoje em nosso planeta, graças a este presente dos deuses aos humanos. Foram os grandes deuses Anunnaki que escolheram e encarregaram Hamurabi da missão de ordenar a sociedade com o Código de Leis que ficou mundialmente conhecido por popularizar a expressão da Lei de Talião “olho por olho, dente por dente”, o que equivale dizer que conforme o crime, deve ser realizada a punição.

É preciso destacar, por fim, que foi no reinado de Hamurabi que o deus Marduk, filho de Enki e Ninhursag, recebeu especial atenção e foi o mais venerado.

O submundo, o rebaixamento da consciência, e a ligação com o Alto: uma nova visão

Os textos expostos acima, conforme anteriormente apresentados, são uma narrativa criada a partir de textos originalmente traduzidos da escrita cuneiforme para o inglês. Foram consultadas diversas fontes confiáveis para estabelecer as narrativas apresentadas.

Os textos não são de fácil descoberta, embora sejam de fácil acesso. Há textos cujo título são simplesmente nomes de deuses como “Enki e Ninmah” e que encerram uma importante história a ser descortinada no episódio da criação dos homens. Nem sempre o texto seguinte a este possui ordem cronológica de acontecimentos. Por estes motivos são necessárias várias horas, dias, meses e anos no estudo da mitologia para que seja possível situar, no tempo e no espaço e compreender o sentido de um texto.

As narrativas mesopotâmicas (compreendidas entre suméria, acádia e assíria), são das primeiras civilizações humanas e são antigas, muito, muito antigas. Os povos se confundem e se misturam. Os nomes para um único deus são diversos. Para compreender que o deus de um texto é o mesmo de outro e construir as narrativas expostas foi necessário estabelecer um esquema de anotações para cruzar os dados e modificar o nome em que aparece em um texto e fazê-lo igual ao nome do texto anterior. Desta forma compreende-se que o texto “Enki e Ninmah”, por exemplo, apresenta a história de Enki e Ninhursag, uma vez que este foi o nome escolhido nesta obra para designar a mesma deusa que possui outros diversos nomes.

Por certo a leitura destes textos deve ter provocado reflexões nos leitores. Não parece crível que qualquer homem do século XXI, ao ter contato com estes

textos e colocá-los à luz de nossa cultura e nossas instituições estabelecidas no mundo pós-moderno não tenha observado as incríveis semelhanças existentes. É necessário lembrar um fato que, se colocado na grande colcha de retalhos do conhecimento das Antigas Civilizações e das mitologias mais clássicas que embasam os dogmas das maiores religiões atualmente, ajudam a formar uma base conceitual e narrativa para compreender a tradição, o exoterismo e o esoterismo. O fato a ser lembrado é de que estes textos foram encontrados por volta de 1850 e começaram a ser divulgados, pouco a pouco. Então, o texto bíblico do Gênesis, o clássico Jardim do Éden e a criação de Adão a partir do barro, e de Eva das suas costelas, encontra um paralelo nas narrativas mesopotâmicas. O que demonstra que os textos mesopotâmicos confirmam, de alguma forma, alguns relatos bíblicos. É necessário observar estas conclusões que se originam da descoberta das escavações do século XIX. Nenhum autor, qualquer que tenha sido ele, antes de 1850 poderiam ter analisado os textos mitológicos que estamos observando hoje, a não ser que se admita, o que pode ser uma possibilidade, de que sociedades secretas, seitas e outras instituições poderiam possuir textos semelhantes, armazenados cuidadosamente e secretamente, tendo sido revelados para poucos. Então poderíamos supor que Martinho Lutero, Allan Kardec, Santo Agostinho, Mestre Eckhart, John Duns Scotus, Guilherme de Ockham, Isaac Newton, Gottfried Wilhelm Leibniz, entre outros, salvo a possibilidade de terem tido contato com textos semelhantes em bibliotecas secretas, jamais tiveram acesso a tais textos. Sendo assim, jamais poderiam ter observado os paralelos que podemos vislumbrar hoje. Não poderiam propor nada a este respeito. E assim nosso mundo hoje se constitui sobre os pilares destes (e tantos outros) estudiosos que marcaram a história humana e que jamais tiveram acesso a um conhecimento tão importante. Quanta produção científica e filosófica, quantas inferências aos grandes gênios da humanidade poderiam ter produzido se tivessem tido contato com tais conhecimentos? Por outro lado, também é possível observar que a história que nos foi contada como o dilúvio, entre outros, também encontram ressonância nos textos mais antigos que se tem conhecimento até hoje. O que sugere que, partindo de um determinado acontecimento, diversos escribas, desde os mais remotos tempos, registraram copiaram e compilaram informações, de modo que, com algumas diferenças, alterações de nome, reduções ou ampliações factuais, o cerne dos acontecimentos foi preservado entre as diferentes mitologias.

À parte dos autores citados anteriormente, filósofos e estudiosos que marcaram

nossa história foram contemporâneos de tais descobertas arqueológicas, mas em um mundo diferente, em que não havia a facilidade de acesso ao conhecimento que se tem hoje. Então alguns grandes pensadores como Sigmund Freud, Wilhelm Reich, Carl Gustav Jung, Viktor Frankl entre tantos expoentes da ciência moderna e da psicologia também não puderam versar a este respeito. Muitos destes estudiosos, por exemplo, desconheciam que a cobra ou a serpente eram símbolos de Enki, o deus sumério das águas profundas e que estava presente nos episódios de criação da humanidade narrados naquela mitologia. Não poderiam estes especialistas inferir outros estudos a respeito deste símbolo, pois não conheciam o acréscimo desta informação e a totalidade de seu impacto. Mas se Jung estava certo, por exemplo, o próprio inconsciente que estudara, que por definição precede e sucede a existência humana, poderia ter conhecimento deste fato, embora o consciente da humanidade não estivesse. Poderia, assim, através dos símbolos do inconsciente ter revelado tal conhecimento a algum homem que o revelaria posteriormente à humanidade? Poderia ser esta a natureza das mitologias, obscurecida no inconsciente de cada um de nós e que poderia revelar-se a qualquer um e a qualquer tempo? Esta reflexão será explorada no capítulo 6 desta obra: a mitologia, a psique, os profetas e a religião.

É preciso destacar, no que tange à temática anunnaki, que o termo é cercado por preconceito e mau-uso, sobretudo nos tempos de internet e de informação conectada. Ao buscar por este assunto, ou correlatos, somos surpreendidos por uma enorme quantidade de desinformação, acompanhada de desconhecimento de alguns produtores de conteúdo, além de pseudociência e exageros por todas as direções; em contrapartida aos que professam a veracidade das informações do assunto anunnaki, encontramos na ponta oposta, os que criticam e argumentam à ridicularidade de tais ideias. Existem grupos de pessoas que afirmam e reafirmam que os seres humanos foram criados pelos anunnaki para substituir os deuses menores, os igigi, após o episódio do motim. E desta forma, alguns consideram que os anunnaki são os senhores do mundo, governadores do planeta, que até hoje mantem os seres humanos escravizados através do ciclo de produção econômica. É possível observar ainda outros grupos que afirmam receber comunicações de extraterrestres, psicografando mensagens de entidades anunnaki.

Entre todos estes grupos, é preciso dizer, não me associo a nenhum. Talvez o que eu menos esteja associado seja o que acha que o assunto anunnaki é a mais pura bobagem, pois observo existir evidências em demasia para simplesmente delegar como bobagem. Talvez muitos que atestem tais fatos anunnakianos como baboseira sejam os que mais desconhecem a respeito do assunto. Analisar mitos, buscar fontes confiáveis e buscar informações a este respeito requer parcimônia e uma boa dose de força de vontade. Além destes adjetivos é preciso saber observar por um lado, e manter uma postura séria, longe da fé, da paixão e do fanatismo, por outro.

Àqueles que delegam as ideias anunnaki à loucura desconhecem de onde partiram algumas informações. E os acadêmicos que descartam as descobertas mesopotâmicas e os assuntos sagrados, atribuindo tais conhecimentos à pseudociência, igualmente desconhecem sua origem.

Preciso relembrar ao leitor a origem de tais descobertas, nas escavações em 1849 e um dos primeiros a decifrar tais textos: George Smith. Se tiver a ousadia de buscar na internet, e quiser atestar com seus próprios olhos, basta uma busca pela expressão: Project Gutenberg Ebook of The Chaldean Account of Genesis, by George Smith. Assim, será possível obter acesso a uma das primeiras publicações existentes, a obra “The Chaldean Account of Genesis”, ou “O relato caldeu do Gênesis”. Quando chegar à obra na internet, efetue o comando localizar, e então escreva anunnaki. E assim, será possível atestar que na obra de 1876, George Smith registrou o termo Anunnaki, bem como o termo Igigi. Na definição de Smith que compilamos a seguir podemos observar como é confuso compreender quem de fato são os anunnaki, uma vez que existem deuses anunnaki de hierarquia superior, diretamente descendentes de Anu, e outros de hierarquia inferior que se confundem com os próprios igigi. Abaixo, destacamos um trecho da obra de Smith, que é extremamente esclarecedor:

“Nos primeiros tempos, os deuses eram adorados apenas em suas cidades ou assentos originais, sendo as várias cidades ou povoados independentes uns dos outros; mas era natural que as guerras surgissem e algumas cidades ganhassem

conquistas sobre outras, e os reis gradualmente unissem o país em monarquias, que os conquistadores impusessem seus deuses aos conquistados. Assim surgiu o sistema de diferentes classes ou graus entre os deuses. Colônias, novamente, foram enviadas às vezes, e as colônias, como se consideravam filhos das cidades de onde começaram, também consideravam seus deuses como filhos dos deuses das cidades-mãe. Mudanças políticas nos primeiros tempos levaram à ascensão e queda de várias cidades e, conseqüentemente, de suas divindades, e deram origem a numerosos mitos relativos aos diferentes personagens da mitologia. Em alguma época remota, parece ter havido três grandes cidades no país, Erech, Eridu e Nipur, e suas divisões Anu, Hea e Bel eram consideradas os “grandes deuses” do país. Mudanças subsequentes levaram ao declínio desses estados, mas suas divindades ainda mantiveram sua posição até o fim do sistema babilônico.

Essas três divindades líderes formavam membros de um círculo de doze deuses, também chamados de "grandes". Esses deuses e seus títulos são dados como:

1. Anu, que significa “o céu” em Accadian, rei dos anjos e espíritos, senhor da cidade de Erech.

2. Bel, Elum ou Mul em Accadian, senhor do mundo inferior, pai dos deuses, criador, senhor da cidade de Nipur.

3. Hea⁸², “deus da casa da água”, criador do destino, senhor das profundezas, deus da sabedoria e do conhecimento, senhor da cidade de Eridu.

4. Sin, o deus-lua, Acu ou Agu em Accadian, senhor das coroas, criador do brilho, senhor da cidade de Ur.

5. Merodaque, “a glória do Sol”, apenas príncipe dos deuses, senhor do nascimento, senhor da cidade da Babilônia.

6. Rimmon, o deus do Ar, Mirmir em Accadian, o deus forte, senhor dos canais e da atmosfera, senhor da cidade de Muru.

7. Samas, o deus-sol, Utuci em Accadian, juiz do céu e da terra, diretor de tudo, senhor das cidades de Larsa e Sippara.

8. Ninip, guerreiro dos deuses, destruidor dos ímpios, senhor da cidade de Nipur.

9. Nergal, “iluminador da grande cidade” (Hades), gigante rei da guerra, senhor da cidade de Cutha.

10. Nusku⁸³, portador do cetro de ouro, o deus sublime.

11. Belat, esposa de Bel, mãe dos grandes deuses, senhora da cidade de Nipur.

12. Istar⁸⁴, Gingir em Accadian, o mais velho do céu e da terra, levantando a face dos guerreiros.

Abaixo dessas divindades havia um grande corpo de deuses formando a maior parte do panteão, e abaixo deles estavam dispostos os Igigi, ou 300 anjos do céu, e os Anunnaki, ou 600 anjos da terra. Abaixo deles vieram várias classes de

espíritos ou gênios chamados Sedu, Vadukku, Ekimu, Gallu e outros; algumas delas eram más, outras boas.

A relação dos vários deuses principais e seus nomes, títulos e ofícios aparecerá nas observações a seguir.

No topo da mitologia babilônica está uma divindade que às vezes era identificada com os céus, às vezes considerada o governante e deus do céu. Essa divindade se chama Anu, seu signo é a estrela simples, o símbolo da divindade e, em outras ocasiões, a cruz de Malta. Na teologia filosófica de uma época posterior, Anu representa a divindade abstrata e aparece como um princípio original, talvez como o princípio original da natureza. Ele representa o universo como as regiões superior e inferior, e quando estas foram divididas, a região superior ou céu foi chamada de Anu, enquanto a região inferior ou terra foi chamada de Anatu; Anatu sendo o princípio feminino ou esposa de Anu. Anu é denominado o antigo deus e o deus de todo o céu e da terra; uma das manifestações de Anu estava sob as duas formas Lakhmu e Lakhamu, que provavelmente correspondem às formas gregas Dache e Dachus. Diz-se que essas formas surgiram do caos original e são seguidas pelas duas formas Sar e Kisar (os Kissare e Assorus dos gregos). Sar significa as hostes superiores ou expansão, Kisar as hostes inferiores ou expansão; essas também são formas ou manifestações de Anu e sua esposa. Anu também é chamado de senhor da cidade velha e leva o nome de Alalu. Seus títulos geralmente indicam altura, antiguidade, pureza, divindade, e ele pode ser considerado o tipo geral de divindade. Anu era originalmente adorado na cidade de Erech, que era chamada de cidade de Anu e Anatu, e o grande templo ali era chamado de "casa de Anu" ou "casa do céu".

Não pretendo me estender em análises acadêmicas, mas é preciso a partir daqui traçar um novo olhar a respeito de nossos conhecimentos e até mesmo da nossa fé. É preciso lembrar que a humanidade deixa de ser nômade, domina agricultura e pecuária, tornando-se civilização a partir da suméria e atribui que o conhecimento lhes foi dado pelos deuses. Neste sentido, embora seja possível

verificar que outros grupos humanoides anteriores ao advento da civilização tivessem pinturas rupestres que os ligavam ao divino, podemos inferir que, a partir da organização da sociedade e da relação dos humanos com os deuses tem início a religião propriamente dita.

Outras civilizações antigas, como os egípcios, romanos e gregos, também tinham crenças e mitos semelhantes, além de deuses que parecem ser os mesmos, apenas com alterações na sua nomenclatura. Anu talvez seja o mesmo deus Júpiter, Zeus ou Odin - veremos em outro capítulo como o nome de Zeus Pater evoluiu até Deus-Pai; Enki talvez possa estar relacionado a Poseidon, deus dos mares; Inanna, por vezes se aproxima de Afrodite, deusa do amor e da fertilidade. E assim, talvez, Ra, Maat, Isis, Hórus, Hermes, Apolo, Dionísio, Hades, Thor, entre outros deuses, quiçá os orixás de matriz africana possam ser os mesmos deuses/entidades.

Tais acontecimentos são anteriores à redação da bíblia, o que me leva forçosamente a duvidar da veracidade do deus bíblico Yahweh, que se diz ser o único e não haver mais ninguém além dele, quando se sabe, através da história do mundo, que haviam outros deuses sendo cultuados naquelas regiões bíblicas. Além disto, é preciso destacar a seriedade com que diversos estudiosos acadêmicos têm conduzido pesquisas a este respeito e as descobertas constantes da arqueologia. Neste ínterim, destaca-se o sítio arqueológico de Göbekli Tepe na Turquia, cujas escavações e descobertas recentes foram feitas a partir de 1994. Gobekli Tepe é tido hoje como o monumento aos deuses mais antigo do mundo, e, até onde se sabe, não tem relação às descobertas da Biblioteca de Nínive.

Voltando nossa atenção aos textos mesopotâmicos preciso lembrar aos leitores que apresentei pouco, muito pouco material a respeito de tudo que há disponível no grande mosaico mitológico babilônico. Além disto, conforme já abordamos, existem muitas tabuletas ainda não traduzidas ou disponíveis ao grande público.

Dentre textos importantes, mas não apresentados nesta obra, é preciso destacar duas em especial: “a descida de Inanna ao submundo” e “Epopéia de Gilgamesh”. Quanto a última tivemos a oportunidade de vislumbrar uma pequena parte junto a narrativa do Grande Dilúvio.

Ambos os textos são extremamente representativos, importantes e interessantes. Gostaria de tê-los incluído arrativa neste livro, e inicialmente havia idealizado de tal forma. Mas acabei decidindo por retirá-los, em virtude da complexidade do assunto e dos textos, com vistas a não tornar sua análise reduzida ou oferecer um único livro demasiado grande. Pretendo explorar estes textos em uma obra futura. Mas cabe, no contexto deste livro, uma observação com relação ao texto da “descida de Inanna ao inferno”.

Assim como tudo o mais neste livro vem demonstrar é possível atestar a anterioridade de certos acontecimentos narrados na bíblia. Desta forma, a ressurreição e o inferno também passam a figurar como tonalizantes neste mosaico de conceitos cristãos anteriores ao próprio Jesus ou ao advento do Cristianismo. Neste sentido, é preciso lembrar que a crença na ressurreição é um ponto fulcral da teologia cristã, principalmente no tocante ao cristianismo católico. Diz a oração creio:

“Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu a mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos Céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e mortos. Creio no Espírito Santo. Na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém.”

É necessário, porém destacar que Jesus Cristo não foi o único, tampouco o primeiro a descer na mansão dos mortos e ressuscitar. Até o momento os

achados arqueólogos e a história dos registros humanos contam que os primeiros casos de ressurreição foram da deusa do amor, da fertilidade e da colheita Inanna/Ishtar e de seu consorte o pastor, e deus da fertilidade, Dumuzi.

Em uma interpretação social, o mito que apresenta a morte e ressurreição de Inanna e Dumuzi são mortes e renascimentos de deuses ligados à natureza, fertilidade e agricultura e são representativos no que tange ao tempo cíclico da natureza e nos ciclos da própria vida humana, entre o nascimento, o desenvolvimento e maturação, até a morte. Não obstante, reduzir a compreensão do mito unicamente ao seu significado social seria reduzir um símbolo a apenas uma interpretação unidimensional. Muito fala-se no meio esotérico da representatividade deste mito com relação as sete peças de roupa, ou sete joias, sete adornos que Inanna deve se desfazer para adentrar no reino de Ereshkigal e, observando que as sete peças de roupa podem significar sete aspectos da consciência, da alma ou corpos astrais, até chegar ao atman, em um plano de consciência livre dos aspectos grosseiros da carne e das ilusões do mundo físico manifesto. É importante destacar, sobretudo, que os deuses aqui envolvidos na ressurreição, Inanna é a mesma deusa Ishtar ou Ester, em cuja homenagem pintavam-se ovos no período da Páscoa e de que Dumuzi é o mesmo deus Tamuz que aparece na mitologia hebraica e na própria Bíblia cristã. É, portanto, em mais esta passagem que verificamos a conveniência da construção da mitologia cristã em abarcar e envolver crenças antigas e predecessoras, no que tange a ressurreição, a comemoração da Páscoa e a descida ao mundo dos mortos, onde reina Ereshkigal.

Posso garantir que o mito é muito interessante e o leitor que se interessar em procurá-lo irá se surpreender com a narrativa que apresenta nomes de cidades sumérias com seus deuses protetores, além das motivações de Inanna para procurar à “terra de onde ninguém retorna” e ser interpelada pelos guardiões do mundo inferior, ou do mundo dos mortos, a exemplo, de Hades na mitologia grega.

Quando analisamos desta forma, percebemos que as mitologias se cruzam, se

assemelham e se confundem. De forma geral, desde que a civilização tem início, os mitos e histórias evoluem assim como os povos, a civilização e a organização social e, com o decorrer do tempo as mudanças nos mitos são constantes e não podemos nos furtar de perceber que a probabilidade de isto ocorrer é bastante grande.

CAPÍTULO 4 –

Anunnaki: aqueles que vieram do céu

Eu acredito, pelo contrário, que a Bíblia não é obra de insanos, e que deve ser conhecida e estudada porque, principalmente nas partes relacionadas com as origens, contém, informações importantes para reescrever a história da Humanidade. Mais cedo ou mais tarde isso terá de ser levado em consideração pelos acadêmicos. Entre tantas dúvidas que constelam o meu estudo contínuo, nutro a certeza de que esta história, conforme nos foi contada, é, na melhor das hipóteses, errada, enquanto, na pior, é mais triste do que poderia supor-se, uma vez que então seria intencionalmente falsa, isto é, inventada e sustentada para manter obscura a verdade e construir sistemas de poder teológicos e ideológicos que cairiam imediatamente se a Humanidade soubesse. Chega-se a esta conclusão pela leitura da Bíblia, no que respeita ‘àqueles indivíduos’ que foram transformados em ‘Deus’, e esta é a invenção fundamental, à qual me refiro quando afirmei anteriormente que os construtores das teologias não se limitaram a não narrar o que está escrito – foram ainda mais além e introduziram aquilo que não está escrito.

Mauro Biglino

Anunnaki: os que do céu à Terra vieram

Após demonstrar alguns textos dos que considero mais importantes da mitologia mesopotâmica, associados a estudos, destaques e considerações, gostaria de dedicar parte deste livro ao grande responsável pela popularização dos textos sumérios e a temática Anunnaki: Zecharia Sitchin.

A seguir será apresentado um brevíssimo resumo do que é conhecido como a história dos anunnaki. Esta história foi desenvolvida por Zecharia Sitchin em sua série de livros “Crônicas da Terra” (The Earth Chronicles). Após o lançamento de todas as obras da série, Sitchin publicou o conhecido “Livro perdido de Enki” (The lost book of Enki) preenchendo algumas lacunas dos textos mesopotâmicos originais e inserindo, em formato de texto épico, de forma semelhante aos originais, uma espécie de ficção baseada em fatos supostamente reais.

Antes de começar a publicar seus livros, Zecharia Sitchin estudou por cerca de 30 anos os textos sagrados como a Torá e a Bíblia, sendo destaque que Sitchin tinha a capacidade de compreender a escrita hebraica, sendo possível a ele ler a Bíblia em seu formato original no idioma hebraico. Se para compreender as passagens bíblicas que trazem Elohim ou Yahweh, em que o original é diferente e pode significar deuses em Elohim e apenas um dos Elohim em Yahweh, eu precisei consultar o Antigo Testamento Interlinear e analisar cuidadosamente a grafia, cuja pronúncia me é desconhecida e o significado só compreendido quando cuidadosamente analisados os signos gráficos, Zecharia, por outro lado, poderia ler o texto original livremente, compreendendo cada significado sem a necessidade de recorrer a uma tradução. Além disto, Sitchin tinha também a capacidade de ler a escrita cuneiforme, o que o permitiu apreciar diversos textos em seu formato original. Este assunto, entretanto, é controverso, uma vez que Sitchin teria aprendido a decifrar as tabuletas sumérias de forma independente, e não é acadêmico deste assunto, sua formação é em história da economia. Da minha parte, ao procurar em sites de determinados museus, por exemplo, pelos

termos e-din ou an-edin, obtenho diversos textos cuja transliteração está pronta, mas a tradução ainda não. Como não consigo compreender os signos gráficos da escrita cuneiforme, não posso conhecer seu conteúdo e muito menos revelar tal conteúdo neste livro. Mas ele, Zecharia Sitchin, talvez pudesse. E é exatamente por este motivo que Sitchin merece muito respeito. Talvez ele pudesse estabelecer conexões entre diferentes textos que nenhum de nós jamais imaginaria, justamente porque podia ler os originais. É necessário destacar, entretanto, que, embora Sitchin tivesse este grande privilégio no que concerne ao acesso aos textos, para suas pesquisas e redação de seus livros ele afirma ter feito uso de traduções de outros especialistas. Isto responderia a uma grande acusação: de que ele teria manipulado as traduções dos textos a que teve acesso.

A este respeito, posso afirmar que, de fato, quando comparamos as traduções presentes nos livros de Sitchin em relação a outras obras do gênero, é possível observar algumas diferenças, embora a resposta clássica seja a de que Sitchin não teria alterado estas traduções. O bem da verdade é necessário dizer que dependendo do tradutor e até mesmo do texto original tomado por base, diversos textos possuem cópias com detalhes diferentes, e as traduções possuem algumas discordâncias. E, também devo afirmar que eu mesmo observei alguns textos de Sitchin e a diferença da tradução de seu livro com um hipotético outro livro A, mas não observei nos livros de outros escritores, de que forma os livros C, D e E expõem tais traduções. Talvez, em obras de outros estudiosos da cultura mesopotâmica, pudessem ser observadas traduções que apresentassem, *ipsis literis*, tal qual Sitchin expos à sua obra.

Mas Zecharia Sitchin tem grande mérito, e é necessário reconhecê-lo. Não fosse por ele a temática anunnaki não teria alcançado a popularidade que possui hoje. Como mencionado anteriormente Sitchin estudou por 30 anos antes de finalmente redigir e começar a publicar as obras que compõem a coleção “As crônicas da Terra”. O primeiro destes livros, “O décimo segundo planeta” (The twelfth planet) originalmente chamava-se os nefilins, título este que foi alterado por sugestão da equipe editorial que publicou sua obra. Durante estes 30 anos Sitchin estudou, ponderou, anotou e analisou até finalmente começar a publicar. Quem teve contato com sua obra sabe que ela pode parecer sensacionalista à primeira vista, mas está longe de sê-lo. Para cada comentário Sitchin expõe

determinado ponto, colocando-o em evidência e cercando-o de explicações, demonstrando símbolos e explicações complexas. Sua escrita é convincente e a narrativa faz muito sentido. Do meu ponto de vista o grande problema na obra de Sitchin é a mistura de evidências contundentes com suposições que tentam ser convincentes, mas que ao final acabam por contribuir para desqualificar sua obra e oferecer argumentos sólidos para seus críticos mais ferrenhos.

É preciso perceber que, para além da obra de Sitchin e das críticas destinadas a ela, a mitologia suméria demonstra ser extremamente impactante. E por este motivo tem potencial de abalar as estruturas fundantes de nosso verniz social e religioso civilizado. Imagine se alguma autoridade religiosa poderia vir a grande público e informar sobre os anunnaki, e de que Yahweh pode ser uma união de deuses mesopotâmicos anteriores e que, se houver um Deus, não é aquele demonstrado no Antigo Testamento...? Não creio que veremos algo assim em um futuro tão próximo. Mas, por outro lado, é necessário afirmar que a teoria de Sitchin é passível de possuir alguns “furos”, “enxertos”, invenções ou “penduricalhos” em toda história relatada por ele.

Tenho segurança em fazer tal afirmativa, pois ao ler cuidadosamente sua obra é possível observar pontos que até hoje são difíceis de ser confirmados pela ciência tradicional. A este respeito, destaco aos mais familiarizados com sua obra: o selo cilíndrico VA 243, que segundo Sitchin expõe o Sistema Solar. Segundo muitos “especialistas de internet” (estimulados pela obra de Sitchin) é evidente que se trata do Sistema Solar, mas tais evidências não são assim tão contundentes. Outros enxergam no mesmo VA 243 a constelação de Orion e as plêiades e tentam justificar este como seu local de origem. Fato é que o selo cilíndrico VA 243 apresenta uma estrela e outros círculos ao redor dela. Se observarmos o fato de que a estrela é o símbolo de Anu, como sua representação pictográfica, automaticamente podemos presumir que talvez o mesmo VA 243 represente algo diferente do Sistema Solar. Jeremy Allen Black, um outro acadêmico e estudioso do assunto, também discorda de Sitchin, quando demonstra no seu Dicionário Simbólico da Mesopotâmia, que aquele símbolo jamais representaria o Sistema Solar com o sol e planetas. Além deste fato destacamos como duvidoso: a existência do planeta Nibiru; a possibilidade de pulverização de ouro na atmosfera de Nibiru; o uso de asas móveis pelos

anunnaki, entre outros. Além disto, o material para pesquisa é vasto e o tema é complexo. Devido a complexidade e multiplicidade de materiais um ou outro ponto pode ser mal compreendido, mal interpretado ou mal analisado. Além disto, há pouco mais de 3 a 4 mil traduções realizadas, dos cerca de 30 mil tabletes encontrados na Biblioteca de Nínive. Imagine o leitor quantas novas e impressionantes descobertas poderão ser feitas ao longo dos anos, quando novos textos forem revelados?

Por mais que muitas coisas nos façam “torcer o nariz” na exposição de Zecharia Sitchin, e por mais fantasiosa que sua obra possa parecer, é preciso respeitá-lo, já que ele é o grande pai da teoria Anunnaki! Além disto, ele é um teórico do Astronauta Antigo que trouxe respostas e não somente questionamentos. Sitchin fez uma leitura atenta dos textos originais mesopotâmicos, das descobertas recentes da arqueologia, dos estudos históricos e da formação de mundo e da sociedade.

A seguir seremos apresentados a Teoria Anunnaki de Zecharia Sitchin. Se em minhas pesquisas, e na própria redação deste livro, adoto uma postura mais defensiva, crítica e cética em relação a tudo o que foi discutido, cercado cada ideia por argumentos e apoiado em citações de outros autores, a apresentação da teoria de Sitchin não terá este formato. A ideia é apresentar de forma clara, porém concisa e breve, e nem por isto menos impactante, as suas ideias. Após a narrativa convidarei o leitor a analisar alguns detalhes, refutando inclusive, algumas de suas proposições. Não gostaria de forma alguma dizer-me dono da razão ou desafiar aqueles que seguem mais à risca todos os apontamentos de Sitchin. Como anteriormente afirmamos Zecharia tem seus méritos e muito devemos a ele, mas é preciso que se reconheça alguns pontos controversos.

A teoria de Sitchin: Nibiru, os Anunnaki, a criação dos homens e a civilização humana

85

Nibiru é um exoplaneta que visita o sistema solar e se aproxima do sol a cada 3600 anos terrestres. Nibiru, em determinado momento na história do universo, chocou-se com o planeta Tiamat, um planeta azul abundante em água. Neste choque o cinturão de asteroides que atualmente existe entre Marte e Júpiter foi criado, e Tiamat transformou-se no planeta Terra. Neste choque, alguns detritos do material genético existente em Nibiru se espalharam pela Terra, o que teria possibilitado, anos mais tarde o surgimento de formas de vida. Além disto, um dos satélites de Nibiru foi capturado e se transformou na Lua.

Em dado momento o planeta Nibiru sofria com uma atmosfera que se degradava. Era preciso, então, buscar uma solução com ouro para pulverizar no ar.

Desta forma os anunnaki vieram ao planeta Terra, inicialmente com o cientista Enki, há cerca de 450.000 anos atrás e fundou Eridu⁸⁶. Assim, iniciaram os trabalhos de escavação e mineração de ouro.

Entretanto, o ouro minerado era insuficiente e então Enki sugeriu uma mudança para uma região a sudeste da África, que fora explorada por ele anteriormente, e batizada como Abzu⁸⁷. O ouro era transportado até a região da Mesopotâmia, e então derretido. O ouro derretido era enviado até uma nave que orbitava a Terra e que então entregava o ouro a outra nave que conduzia a entrega até Nibiru. No planeta dos anunnaki o ouro era utilizado como partículas suspensas na atmosfera, na intenção de conter o avanço da deterioração do planeta.

Com o sucesso da missão outros anunnaki foram trazidos à Terra. E então Enlil, o meio-irmão de Enki chegou à Terra e passou a comandar a missão onde foi erguido um imenso complexo no Monte Aratat. A deusa Ninhursag assim como outros anunnaki também chegaram à Terra, completando então 600 trabalhadores na Terra e 300 em órbita⁸⁸.

Mas o trabalho era pesado demais e então os trabalhadores igigi iniciaram uma revolta. Tendo cercado a casa do comandante Enlil e com fogo em suas ferramentas eles conquistaram o direito de uma decisão ser tomada em assembleia... e lá eles expuseram suas reivindicações. Anu tendo ouvido, considerou as reivindicações justas, mas sabia que o trabalho não podia parar. Enki lembrou de seus sonhos, e em estado semi-adormecido, do seu contato com Galzu, um misterioso mensageiro. Galzu o teria autorizado a criar um novo ser. E então Enki comentou sobre essa possibilidade. Ele disse que havia um ser que vagava pela África e que poderia ser treinado e aprimorado para realizar o trabalho, desde que fosse misturado o barro da Terra (material genético de primatas) com o sangue de Nibiru (material genético dos anunnaki). Enki sabia que o DNA era compatível, uma vez que a Terra havia sido germinada pelo material genético vindo de Nibiru durante a colisão séculos e séculos atrás⁸⁹.

Tendo sido autorizado em assembleia, Enki iniciou seu trabalho. A ideia era inseminar in vitro o óvulo de uma primata com o sêmen anunnaki e inserir este óvulo fecundado no útero de uma anunnaki. Diversas tentativas foram realizadas sem sucesso até que finalmente Enki conseguiu fazer surgir os primeiros trabalhadores primitivos chamados Lulu.

Desta forma, alguns igigi foram libertados de seu trabalho e, em seu lugar, os Lulu executavam a atividade de mineração. Entretanto houve novas disputas, uma vez que a vida dos Lulu era extremamente curta. Enlil não concordava com esta ideia, pois entendia que os anunnaki estavam brincando de deus e estavam criando vida, algo que não deveria ser feito. Para que nada fugisse de seu controle Enlil deslocou um grupo dos lulus a um jardim no Edin onde ele

poderia vigiar e controlar. Enquanto isso Enki resolveu prosseguir seus trabalhos genéticos em busca de uma “criação perfeita” para que pudesse libertar os deuses menores de todo o trabalho.

Sendo assim, Enki e Ninhursag criaram Adapa, e mais tarde Adamu, os primeiros seres da chamada raça adâmica. Estes primeiros humanos híbridos eram estéreis e não podiam procriar. Eles eram gerados no útero de Ninhursag. Enki então decidiu interferir para que fosse possível permitir aos humanos a procriação. E assim criou seres que poderiam reproduzir por si mesmos.⁹⁰

Sitchin afirma que a serpente do Éden se refere a Enki que era representado também por uma serpente e que ele possuía um cajado com duas cobras entrelaçadas ao redor de um cetro. Sitchin compara este cetro e a serpente de Enki ao DNA e afirma que a serpente do Éden é Enki, cujo símbolo é exatamente uma cobra.

A este tempo, os anunnaki já haviam se estabelecido em uma moradia nos céus, e poderiam ir e vir, dos céus à Terra. Além disto, outros deuses anunnaki estavam ligados a missão, como Anu, o deus supremo dos céus, Inanna, a deusa da fertilidade, e Enlil, deus dos ventos e que havia se tornado o comandante da missão, além de outros deuses. A Enki, foi delegado o comando do Abzu, nas profundezas e nas águas.

Enlil, por outro lado, era o comandante da missão e mantinha Anu, nos céus, informado de tudo que ocorria. O ser gerado por Enki era demasiado perfeito, e então fora levado para o Éden para ser cuidado por Enlil. Mas quando homem e mulheres adâmicos cresceram foram expulsos do Éden, devido a possibilidade da procriação.

A partir deste momento as discordâncias entre Enki e Enlil aumentaram. Enki e

Enlil eram filhos de Anu, mas embora Enki fosse o primogênito Enlil era o primeiro na linha de sucessão, uma vez que era o filho legítimo da Rainha. As gerações de filhos de Enki e Enlil também tinham rivalidades crescentes.

Em meio a este cenário, alguns anunnaki igualmente conheceram as mulheres terrestres, o que gerou mutações e hibridizações diversas. Com isto surgiram guerras e disputas por territórios.

O barulho dos humanos era demasiado alto e incomodava alguns deuses. Em assembleia os deuses discutiram a respeito da proximidade de Nibiru, já que mais um novo ciclo de 3600 anos se aproximava. A informação era de que um grande cataclisma se aproximava e um dilúvio poderia ocorrer. Na assembleia dos grandes anunnaki ficou definido que os anunnaki iriam para as naves até que o dilúvio passasse; os humanos, entretanto não seriam avisados e estavam condenados à morte. Os anunnaki consentiram em não revelar o plano a nenhum humano.

Foi quando, mais uma vez neste estado de sonho ou semi-adormecido Enki foi visitado mais uma vez pelo misterioso Galzu. Galzu lhe entregou os planos para construção de uma arca e disse que ele deveria avisar Atrahasis, seu escolhido, através da parede para não quebrar sua promessa.

Enki revelou, então, os planos a uma parede de juncos onde vivia Atrahasis, deixando ao lado da cabana os planos para construir uma arca, que deveria abrigar a família de Atrahasis assim como sementes da vida gerada na Terra.

Desta forma, seguindo os conselhos de Enki, Atrahasis construiu a arca e assim escapou da morte certa. Anu, Enki e Enlil desceram pessoalmente de sua nave para ver o humano que milagrosamente sobreviveu. E assim, consentiram a permitir a sobrevivência de Atrahasis, e prometeram a ele ensinar tudo o que

sabiam para permitir que ele sobrevivesse.

E desta forma os seres humanos receberam dos deuses a dádiva da vida, além do conhecimento. Assim, surgiram as cidades-estados e os deuses se dividiram em diferentes regiões do planeta com a missão de defender os territórios e instruir a humanidade.

Mas deste evento, seguiram-se inúmeras guerras entre deuses e homens, assim como disputas por territórios, alimentadas por paixão e problemas de toda a sorte.

Zecharia Sitchin, a Teoria do Astronauta Antigo e o impasse religioso

A teoria de Zecharia Sitchin é sem dúvida alguma intrigante e impactante. É uma visão totalmente diferente e uma ruptura com todo paradigma vigente, tanto do ponto de vista científico quanto religioso. Devo, para tanto, lembrar o leitor que não conhece nenhuma obra de Sitchin que ele estudou durante 30 anos antes de publicar seu primeiro livro. Infelizmente a teoria de Sitchin ficou conhecida pela maioria das pessoas e pelo mainstream, ou grande mídia, como pseudociência. Outros estudiosos do assunto apareceram publicamente, muitas vezes sendo ridicularizados no palco de programas populares, como as primeiras aparições públicas de David Icke, que facilmente podem ser encontradas na plataforma de vídeos YouTube. Hoje o assunto, ou tema, Anunnaki ganha mais e mais espaço na mídia. Essa divulgação, entretanto, pouco incentiva reflexão em maior parte da população. Muitos programas sobre o assunto são sensacionalistas e tentam impor uma verdade bastante excêntrica às pessoas.

Particularmente fico irritado e triste toda vez que observo algum site, blog, livro, vídeo, episódio de podcast ou palestra sobre o assunto, quando as primeiras palavras são: segundo os sumérios. Uso como exemplo uma hipotética introdução ao assunto como segue abaixo:

Segundo os sumérios uma raça de alienígenas chamada anunnakis criaram os seres humanos através de engenharia genética avançada para serem seus escravos.

Muitas vezes tais aberturas de vídeos ou textos sensacionalistas trazem ainda as questões que envolvem Nibiru ou atribuem a Enki o título de cientista. E neste caso preciso destacar o que segue:

O termo anunnaki já é plural e não é necessário utilizar “s” ao final. Isto porque como o leitor já deve ter se acostumado, o termo anunnaki faz alusão a um grupo de deuses de hierarquia superior, filhos do deus Anu. O uso do “s” para o plural é desnecessário, embora sua utilização não esteja incorreta;

Os sumérios nunca, jamais chamaram os anunnaki de alienígenas. Os sumérios narraram nos mitos, que anunnaki são uma classe de deuses superiores e que os igigi são uma classe de deuses inferiores. Nunca os sumérios expuseram o termo alienígenas;

Nibiru foi sim considerado por Sitchin como um planeta, mas tal consideração foi feita por Sitchin e nunca pelos sumérios. Nos mitos, por diversas vezes, são relatadas situações envolvendo Nibiru, mas os sumérios nunca afirmaram que Nibiru era um planeta. Em diversos textos, como na ETCSL, é possível lermos a expressão Nibiru ou Nibru como local de origem dos anunnaki. Nibiru talvez possa ser uma outra dimensão, por exemplo, ou uma espaçonave, ele pode ser qualquer coisa. Mas fato é que jamais poderíamos dizer que os sumérios fizeram qualquer afirmação a respeito do que Nibiru é;

Nos mitos que estudei não pude encontrar o termo cientista como um adjetivo relacionado a Enki, então informar que os sumérios fizeram tal afirmativa é no mínimo enganoso. Ainda assim é preciso admitir que é possível inferir, dos mitos, habilidades semelhantes as de um cientista ou mago, ao deus Enki;

Não pude localizar em meus estudos a suposta necessidade que os anunnaki tinham para minerar ouro no planeta Terra. Mas é evidente que os igigi realmente trabalhavam em algum tipo de escavação. Na própria Epopeia de Atrahasis que estudamos aqui é possível constatar que os igigi cansaram do trabalho pesado, e de que os mesmos atearam fogo às suas ferramentas. Se não for ouro, o que os anunnaki estavam fazendo?

Se os produtores de conteúdo pensam agregar ao produzir materiais sensacionalistas, se enganam. Ao fim, os resultados são: quem quer acreditar, acaba alimentado com informações que ultrapassam a barreira do real; e quem não quer acreditar jamais se convencerá com afirmativas tão ousadas. Então, seja por desconhecimento ou até mesmo preguiça em pesquisar, a maioria das

pessoas ignora a possibilidade de que programas como a série de televisão “Alienígenas do Passado” poderia divulgar uma possibilidade real e verossímil perfeitamente apoiada em bases sólidas e concretas, como venho tentando demonstrar neste livro. Se alguns indivíduos talvez pudessem observar naqueles programas uma possibilidade acabam convencidos do seu oposto, devido ao caráter sensacionalista envolvido.

Não estamos afirmando, com isto, nem que a série esteja divulgando informações corretas, nem do contrário. Apenas que estes programas, normalmente, em virtude do grande sensacionalismo não transparecem confiança a quem se dedica a assisti-los, embora sejam muito bem-produzidos. E, desta forma, a temática Anunnaki e a Teoria do Astronauta Antigo, permanecem sendo ideias de lunáticos, alguma coisa qualquer entre teoria conspiratória, insanidade mental e “anti-ciência”. Com um olhar mais crítico e sincero facilmente concluiríamos que a crença nos mais variados dogmas religiosos, quaisquer que sejam eles, assim como a fé desenfreada no método científico deveriam caracterizar a mesma conclusão. Se fôssemos verdadeiramente sinceros conosco veríamos que nossas “certezas” não passam de uma crença cujos ângulos, no todo, não foram totalmente analisados. Isto porque ninguém sabe a verdade definitiva e completa a respeito de absolutamente nada. O próprio método científico prevê que, através de análises, e diante de novas evidências, conclusões podem mudar com o tempo, demonstrando que o conhecimento total e completo nunca esteve no domínio humano, embora tenhamos muito conhecimento sobre diversas áreas.

Mas a fé, por outro lado, normalmente não é dominada pela razão. Nas minhas obras faço o exercício de refletirmos a fé, levando racionalidade a ela. Não me parece fazer sentido crer em algo por simplesmente crer, como questão de fé sem que tenhamos a mínima lógica sobre isto. Em minhas convicções pessoais observei, diante das evidências dos anunnaki, que o deus exposto na bíblia é apenas um, dentre tantos outros. E os motivos para tanto, surgem através de reflexão lógica apresentadas ao longo deste livro.

E se a questão lógica, para mim, apresenta uma justificativa para a crença, a teoria anunnaki também evoluiu para outros pontos, embora pense que devemos ter cautela, observando sua evolução histórica.

A Biblioteca de Nínive, no atual Iraque, foi descoberta por arqueologistas por volta de 1850. A partir de então diversos estudiosos ligados à academia iniciariam estudos dos mais de 30 mil tabletas de argila de escrita cuneiforme. Um dos mais famosos, o já citado Samuel Noah Kramer, assiriologista e sumerólogo, fez diversos estudos, traduziu diversas placas e publicou diversos livros. Outros estudiosos também fizeram o mesmo. Até que Zecharia Sitchin publicou sua série de livros, um estudioso não acadêmico, que se permitiu fazer correlações e análises para além do conhecimento tradicional. E com isto a teoria se popularizou. E é exatamente por isto que devemos tanto respeito a Zecharia Sitchin, por mais que seja possível encontrar vários pontos duvidosos em sua teoria.

O já citado David Icke afirmava que os anunnaki eram reptilianos, ou seja, possuíam a aparência de répteis humanoides, coisa que Sitchin nunca afirmou e seus seguidores negam veementemente. Segundo Sitchin a aparência reptiliana na representação dos deuses sumérios/acádios/assírios deve-se aos seus equipamentos tecnológicos como capacetes e máscaras. Verdadeiramente o leitor não saberia posicionar-se, a não ser que já tenha estudado o assunto. E sinceramente, caro leitor, eu também não sei me posicionar a este respeito. Tenho hábito de ser muito crítico e procuro apoiar minhas ideias após pesquisar largamente sobre o assunto. Mas conheço alguém que sim, tem algo a dizer a este respeito.

Conversei com a pesquisadora Van Ted, que é uma pessoa muito séria em suas pesquisas, embora não seja uma acadêmica no assunto. Ela é alguém, que assim como eu, se dedica a estudos esotéricos, espiritualistas e anunnaki. Van é uma divulgadora da teoria do astronauta antigo e uma profunda estudiosa e conhecedora dos livros de Zecharia Sitchin. Ao questioná-la se teria um recado a dizer com relação a teoria de Sitchin, ela afirma categoricamente: os anunnaki

não possuem forma de répteis.

O assunto Anunnaki está rodeado de diferentes tons e matizes no grande mosaico dos estudos a este respeito. Há os que não acreditam em mais nenhuma religião e hoje versam a respeito de uma “Religião anunnaki”; existe os que se dedicam a rir e ridicularizar dos estudos a respeito; há os que afirmam que os anunnaki se escondem por trás dos governos do mundo e são os iluminati tentando instaurar a Nova Ordem Mundial; também existe os que recebem comunicações de anunnaki por meio de sonho, mediunicamente ou mediante algum transe, com ou sem o uso de alucinógenos. Este livro não pretende ridicularizar ou elevar quaisquer destes pensamentos a um nível mais alto. Minha intenção é analisar as diferentes tonalidades de uma pequena parte do amplo espectro de conhecimento a respeito deste tema à luz de minhas próprias pesquisas e conclusões. Gostaria de oferecer ao leitor desta obra talvez um ponto de partida, de onde seria possível, de forma minimamente isenta, identificar um começo para estudar o impacto das descobertas da Biblioteca de Nínive à luz das religiões, da filosofia, da lógica e da história do mundo até os dias de hoje.

Meus estudos não encerram uma conclusão definitiva a respeito. Não, muito pelo contrário. Como não sou um filólogo ou lexicógrafo dependo das traduções de pesquisadores sérios que tenham divulgado seus trabalhos em fontes fidedignas. E pelas dificuldades de localizar estes textos e de organizá-los em uma ordem lógica ou cronológica posso não ter identificado tudo tão corretamente. Mas confesso que “debrucei-me” em diversos textos históricos e mitológicos durante muitos anos para tentar compreender ao menos algumas partes deste imenso quebra-cabeças do passado e origem da humanidade. E exatamente por este motivo me propus a registrar meus estudos em um livro como este. Assumo que, com o passar dos próximos anos em que seguirei me dedicando a apreciação deste assunto, por certo, novas conclusões poderão surgir. Assim, não pretendo com isto encerrar todas minhas explanações a respeito deste tema tão complexo. Talvez, no futuro, pense em publicar uma nova edição desta obra ou estudos complementares em obras derivadas desta.

Neste sentido, está estabelecido abaixo um grande resumo em formato de tópicos de algumas constatações que se pode inferir até o momento. Desta forma, após a leitura de alguns textos que destacamos da mitologia mesopotâmica, das considerações a respeito e da apresentação da “teoria clássica” escrita por Zecharia Sitchin, destaca-se um grande resumo de conclusões e possibilidades a partir de tudo o que foi apresentado até agora nesta obra.

O que segue tem a proposta de apresentar um limite, um limiar, um umbral, uma fronteira para a possibilidade de um novo paradigma na posição do homem e da sua relação com deuses, deusas e Deus.

Conclusões

Estudiosos diversos, entre teólogos, arqueólogos e historiadores confirmam que o Deus da narrativa bíblica Yahweh (Javé) não foi o único desde sempre;

A análise de trechos Bíblicos e da Torá demonstram aspectos humanos, antropomórficos, no proposto “Deus único”;

Na linguagem bíblica, quando substituído o termo “Deus” pelo texto original, surge o termo deuses que aponta para criação do homem por mais de uma deidade;

A narrativa suméria que influenciou a redação da Bíblia e a Torá afirma que vários deuses criaram o homem;

A redação da mitologia mesopotâmica (suméria, acádia e assíria) antecede a suposta redação de Moisés do Gênesis e do Êxodo e este fato é confirmado por estudiosos de diversas áreas do conhecimento;

Há relatos do Dilúvio em diversas culturas e mitologias antigas. A Bíblia relata o arrependimento de Deus e a decisão de exterminar a humanidade, à exceção de um homem (Noé); sumérios relatam uma reunião de vários deuses onde Enlil quer destruir a humanidade e o deus Enki decide notificar a um homem

(Atrahasis) para salvar a humanidade;

Os críticos de Sitchin muitas vezes acusam-no de ter inventado o termo anunnaki, e dizem, sem pesquisar, que este termo não consta nas tabuletas mesopotâmicas. É preciso esclarecer que o Código de Hamurábi traz anunnaki, assim como George Smith, um cientista, utilizou este termo ainda no século XIX. Ademais, as palavras anunnaki ou deuses anunna denotam o mesmo grupo de deuses, e a forma para designá-los parece menos importante do que seus próprios feitos sob este signo linguístico;

Não pude localizar em meus estudos a suposta necessidade que os anunnaki tinham para minerar ouro no planeta Terra. Mas é evidente que os igigi realmente trabalhavam em algum tipo de escavação. Na própria Epopeia de Atrahasis que estudamos neste livro é possível constatar que os igigi cansaram do trabalho pesado. Se não for ouro, qual seria o interesse dos anunnaki?

Houve um tempo, segundo os mitos, em que deuses e humanos coabitaram nas cidades-estados. Noutros momentos os deuses habitavam os céus, os humanos à Terra;

As estruturas em forma de pirâmide chamadas de Zigurates abrigavam o deus de cada cidade. Este era o seu deus protetor que oferecia proteção e conhecimento ao sacerdote e ao rei, e recebia parte da produção da cidade do alimento, além de adoração e cultos;

Antes que a Torá hebraica pudesse existir o termo Edin já havia sido utilizado nas tabuletas sumérias e faz referência as planícies que pertencem ao deus Anu, pai e chefe dos anunnaki. Não podemos afirmar, como Sitchin o faz, de que no Éden se encontrava o deus Enlil e de que lá transcorreu toda história de Adão e Eva. Mas podemos dizer que é lá, na planície de Anu, no Edin sumério, onde os grãos e as ovelhas foram criados e depois enviados para baixo, para a Terra, diretamente do Monte Sagrado para alimentar e vestir os seres humanos;

Os sumérios criaram a contagem do tempo, a astronomia, a matemática, agricultura, a pecuária, as leis, a organização social, a escrita, as escolas, a política entre tantos outros feitos importantes;

A Suméria é a primeira civilização da história e atribui seu conhecimento como produto dos deuses anunnaki;

A própria criação dos seres humanos é atribuída pelos sumérios aos anunnaki e a ciência tradicional ainda não encontrou o elo perdido, por onde os primatas são transformados em seres humanos;

Até onde se sabe não existe registro mais antigo do que o dos sumérios com relação ao número 12. E são eles, os sumérios, que primeiro utilizam o número 12 e atribuem a estes 12 deuses, assim como a divisão do tempo em 12 meses e o dia em duas parcelas de 12h.

Possibilidades

A mitologia mesopotâmica seria a primeira mitologia que se tem conhecimento (há uma dúvida aqui com relação aos vedas da Tradição indiana, mas ambas são politeístas e muito semelhantes);

Os deuses da mitologia mesopotâmica seriam a origem de todos outros deuses e mitologias. Os Anunnaki e Igigi poderiam ser os mesmos deuses hindus, egípcios, gregos, romanos e das mitologias nórdicas entre outras;

Talvez diferentes anunnaki possam ter se apresentado como o deus único a diferentes sociedades e agrupamentos humanos, em diferentes tempos. Um exemplo disto, talvez seja o Islã e o Cristianismo com diferentes ideias de civilização e sociedade;

O relato bíblico da criação de Adão feito do barro não pode ser admitido pela lógica, sendo, portanto, interpretado como alegoria e teologia; já o relato sumério da criação demonstra uma possibilidade de se interpretar o mito para além da metáfora, como a mistura de material genético anunnaki com terrestre;

Há diversos relatos bíblicos quanto à infertilidade de algumas mulheres, o que pode sugerir testes laboratoriais com diferentes versões de tentativa/erro como demonstrado no texto “Enki e Ninmah”, quando na quinta tentativa é criada uma mulher infértil. É preciso lembrar então, que Enki pode ser um habilidoso engenheiro, arquiteto (ou designer) e que na mitologia suméria diversos foram seus feitos como a fertilidade da terra e a origem dos animais, como relatado no

texto Enki and the world order⁹¹. É preciso lembrar ainda que nos relatos bíblicos diversas mulheres inférteis foram mais tarde “curadas” por Deus. Um exemplo famoso que deve ser lembrado é o caso de Abraão, que teve o primeiro filho com a serva Agar, já que sua esposa Sarai não poderia ter filhos. Mais tarde, Deus cura Sarai, que modificara seu nome para Sara, ganhando a possibilidade de engravidar. Neste caso, poderíamos supor que o deus que orienta e autoriza Abraão a cometer adultério devido à infertilidade de sua esposa, não necessariamente seja o mesmo deus que anos mais tarde cura sua esposa, oferecendo-lhe a fertilidade. Talvez não estivesse ao alcance do primeiro deus oferecer a cura da infertilidade, uma vez que esta talvez estivesse ao alcance somente de Enki;

É preciso destacar que as tradições pagãs foram absorvidas pela cultura judaico-cristã substituindo o culto por outros deuses pelos símbolos convenientes à cultura que se queria disseminar;

Ao se admitir a criação humana pelos anunnaki e a possibilidade do deus bíblico da tradição judaico-islâmico-cristã como a fusão de vários deuses pagãos (ou somente um deles), é resolvida a situação de Deus ter ciúme, raiva, arrependimento, etc., já que ele demonstra ser um deus de carne e osso. É possível perceber que o deus bíblico Yahweh necessita se reafirmar a todo momento ser o único. E desta forma, poderia citar que tal inferência resolveria até mesmo o paradoxo do mal proposto pelo filósofo grego Epicuro, ao menos quando se relaciona tal problema com a entidade bíblica Yahweh. Além disto, os sumérios “argumentavam que não havia casos em que o sofrimento humano fosse injusto e indevido, era sempre o homem, e nunca os deuses”, como explica Samuel Noah Kramer em “A história começa na Suméria”.

Ao final deste capítulo gostaria de ponderar a possibilidade de que os sumérios tenham imaginado fantasiosamente tais histórias, e assim também, de forma igualmente fantasiosa, registrado tal contato em tantas diversas tabuletas. Ainda assim comemoramos o fato de contatar tais registros, ainda que se trate unicamente de fantasia, pois terá sido a primeira que a historiografia já revelou. Por outro lado, penso que devemos estudá-los para compreender para onde os sumérios apontam o início de todo o desenvolvimento humano.

É preciso ainda nos perguntar: que sentido faz seguir alimentando a crença no deus único bíblico Yahweh, uma vez que é fato consumado de que o mesmo não era, e nem é o único, mas sim apenas um dentre outros, como vimos ao longo desta obra? A crença em tal deidade vem sendo alimentada por séculos e séculos e está longe de se configurar-se num benefício à vida individual ou à sociedade como um todo. É preciso observar as guerras por diferentes deidades como acontecem ainda hoje no mundo. Além disto, a adoração ao deus único e exclusivamente patriarcal, ou Deus Páter, é uma deidade solar, que nega a existência e a possibilidade do feminino, deixando homens e mulheres, e a humanidade como um todo, separados da unidade, através da negação de uma das pontas, do feminino.

O advento do patriarcado, no oriente ou no ocidente, desautorizou as mulheres do contato com o estudo e da liberdade de pensamento e ação, transformando o mundo em uma sociedade doente e sedenta de poder, pela falta da doçura e sensibilidade que somente o arquétipo feminino⁹² pode trazer. Assim, homens são desencorajados a chorar, pois é sinal de fraqueza e mulheres devem abafar sua racionalidade, ou seu lado masculino, até que o oxigênio lhe seja retirado e volte a dormir eternamente, como tantas fábulas populares contam, seja no cristianismo da Idade Média ou nos “hábitos e bons costumes” que perduram até hoje. O trinômio Deus, Pátria e Família, pressupõe um sufocamento do feminino, uma vez que Deus é o autoproclamado deus único que vimos neste livro; Pátria é o próprio patriarcado, que se origina da palavra pater, ou Pai; e Família, por fim, é a instituição primeira da sociedade que ensina o feminino a sufocar o seu próprio existir em detrimento do poderio patriarcal, que a tudo domina e consome. O sufocamento do feminino no ocidente democrático é ainda velado, mas no oriente está muitas vezes expresso no Islamismo radical ou na Sharia, conjunto de leis estabelecidas a partir do Corão, livro sagrado do Islamismo e revelado pelo profeta Maomé.

Fica como reflexão ao leitor: ainda faz sentido render Graças à autoproclamada unicidade do suposto Deus único?

CAPÍTULO 5 –

O patriarcado e as implicações do deus-uno em relação à crença politeísta

Segundo Ptolomeu, o Sol seca e a Lua umedece; segundo os cabalistas, o Sol representa a justiça rigorosa e a Lua é simpática à misericórdia. É o Sol que forma as tempestades; é a Lua que, por meio de uma espécie de doce pressão atmosférica, faz crescer e decrescer e como que respirar o mar. (...) O movimento e a vida consistem em uma tensão extrema das duas forças (...) Contudo, já dissemos que a reprodução da unidade pelo binário conduz forçosamente à noção e ao dogma do ternário (...) O ternário é o fim e a expressão suprema do amor: somente se buscam dois para se converterem em três.

Eliphas Levi

O primeiro é o pai; o segundo é a mãe... e o terceiro: é o filho!

Refletir a jornada teológica e suas implicações mais profundas, do politeísmo ao monoteísmo, é impossível se observarmos estritamente do ponto de vista materialista. É preciso irromper o véu do exotérico, que cobre o esotérico, e compõe o místico e holístico dos acontecimentos. E assim, pouco a pouco, iniciamos a jornada que conduz à parte final deste livro.

Qualquer coisa que se pense ou se veja, absolutamente tudo e qualquer coisa tem início a partir do número um. O um é o princípio de onde tudo emana, e para onde tudo retorna. Se pensarmos, por exemplo, em uma pedra, e quebrarmos ela em vários pequenos pedaços, a totalidade da pedra ainda permanece a soma de todas as partes, ainda que cada parte, após a partilha, seja independente. Se pensarmos no começo dos tempos, no princípio do Universo, na Teoria do Big Bang, teremos um ponto de partida, de onde tudo teve início, que é o momento em que o um se divide, formando toda manifestação que existe. O Universo tem este nome, justamente por esta característica. A etimologia de Universo, tem origem em uni, que significa um e verso, que significa algo modificado ou rodado. O Universo é, então, por sua definição etimológica, o um modificado ou rodado.

Se o zero é o nada, o um é o princípio que contém tudo, onde tudo é, e tudo pode vir a ser. O um é arché de onde todo typos tem origem. Inevitavelmente, devido ao movimento cósmico das leis universais, todo typos deverá retornar, um dia, a um⁹³.

Desta forma, pressupõe-se que o um é o todo, e contém o todo e tudo, mas não é diferenciado, embora a tudo contenha. Todos os arquétipos e tudo o que existe

está contido no um. E justamente, por tudo conter, ele é um local simbólico do ser e, portanto, está imanifesto, embora seja dele que toda manifestação emana. O um é imanifesto, pois não existe cisão, ele está completo, não há um contraste. E é daí que surge o dois.

O dois é a oposição, o conflito, a reflexão e a necessidade da busca pelo equilíbrio. De um ponto de vista místico, a existência de um pressupõe o surgimento do dois. O dois é a dualidade de onde surge a dialética; é o antagonismo, a antítese que faz surgir a manifestação. É a realização do imanifesto em manifestação. No dois, tudo surge e se manifesta, tudo vive.

O um está associado ao princípio masculino, de onde a vida é latente, mas não manifesta, onde consta a semente, mas que é incapaz de gerar uma vida manifesta. O dois está associado ao princípio feminino que como antítese é o receptáculo da vida latente e imanifesta no um.

O dois é vida... e morte ao mesmo tempo! No dois está o poder de a tudo gerar e manifestar o que está implícito em um. E é através do dois, que se retorna a um, pois é somente o dois, o princípio feminino que pode encerrar em si o gérmen de cuja semente se originou, dando-se, doando-se, fundindo-se e dissolvendo-se no um, no uno e no todo mais uma vez.

O dois realiza e manifesta o uno, para formar o três, o filho, o vértice de onde resulta o ritmo, o movimento e o triângulo da vida. O três, que representa o triângulo é conhecido pelos místicos e esotéricos na Lei do Triângulo. Embora tal lei não seja reconhecida na ciência tradicional, ao observar o Universo e a natureza, percebemos que o triângulo está presente em tudo.

O Três une tese e antítese, para formar a síntese na Filosofia de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Hegel, se não bebeu de fontes ocultistas mantidas distantes do

grande público pela tradição da Igreja, percebeu o fundamento do cosmos e o eternizou na sua filosofia. O três é o filho, a resultante dos polos, que contém características do um e do dois, ou seja, dos dois polos opostos.

Os exemplos da aplicabilidade de onde é possível perceber o triângulo são simplesmente infindáveis. Mas para um breve exemplo, podemos citar: o dia e a noite, o claro e o escuro, o masculino e o feminino, os polos positivo e negativo da eletricidade ou os magnéticos, entre tantas outras coisas. O três, ou o filho, aquele que une o um e o dois, o positivo e o negativo, que cria a eletricidade, por exemplo, mantém as características de ambas as pontas opostas e é a responsável por criar o movimento da vida. É de onde surge o ritmo e a dança da existência. Se no um tudo existe, latente e imanifesto, no dois ganha vida e manifesta-se para no três, na coniunctio, na união dos opostos, ganhar movimento e criar ritmo. O ritmo é a compensação da existência que realiza o perfeito casamento entre ambos os polos.

Compreender esta lei, e observá-la expressa no mundo, é descortinar o que está por trás dos véus da existência e da lógica no mundo. “O mar da história é agitado”, afirmou o artista João Bosco. E ele é agitado, porque o movimento da vida pressupõe um ritmo que varia entre os binários um e dois, para resultar no três, que é a própria vida, a sociedade e a existência.

De forma análoga a Idade Média provocou o surgimento das luzes iluministas e do surgimento de uma ciência consistente, que por sua vez provocaram um retorno ao tradicionalismo e um pensamento mais conservador que observamos neste início de século. O pêndulo da história dá ritmo e vida à sociedade e é propulsor das transformações no mundo.

O três é, e só pode ser resultado da união do um e do dois. O um é o pai, é o sol, que contém as condições de tudo, mas é imanifesto; o dois é a mãe, que possui o receptáculo para a semente da luz, é a lua, que realiza a imagem do sol e cessa com o imanifesto provocando a manifestação; o três é o filho, completo, com as

características do pai e da mãe... é o novo, é a síntese na Filosofia Hegeliana.

Esta mística está contida em diversas mitologias e ritos das cerimônias religiosas e sacramentos. É também nesta síntese dialética que se encontra espírito e matéria, como fundamentos básicos e sustentáculos da vida manifesta. Os opostos não são necessariamente rivais, nem se deve atribuir os rótulos de bem e mal aos polos positivo e negativo. Eles são apenas opostos e por isto geram vida: nem um, nem outro devem ser rotulados. Eles são complementares e não opostos.

Na celebração da Santa Missa, no ato de Consagração une-se o corpo e o sangue de Cristo, que cria a hóstia; e na vestimenta dos padres se utiliza a batina preta, que simboliza a morte para o mundo e o branco, que significa a pureza, e o padre é o resultado desta união; no casamento o homem e a mulher se unem para formar o terceiro, a família, entre tantas outras aplicações que se vê nos mitos e ritos da tradição religiosa.

Luz e sombras fazem o dia e a noite e o movimento de vida e morte no mundo que conhecemos. Cabe uma curiosidade, para encerrar esta primeira parte de reflexão. Em alguns círculos esotéricos diz-se que o diabo não é nada além do que Deus visto ao contrário. E neste ínterim, cabe-nos a interrogação: a noite é, de alguma forma ruim ou má, em razão da existência da luz e do dia? Ou seria ela tão necessária como o dia é, para o equilíbrio, para que o resultado final seja a vida? Qual o resultado da unilateralidade, se não considerarmos os caminhos das mãos direita e esquerda no eterno ritmo de luz e sombras, vida e morte?

Ademais, já que consideramos o par Deus-Diabo é preciso lembrar que os pares de opostos não são opostos, como afirmado acima e sim, complementares. Além disto, diabo é um termo utilizado para denotar uma separação, um lançamento para fora, como veremos mais à frente nesta obra. E para quem atribui a nomenclatura Diabo para Lúcifer, é preciso esclarecer que o termo lucifer significa portador da luz. Em grego portador da luz é fósforo e,

portanto, fósforo, Lúcifer e portador da luz são sinônimos. E é preciso destacar que tal característica é atribuída a Jesus em um dos evangelhos presentes no Novo Testamento, como àquele que porta a luz e acende os olhos aos cegos.

Não é minha intenção discutir os pormenores de tais afirmativas nesta obra. Mas fica, então, um convite ao leitor para tal reflexão...

A demonização do sagrado feminino e do culto à Deusa

Thomas Römer, professor citado anteriormente nesta obra, dedica trecho do capítulo “Do deus um ao deus único”, para esclarecer a questão da integração ou destituição do feminino no discurso monoteísta. Segundo esclarece o teólogo, o deus único abarca características de pai e mãe. Ao mesmo tempo em que Yahweh apresenta características de um deus guerreiro, apresenta amor e compaixão, identificando-se com o princípio feminino. As próprias atitudes dele com o povo judeu podem ser comparados ao de uma mãe com seus filhos, como explica o autor. O professor Römer explica que quando o monoteísmo emerge, a deusa desaparece, uma vez que “(...) os partidários da reforma de Josias já tinham querido banir do culto oficial de Jerusalém”.

Não obstante, a trajetória do monoteísmo impulsiona ainda a questão do relacionamento com o feminino e sua substituição definitiva pelo deus único. A despeito disto, Römer reserva o nono capítulo de sua obra para dissertar a respeito da crença em Asherah, a esposa de Yahweh. O professor afirma que as origens da deusa Asherah “são provavelmente oeste-semíticas, embora ela tenha sido atestada pela primeira vez na Mesopotâmia, na época de Hamurábi”. Thomas explica ainda que

“A palavra aserah aparece quarenta vezes nos textos bíblicos, mais frequentemente com o artigo. Aparece dezoito vezes no singular; no plural, as duas formas aserim (um plural masculino, dezenove vezes) e aserot (plural feminino, três vezes) são atestadas. O plural masculino é estranho. Julga-se, frequentemente, que ele é utilizado quando o termo ‘Aserá’ tenha o sentido de poste sagrado, uma espécie de árvore estilizada. (...) Uma outra possibilidade é a de aceitar a hipótese de Oswald Loretz, segundo a qual o plural masculino seria uma invenção artificial dos redatores bíblicos para evitar qualquer alusão à deusa.”

Nestes termos é preciso destacar a similitude de um dos termos bíblicos aserot com a própria deusa Asterote, que por vezes é chamada de Astarote, Ishtar, e é a mesma deusa Inanna da mitologia suméria/acádia/assíria.

Houve um tempo, na própria linha do tempo bíblica, em que as deusas eram cultuadas tanto quanto os deuses. As deusas eram muitas vezes representadas ao lado do marido, e representadas com seios abundantes sustentadas pelas mãos, significando a vida.

Mas como Römer afirma

“Em resumo, a deusa Aserá era associada a Yhwh como consorte, mas ela também era venerada independentemente dele, sobretudo pelas mulheres, enquanto Rainha do Céu. É somente sob o reinado de Josias que Yhwh se encontra só, sem sua Aserá.”

Fica clara, então, a intenção de um deus único em abarcar as expressões dos princípios masculino e feminino, ainda que os títulos de Senhor, Rei ou Pai, façam-se presentes em todos os livros sagrados.

É indubitável que a instituição do monoteísmo, pouco a pouco tenha feito apagar a chama do feminino na sociedade. Tudo se inicia no próprio Gênesis. No episódio do “fruto proibido”, quem foi seduzida pela serpente, comeu do fruto e deu-o ao homem foi a mulher (Gênesis 3:4-6); depois o próprio homem culpa a mulher diante de Deus, revelando que foi ela quem lhe deu o fruto (Gênesis 3:12); Deus, então, diante do erro cometido pela mulher castiga-lhe duplamente: sofrerá ao dar à luz, e deverá submeter-se ao marido que lhe dominará (Gênesis 3:16).

É possível traçar um paralelo entre o Gênesis bíblico e os efeitos na sociedade atual. A psicóloga e terapeuta Raïssa Cavalcanti, na obra “O casamento do sol com a lua”, esclarece que o homem se afirma através da posse da mulher, da sua mulher, da esposa. Diz:

“(...) o homem tem a posse da esposa, da persona; a pessoa é um ser que ele jamais saberá quem é, estará escondida atrás de todos os invólucros sociais. Ela estará escondida de si mesma e para o outro”.

Como explicam Mendonça e Ribeiro, em artigo sobre a condição da mulher brasileira, do período colonial ao início do séc. XX, o comportamento da mulher sempre foi controlado pela Igreja, antes e depois do casamento. A promoção da contenção do desejo, da clausura, e da submissão da mulher frente ao marido era garantida pelas autoridades e instituições religiosas. O controle do marido sobre a esposa é inquestionável e dominador; a submissão é obrigatória e justificada pela vontade de Deus.

Segundo Raïssa:

“A feminilidade passa a ser definida como submissão, castidade, fidelidade, obediência, sacrifício. Transfigura-se na mulher tudo o que ameaça a ordem patriarcal e o lugar do homem como senhor absoluto. A mulher tem de estar a serviço da família e do marido. Tudo isso foi reforçado pela Igreja, e o modelo apontado é a figura de Maria. Embora o cristianismo pregue a igualdade entre o homem e a mulher, essa igualdade é vivida dentro de papéis complementares, nos quais o único beneficiado é o homem. Ela é a esposa, ele é o esposo; são semelhantes, mas as funções ‘naturais’ são diferentes. A esposa deve servir ao esposo e este deve protegê-la. O feminino, no mundo patriarcal, está definido e preso a estereotípias convenientes, e à cristalização de papéis que definem obrigações e comportamentos e que alienam a mulher de si mesma”. (Raïssa

Cavalcanti, o casamento do sol com a lua, 1987, p. 111).

A figura mítica de Maria, transformada em modelo, afirmada e reafirmada através dos séculos de domínio religioso cristão no ocidente, serviu para torná-la um modelo a ser seguido. A iconografia que simboliza o mito, de olhar doce e terno, revela uma mulher que não deve demonstrar força ou resistência, mas ao contrário, resignação e indulgência. O mito da virgem como símbolo de castidade e pureza, nasce em Maria e se perpetua em uma bela cerimônia de casamento, com o vestido branco, que remete à pureza e à virgindade. “O cristianismo faz uma interpretação do mito de Maria onde fica subentendido o objetivo de controle da sexualidade feminina”, afirma Raïssa (1987, p. 104).

Não é Maria, mãe de Jesus, como pessoa ou arquétipo, a situação problemática. O grande problema se origina do que foi feito em relação à sua imagem iconográfica e seu símbolo através dos tempos. Assim como também não é problema o casamento, como instituição, sacramento ou cerimônia, mas o que decorre dos seus símbolos e para qual fim servem. Maria é modelo inalcançável, mas que deve ser seguido: mãe, santa e virgem.

De um lado põe-se a condenação do fruto proibido, do erro cometido por Eva e do castigo de Deus (dar à luz com dor e ser dominada pelo homem); de outro a pureza, castidade, resignação e indulgência do olhar doce e de braços abertos de Maria, mãe de Deus. O mal que gerou a condenação, sofrimento e submissão, conduz à direção contrária para remissão dos pecados através dos braços acolhedores de Maria, levando ao polo oposto. O exemplo de mãe, da pureza e de olhar doce, não necessariamente tem origem em Maria. Como demonstrando nos capítulos anteriores, a figura mítica da deusa Ninhursag, guarda o mais profundo significado da Boa Mãe. Os relatos são emocionantes e cheios de significação, iniciando pelo significado de seu nome.

A deusa Ninhursag também é conhecida por Ninursag, onde nin significa “Senhora” e Hursag, “montanha sagrada”; outro nome para a mesma deusa é

Ninmah, que significa “Grande Rainha”; Ninti, cujo prefixo nin já explicado anteriormente significa “Senhora” e ti “Costela”, ou seja, Ninti, significa “Senhora da Costela”; Ninmag, “Senhora da Vulva”; Nindim (senhora modeladora; Amadugbad, “Mãe que estende os joelhos”. Segundo alguns textos, reis foram nutridos pelo leite de Ninhursag. A mesma deusa, entretanto, além de guardar os aspectos de Grande Mãe, também era conhecida por Sagzudingirenak, “meia esposa dos deuses”. A figura de mãe jamais poderia ser dissociada da “Senhora da Vulva”, ou da “Mãe que estende os joelhos”, em uma possível alusão ao parto. O sagrado envolve os conceitos de Grande Mãe, como doçura, e do aspecto considerado profano, do sexo. Aceitar e vivenciar um, não significa negar o outro. As instituições religiosas que se desenvolveram ao longo dos séculos, entretanto, trabalharam o oposto: demonizaram o sexo e personificaram a figura de mãe, de aspecto virginal e submissa ao patriarcado.

Com estes ingredientes, somados à ira divina, o temor de Deus, do inferno, do pecado e do Diabo, não é difícil compreender o domínio religioso e a grande culpa da Igreja na demonização do feminino e na afirmação e reafirmação de uma civilização patriarcal, misógina e machista.

Raïssa afirma “que o casamento será o veículo através do qual esse domínio será exercido, e o espaço onde será vivido o culto à sua santificação”. Em concordância com a psicóloga, por mais que jamais tenham se encontrado, inclusive pela diferença entre os séculos, o famoso historiador francês, Fustel de Coulanges, afirma que “a mulher só será verdadeiramente considerada quando a cerimônia do casamento a tiver iniciado no culto”. As palavras do historiador do século XIX fazem referência às civilizações grega e romana. Ele explica que esta família antiga não era uma associação natural que levasse em conta os sentimentos dos cônjuges, mas sim uma associação religiosa. Antes do casamento a mulher deveria reunir-se junto ao fogo do altar religioso de seu pai; após o casamento deveria fazê-lo ao redor de seu marido. “Sem dúvida, não foi a religião quem criou a família, mas, seguramente foi a religião quem lhe ditou as regras”, afirma Fustel de Coulanges (2003, p. 42). As famílias, embora uma ao lado da outra, cultuavam deuses diferentes. A mulher não era isolada do culto, mas era subjugada às venerações sagradas de seu marido. Casar-se compreendia mudar de religião, deixar a casa e o culto de seu pai para cultuar o deus do seu

marido. Embora estejamos tratando do casamento no período histórico das antigas Grécia e Roma, neste momento o casamento era celebrado em casa, e não nos templos; os deuses cultuados eram os deuses da família, e não centralizados em um deus templário. Neste momento, ao deixar a casa de seu pai, na cerimônia grega de casamento, o homem irrompia as portas de sua casa com a mulher em seus braços, simulando um rapto. Com o passar dos anos e dos séculos, com o advento do cristianismo, a ideologia da sociedade patriarcal se refletiu nos lares cristãos, repetindo, afirmando e reafirmando as práticas e criando a tradição familiar. Quando algumas pessoas, e até mesmo autoridades, defendem os princípios tradicionais da família, será que observam quais são estes princípios, de onde se originaram e o que pressupõem como prática?

A advogada Milena Gordon Baker, na introdução da obra “A tutela da mulher no direito penal brasileiro” afirma:

“A violência contra as mulheres é um fenômeno enraizado na história da civilização e em todas as regiões do planeta. Ela encontra sua fundação no patriarcado. O instituto do patriarcado origina-se na família e, como consequência, se reproduz em maior escala, na sociedade em todas as suas formas de organização, no âmbito privado e público. Tal instituto legitimou a violência contra as mulheres em virtude da diferença social entre homem e mulher, construindo um ideal de diferença social entre os dois sexos, baseado na divisão de papéis sociais, que foi imposto como natural e determinado. Neste sentido, a hierarquia estabelecida pelo patriarcado entre os sexos nas relações de poder contribuiu para opressão e a subordinação da mulher.”

A advogada, mais à frente em sua obra, elenca algumas máximas as quais nomeia de “mitos da violência doméstica”. Segundo ela, tais afirmativas respaldam a conduta do homem violento:

“As mulheres que são maltratadas merecem;

Se elas ficam é porque gostam;

Se ama não pode bater nela;

O homem violento é doente;

Os casos de violência familiar são isolados;

Só acontece em família de baixa renda;

Aqueles que batem foram vítimas de abuso na infância;

O álcool e o abuso das drogas são as causas da violência familiar;

O homem é ciumento e a mulher lhe causa ciúmes;

As mulheres provocam os homens;

A mulher deve ser obediente;

O abuso emocional não é tão grave quanto o físico;

O casamento é privado e ninguém deve se importar com o que se passa dentro dele.”

Que não se coloque diante disto, a culpa somente no Cristianismo. O Islamismo radical acusa a cultura cristã ocidental de ser permissiva em demasia com as mulheres, pervertendo-as de sua destinação santa.

A sociedade moderna é um espelho, o resultado, a soma de todos os efeitos, cujas causas e condições evoluíram através do tempo. A causa pode ser atribuída às escrituras sagradas – não exatamente às deidades, mas às escrituras; as condições se fazem através da organização social e das leis. A partir das escrituras a tradição teve início, e o cultivo das ideias germinaram em terreno fértil nas sociedades antigas.

O culto às divindades femininas foram substituídos um a um, até que seus nomes fossem apagados da tradição. Na antiga mesopotâmia as deusas eram fortes e poderosas, sem perder, entretanto, a feminilidade própria do gênero. A deusa Inanna, também conhecida como Ishtar, Eostre, Astarte ou Ester, cujo nome talvez tenha originado a Páscoa, Easter, em inglês, pode ser destacada como um dos maiores exemplos do esquecimento proposital no caminho entre o politeísmo e o Deus-uno. Desde a Suméria a deusa Inanna era cultuada como símbolo de fertilidade e colheita. Esta deusa era representada próxima a uma lebre ou coelho. Simbolizava a vida, a prosperidade e a colheita. Foi ela que, com lágrimas nos olhos lamentou a suposta morte da raça humana, no episódio do Dilúvio. Hoje nos livros de história, na versão oficial, a origem da Páscoa está no termo judaico pessach, ou passagem. Mas quem estuda religiões, sobretudo as antigas, têm conhecimento da maravilhosa deusa Inanna, em cuja homenagem se pintavam ovos, exatamente no período da Páscoa. Devemos lembrar, ainda, que Inanna ingressou no mundo dos mortos guardado por Ereshkigal e retornou, ou ressuscitou. Inanna é uma deusa da primavera, comemorada na Páscoa e é o primeiro relato mitológico de ressurreição. Não é estranho, curioso, e ao mesmo tempo aterrador atestar para uma deusa que simboliza a vida, uma festa com ovos pintados e uma ressurreição, milênios antes de Cristo? Ao pesquisar sobre a história da deusa Inanna, atentando para indicação de que o povo judeu tem origem em Abraão, cidadão sumério da cidade de Ur, o leitor poderá concluir por qual motivo é tão conveniente, na transição do politeísmo ao Deus-uno, o desaparecimento da figura da Deusa e a comemoração da pessach judaica no mesmo período. O Cristianismo, por fim, perpetuou o mito da ressurreição de Jesus, como aquele que venceu a morte e ascensionou aos céus, dignificando um homem em lugar da mulher, no mesmo período do ano. O símbolo da vida (tanto física quanto espiritual), não era mais da deusa, mas sim do próprio Deus, aquele que se fez carne para salvar a humanidade e que sofreu no Gólgota pela remissão de nossos pecados.

A deusa Inanna, hoje mais conhecida pelo nome acádio de Ishtar, talvez tenha sido um belo exemplo de sexualidade e poder feminino. Há relatos de uma misteriosa e bela dança que a deusa habilidosamente apresentava. Os mitos demonstram deuses masculinos que seguiam com olhar atento o balançar do corpo da belíssima deusa. Relata-se a possibilidade de que Inanna apresentava a dança do ventre. Esta milenar dança é famosa pela beleza, vivacidade e sensualidade, demonstrando as forças de atração e repulsão, os impulsos do

universo em seu próprio corpo. O movimento da dançarina lembra o de uma serpente. Na filosofia tântrica o princípio da deusa hindu Shakti, representa o movimento de criação, enquanto o deus hindu Shiva, representa a destruição, o princípio masculino, através do tandava. O princípio Shakti, presente em todos os indivíduos, tanto homens quanto mulheres, tem origem na Kundalini, uma energia que se enrola como uma serpente a partir da base da coluna vertebral, próxima ao cóccix. Talvez por isto a dança do ventre seja tão bela: concentra a energia dos princípios masculino e feminino, criação e destruição, ternura e virilidade, em um ato artístico.

Não é somente a deusa Inanna a responsável pelas mais belas representações sagradas do feminino no mosaico politeísta. Dentre tantas outras deusas destaca-se, no Egito a deusa Maat que desfilava suas belas asas abertas representada nos papiros. Alguns especialistas defendem que Maat é mãe, e esposa do deus Rá (talvez esteja aqui a origem das representações da tragédia grega Édipo, de onde Sófocles talvez tenha se inspirado, e que originou o famoso Complexo de Édipo), o deus do sol do Egito, que era reverenciado como aquele que vencia as trevas e trazia a luz no solstício de inverno, nas proximidades do que se transformou o Natal cristão. Maat foi a luz que trouxe Rá em seu ventre, o deus do sol, ao mundo, embora também seja sua filha, para alguns estudiosos. Esteve para a cultura politeísta egípcia como Maria está para os cristãos, mãe de Deus. A deusa das grandes asas era considerada deusa da verdade, da justiça e da ordem cósmica. É possível traçar um paralelo entre a deusa Maat, da ordem e da justiça, com a bela dança de Inanna/Ishtar em cujo corpo delineava a ordem nos movimentos pendulares cíclicos que iniciam e terminam no universo: quando alguém morria (resultado destes ciclos duais do universo), no ato do “julgamento”, o deus Anúbis, deus dos mortos, pesava o coração do morto e a pena emprestada por Maat. O coração devia pesar menos que uma pena. Maat, que por vezes está representada com o cetro, relacionado ao poder, mais tarde relacionara-se com o deus da sabedoria, Toth, que na antiga Grécia foi cultuado como Hermes, o Três Vezes Sábio, Três Vezes Grande, Trismegisto, de onde se originou o Hermetismo e a Filosofia Hermética.

Diante da grande variedade de deuses cultuados, na transição para a crença no Deus-uno as escrituras convenientemente condenaram os princípios femininos.

A poderosa força da Kundalini, como serpente representada na dança atribuída a Inanna, assim como ela, deusa da fertilidade fora demonizada: foi a serpente quem iludiu a mulher e a mulher quem induziu o homem ao erro. Desta forma, com novos cultos e uma nova lenda, a semente estava preparada para ser fertilizada e criar raízes.

A tabula rasa, cujo argumento foi utilizado pelo filósofo John Locke, faz referência a uma folha de papel em branco, que é a mentalidade de uma criança ao nascer. O grande caldo cultural com a qual esta criança terá contato transforma, pela ideologia do medo e da culpa, em um padrão que ecoará pelas eras. A tradição fixa, então, o hábito, e o rito acaba por reforçar o mito.

Assim, protegidos pelas escrituras em punho, as espadas e fogueiras ideológicas se desenvolveram. Milhares de mulheres foram queimadas vivas, ardendo o fogo do inferno que deveria, segundo as crenças que defendiam, ser reservada ao pós-vida, mas foi nas mãos de homens incultos travestidos sob os títulos mundanos de autoridades. O Sagrado que permaneceu oculto nas tradições de adoração à Deusa, se fez luz na iluminação do Deus-Uno, que por sua vez usurpou a sacralidade feminina. Sem espaço para a Deusa, que jazia adormecida na obscuridade de um autoproclamado deus único, a humanidade mergulhou nas trevas de uma crença monocentrista que encontrou seu apogeu na Santa Inquisição. O resultado disto é nossa visão moderna de uma sociedade patriarcal que assume sua preferência pelo masculino e diminui as chances de prosperidade daquelas cujo gênero guardam no ventre, o segredo e o sagrado de toda origem da vida.

Hoje o sagrado feminino se traduz numa busca individual. Homens e mulheres terão de encontrar o divino em si numa incrível jornada de busca interior, silenciando a voz que nossa sociedade patriarcal recita em nossos ouvidos. Como observado nas páginas e capítulos anteriores as deidades femininas das antigas tradições expressam a sacralização que é essencial ao feminino.

O feminino está presente em todas as coisas. Tudo têm seus princípios feminino e masculino. É, entretanto, na maioria dos casos na natureza, e em especial nos humanos, o feminino quem cultiva a vida, gestando-a, por certo período de tempo; e é também através do corpo feminino que ocorre uma das mais belas cenas de amor que a existência nos proporciona: a amamentação, arquitetada geneticamente no corpo feminino com os hormônios necessários à atividade.

A libertação do feminino: uma necessidade urgente

Engana-se quem personifica a figura do feminino única e exclusivamente na mulher. E neste ponto é preciso observar alguns detalhes antes de prosseguir no estudo propriamente dito.

Os debates em torno de sexo e gêneros crescem a cada dia na sociedade atual. Há quem defenda que o sexo se divide em masculino e feminino e que o gênero resulta de uma construção social. A título de reflexão, se imaginamos o sexo como puramente a questão de genitália, o que diríamos após uma cirurgia de troca de sexo?

Por este motivo este livro, seu autor e toda extensão de sua obra, entende, aceita, respeita e considera “justa toda forma de amor”. Mais do que isto, intento em dizer que as tentativas de identificar e rotular gênero e sexo são problemáticas e deverão ser cada vez mais, conforme a sociedade avança em relação ao tempo.

Por princípios masculino e feminino, desde o primeiro instante em que a temática foi abordada, nos referimos a literalmente, princípios e não à manifestação, propriamente dita. Não se está fazendo referência ao homem ou a mulher, embora indubitavelmente o princípio masculino esteja naturalmente mais ligado ao homem, e o feminino à mulher. De outra forma, é possível também que existam homens mais ligados ao princípio feminino, assim como mulheres com maior envolvimento masculino. E em nenhum momento estas combinações pressupõem alterações de cunho sexual, identificação de gênero ou de preferência sexual. Já é passado o momento de derrubar estes estereótipos que maculam o pensamento humano a uma caixa pronta, de modelo restrito e fechado. A título de exemplo, é perfeitamente possível que um homem heterossexual tenha seu princípio feminino melhor desenvolvido, que o

masculino, assim como um homem homossexual tenha seu princípio masculino melhor desenvolvido que o seu oposto, ou ainda, que uma mulher heterossexual tenha seu princípio masculino bem desenvolvido. Uma coisa nada tem a ver com a outra, sendo que suas variações e combinações são todas igualmente possíveis.

Princípios de gênero, masculino ou feminino, referem-se aos princípios de semente e geração, os polos complementares que se atraem para formar um terceiro. Assim como polos da eletricidade, os princípios masculino e feminino agem para tornar-se um, o filho, em equilíbrio e com as características reunidas de ambos os princípios. É o que os alquimistas chamam de coniunctio, a união resultante dos opostos. Tal temática está no cerne das antigas sociedades secretas, hoje sociedades discretas, e em textos como *As bodas alquímicas* de Christian Rosenkreutz. Nada mais é do que a união e o equilíbrio entre os polos, cujo resultado da coniunctio é a pedra filosofal, que era a grande busca dos alquimistas. Não é objetivo desta obra adentrar em um tema tão complexo como a alquimia. Mas é necessário citá-la para que os leitores que desejarem busquem este conhecimento fazendo relação com o que encontraram e encontrarão a partir desta leitura.

Após este indispensável preâmbulo, vamos nos ater especificamente na questão ímpar que envolve a necessária libertação do feminino. Sabe-se que o feminino não necessariamente está ligado à mulher, mas a um princípio, que está em tudo, desde a natureza até o psiquismo do próprio homem, perpassando pelas constituições e instituições sociais.

Se no cerne de tudo está o um, o dois e o três, que são o pai, a mãe e o filho, precisamos compreender e encontrar a mãe, em toda a criação. Simbolicamente a energia masculina está ligada à exploração, à ordem, à retidão, consciência, lei, sol e semente; por outro lado o feminino está ligado à natureza, à terra, à lua e a todo receptáculo. E se para o surgimento da vida é preciso a união entre os opostos o que acontece com uma sociedade em que somente um dos lados tem o devido valor?

Exatamente o que temos visto em nossa sociedade: a ausência e a necessidade da energia e do princípio feminino.

“O culto da natureza desaparece dentro das religiões patriarcais. E a religião judaica é uma religião que diz que seu Deus é masculino, que seus profetas são homens e que é dirigida por homens. A imagem de Deus foi cuidadosamente cunhada para que tivesse características masculinas. A cultura judeu-cristã deu forma a um Deus que é homem, e desvalorizou toda a importância do feminino, que ficou relegado ao sombrio. O feminino perde o seu lugar. São negados os seus valores. Ninfas, duendes e a lua são banidos da consciência religiosa, não mais podem pisar no terreno do sagrado. Não há mais lugar para o feminino, que fica relegado a um plano de inferioridade, associado ao puramente instintivo e escuro. Eva perde as suas características de uma Deusa-Mãe e toma o aspecto prosaico de uma mulher vulgar e comum. Ela perde o verdadeiro significado de seu nome e, com isso, o poder. A essência do seu nome a glorifica como uma Grande-Mãe. Eva quer dizer a mãe de toda a vida. Mas ela é desmitologizada pelos escritores da Bíblia. Tudo isso reflete uma tentativa de imposição de uma falsa identidade feminina à mulher. Ela é somente a criadora de problemas para a humanidade. Se não fosse o seu tolo ato nós ainda poderíamos estar usufruindo a graça divina. Por sua causa, a ordem e a harmonia divina foram perdidas. Portanto, a mulher tem de estar sob o controle do homem para não cometer besteiras. A sexualidade feminina passa a ser vista também como uma coisa perigosa, ligada ao mal e ao infortúnio. A origem da repressão da sexualidade da mulher encontra aqui a sua explicação. A imagem de mulher que será aceita é a de uma mulher casta e assexuada, que não seja capaz de despertar desejos no homem, porque é uma obra do mal. (...) O feminino, despotencializado, perde o seu poder criador. Só existe agora uma potência criadora, que é o pai, que cria de uma maneira asséptica, ordenada. A criação deixa de ser o encontro das duas potências vitais do princípio masculino e do feminino. O Javé judaico é o pai e mãe de todas as coisas. Ele é masculino em todas as suas características psíquicas. A criação do mundo, feita por um Deus que, essencialmente homem, nega a participação da mãe, do feminino, no processo criador. O feminino deixa de ser o vaso receptor do criativo”.
Cavalcanti (1987, p. 95-96).

A humanidade está essencialmente carente do poder feminino. A mulher, ou o princípio feminino, recebe a semente da vida e nela, dentro dela, gera a vida. E não somente gera, como zela pela vida, cuida da vida. O patriarcado explora, fixa território, constrói e batalha; o feminino cuida, acaricia e permite o desenvolvimento.

O masculino necessita do feminino, tanto quanto o oposto também é verdadeiro. É preciso explorar a natureza e extrair dela o necessário para o desenvolvimento tecnológico e social, mas é indispensável a energia feminina do cuidado e zelo pela vida. É preciso mergulhar em águas profundas para conhecermo-nos enquanto sociedade e equilibrar as forças que geram, criam e mantêm a vida.

Enquanto continuarmos a repetir o paradigma patriarcal e tradicional de demonização dos aspectos femininos fundantes e mantenedores da vida, estaremos desequilibrando o pêndulo da psique universal, ou de toda a manifestação existente no Universo.

É imprescindível resgatar o feminino e o masculino sagrados, através da força e de amparo maternal que só o feminino pode trazer, para abrandar o fogo revoltado da sociedade em que estamos inseridos.

Este furto do sagrado feminino não é somente prejudicial à mulher ou a uma energia ligada exclusivamente ao feminino, como muitos podem imaginar. O desequilíbrio atinge a todos, inclusive ao princípio masculino que necessita buscar o seu próprio sagrado ao encontro do feminino. E a busca pelo sagrado masculino, se dá, também através do feminino, pois é somente no encontro com o feminino em que ele aparece. A observação da mitologia suméria e a demonstração das deusas, sua força, garra e ternura, demonstram o poder do feminino, que é exatamente o que deve ser resgatado. E mais do que isto: a mitologia suméria nos mostra como antigos mitos foram deturpados e cuidadosamente modificados para atender a interesses escusos.

“A partir do relato do Éden, homem e mulher recebem as suas conceituações, que marcarão toda a sua história. Dentro desse quadro o homem irá ocupar um lugar de superioridade em relação à sua companheira na aventura humana. À mulher cabe o segundo lugar, além do estigma da inferioridade que lhe é imposta como marca psíquica em sua alma. Houve a intencionalidade do poder patriarcal, que redigiu os relatos bíblicos na definição da mulher como um ser de categoria inferior. As fontes mais antigas do cristianismo, os escritos dos gnósticos, se referem à mulher de uma forma diferente. Mas esses escritos foram considerados heresias porque estavam em desacordo com a visão patriarcal, que desejava submeter a mulher ao domínio do homem e lhe passar um atestado de inferioridade. Cavalcanti (1987, p. 117).

Uma vez que o princípio feminino está dissociado, a sensação de perda é imperativa, porém silenciosa. Não podemos estar completos, se estamos cindidos interiormente e exteriormente.

“A civilização ocidental tem uma visão maniqueísta da realidade, fortemente reforçada pelo cristianismo, o que impede o entendimento da vida de uma forma mais totalizante. (...) A consciência fragmenta o real pela necessidade de objetivação do fenômeno e se separa do ato de conhecimento. A atitude de abertura e despojamento diante da realidade que se apresenta aos sentidos é muito difícil. A consciência ocidental aprisiona o mal através do intelecto e nega os sentidos. A realidade não poderá se revelar totalmente diante dessa atitude, e a experiência não poderá responder às indagações. A consciência ocidental já leva para a experiência a definição do que vai experimentar. Trata-se somente da comprovação de alguma coisa já estabelecida anteriormente”. Cavalcanti (1987, p. 115-117).

Para finalizar este capítulo, gostaria de resgatar um dos significados da tradicional festa de Dia das Bruxas. Observe o leitor, um pequeno breve histórico, antes da ideia principal que vislumbraremos a seguir.

O Dia das Bruxas, ou o Halloween, é a contração de All Hallows Eve, que é a véspera do Dia de Todos os Santos. Isto demonstra o hábito de vigiar e guardar a véspera, assim como tradicionalmente fazemos com o Natal e o Ano Novo. A celebração cristã tem início na véspera do dia 1^a de novembro e culmina com o dia dos mortos, em 2 de novembro. Acontece que a festividade de All Hallows Eve, foi assimilada do paganismo, e tem origem a perder-se no oceano das eras.

Em 31 de outubro ocorre o ano novo da cultura celta. Diferente da cultura cristã os celtas acreditam que o tempo é cíclico, e não linear. Por este motivo, em 31 de outubro os povos celtas comemoram o fim de um ciclo e o início de um novo, em 31 de outubro. Como o tempo é um ciclo, e os ciclos são feitos de períodos alternados entre os princípios energéticos de dia e noite, claro e escuro, positivo e negativo e dos princípios masculino e feminino, comemorar o fim de um ciclo e a chegada de um novo é comemorar o movimento da vida gerado através das duas forças antagônicas que mantém, equilibram e possibilitam a vida: as forças masculinas e femininas.

É então, em 31 de outubro, que duas grandes festividades acontecem, dependendo para qual tradição observamos: os festivais de Samhain e Beltane. A cultura ocidental estabelecida, com origem cristã, aderiu e assimilou a cultura, criando o Dia de Todos os Santos, a vigília da véspera em All Hallows Eve e relegando à obscuridade e aos aspectos negativos das bruxas do Halloween.

Mas Samhain e Beltane, que são a verdadeira origem foram cuidadosamente escolhidos para finalizar este capítulo devido à significação profunda que simbolizam.

Samhain tem origem nos termos samh e fuin, que significa fim do verão. As culturas irlandesas e escocesas acreditavam que neste período as almas dos ancestrais e dos mortos se aproximavam das suas casas para aconchegar-se no

fogo e buscar alimento.

O festival de Beltane, porém, é aquele que guarda uma profunda significação e que gostaríamos de prestar maior atenção. Ele está diretamente ligado a Roda do Ano, do templo cíclico que alterna entre as forças criativas e mantenedoras da vida. Beltane é a festividade da fertilidade, que simboliza a união entre o fogo do deus e a fertilidade da terra. É a consagração da união entre o Deus e a Deusa. E tratando-se das divindades celtas, festeja-se a sagrada união entre a Deusa-Mãe e o deus Cernunnos. A Deusa-Mãe é a sagrada Mãe que a tudo gera; o deus Cernunnos é também conhecido como Pan na cultura grega ou simplesmente o Deus Cornífero. Cabe destacar que este deus estimulou J. M. Barrie a criar o personagem Peter Pan. Cernunnos, Pan ou o Deus Cornífero é um deus protetor das matas e da natureza. E justamente o é, provavelmente, pois a natureza e as matas são femininas. E é sabido que o feminino é o gerador da semente do masculino, ou dele próprio. Então ele também deve zelar por quem zela, desenvolve e gesta sua própria semente.

Beltane significa o Fogo de Bel e o ponto máximo da festividade ocorre quando um atame é inserido dentro de um cálice. O símbolo é profundo, pois pressupõe um objeto fálico sendo inserido no receptáculo, sendo o objeto fálico representante do masculino e o cálice, representante do feminino. É a união dos sagrados masculino e feminino que geram a nova vida, o novo ciclo que tem início na Roda do Ano celta. O deus Cernunnos, tradicionalmente possui cornos, que representam a sua virilidade e é normalmente associado à figura do bode. Tem como objeto uma flauta, que o representa com mais um instrumento fálico em sua composição simbólica.

A Deusa-Mãe foi deturpada, esquecida e demonizada na figura de uma bruxa, tendo seu símbolo profundo e sagrado ficado escondido no caldeirão das bruxas, que representa o útero de toda a terra; por outro lado, o deus cornífero foi a figura escolhida para ser transformada no diabo, que personifica todo o mal, inventado pela Igreja.

E assim, o grande festival da vida, da inserção da semente divina no útero sagrado foi demonizado e extirpado da tradição na sociedade atual.

Urge que resgatemos dentro de nossas casas e de nossa psique os sagrados Cernunnos e a Deusa, para celebrar o Fogo de Bel e o milagre da vida. É a união dos sagrados e divinos opostos que faz o filho e que eterniza a vida.

É importante dizer, por fim, que a negação da ponta oposta, muito comum a que estamos acostumados na cultura ocidental, é extremamente danosa. A geração de um filho, ou de uma resultante de duas forças não é a destruição da ponta oposta. Sempre que pensamos em forças antagônicas pensamos na destruição ou na cessão do outro lado. Este é o risco, o perigo e a estruturação da sociedade em que nos inserimos. O feminino foi apagado, destruído, abafado e relegado à obscuridade, assim como se quer fazer com qualquer que seja a opinião ou ideologia política oposta àquela que somos simpáticos. Esta ideia é própria do patriarcado dominador. É preciso estar receptivo e doar-se à ponta oposta acolhendo e sendo igualmente acolhido por ela. Assim, os paradoxos se reconciliam. E é assim, somente assim, que podemos compreender o antagonismo de Deus e o Diabo, sendo ambos as personificações da bondade e da maldade respectivamente. Uma vez que compreendemos que o equilíbrio entre as forças é necessário, uma vez que observamos que a luz precisa da sombra, assim como a sombra precisa da luz, podemos abraçar e acolher a ponta oposta. Afinal, bem e mal são rótulos humanos e não aplicáveis na manifestação da natureza.

CAPÍTULO 6 –

A mitologia, a psique, os profetas e a religião

Todos os opostos são de Deus; portanto, o homem deve curvar-se perante esse fardo e, ao fazer, ele descobrirá que Deus, no seu 'caráter de oposição de opostos', apossou-se dele, encarnando a si mesmo nele. Ele torna-se um vaso preenchido com o conflito divino. Deus atua a partir do inconsciente do homem, e o força a se harmonizar e a unir as influências opostas, que vêm do inconsciente, às quais sua mente está exposta.

Carl Gustav Jung

Tudo que fora estudado até aqui trata, quase que exclusivamente, de aspectos materiais, observados do ponto estritamente objetivo. A descoberta da Biblioteca de Nínive, a leitura dos textos transcritos e traduzidos para o inglês, assim como a observação dos deuses e dos mitos, são de deixar qualquer um que se interesse pelo assunto boquiaberto.

Se todas as religiões possuem ritos que são justificados em seus mitos, ao observar a mitologia suméria vislumbramos a gênese de todos, ou aqueles que originaram a todos os outros que orbitam em seu entorno. A Bíblia, e os demais livros religiosos sagrados possuem semelhança gigantesca com as histórias demonstradas nos mitos babilônicos e são, comprovadamente, posteriores a elas.

Devemos observar, entretanto, alguns aspectos diferentes e interessantes no que diz respeito aos mitos. Não descarto, e acho até mesmo encantadora a possibilidade de retirar a alegoria e observar a palavra contida em cada mito para verificar suas possíveis origens de um ponto de vista material; mas a observação simbólica, que não encerre exclusivamente no significante e significado a solução para o mistério é igualmente, ou talvez ainda mais encantadora.

Teólogos cristãos afirmariam que o mito da criação de Adão, feito da mistura com barro, a imagem e semelhança de Deus-Pai, e Eva criada a partir de suas costelas, são uma alegoria. De outra sorte, os textos que parecem ter inspirado o mito judaico-cristão sugerem que talvez o barro seja o material genético presente no próprio planeta Terra, e que as costelas de Adão podem ser a medula ou algum outro material de ordem genética, uma vez que homens e mulheres são muito semelhantes, com uma pequena diferença cromossômica.

Em contrapartida, no capítulo que antecede à ode final aos deuses e encaminha para o final de toda a análise a que nos propomos realizar é necessário observar tudo sob um último, e não menos importante aspecto: a experiência religiosa e espiritual é de qual natureza exatamente? Os profetas e escolhidos, missionários

dos deuses, como Moisés e Abraão, que afirmam ter tido contato direto com Deus, como exatamente o fizeram? Sem as figuras míticas reveladas através dos profetas, nenhuma tradição seria possível.

Analisemos, portanto, um aspecto mais subjetivo, simbólico, místico e, talvez por isto, um pouco mais truncado, complexo e, de certa maneira, de uma diluição um pouco mais difícil, lenta e gradual.

Dos deuses mitológicos aos arquétipos do inconsciente

A palavra símbolo tem etimologia ligada ao termo symbolum, onde *syn* significa junto e *ballein* se refere a lançar, jogar, arremessar. Símbolo seria, portanto, um lançamento conjunto, o que expressa a ideia de união, de algo homogêneo e misturado, unificado. Por outro lado, o termo diabólico tem origem em *dia* que significa movimento, e contém ainda o mesmo *ballein*, que significa lançar, arremessar. Os termos símbolo e diabólico são antagônicos entre si. Diabo é, literalmente, o produtor de uma ação diabólica, sendo que diabólico é comumente associada a ideia de separação, de jogar em movimento, ou para longe.

Símbolo então une significado e significante e é, portanto, muito maior do que qualquer ideia que se possa ter a respeito de algo. Podemos exemplificar em algo bastante simples e rudimentar. O desenho de um coração normalmente é associado a ideia do sentimento de amor; o símbolo do coração, entretanto, encerra muito mais significados do que somente este. E não é no número de significados que um símbolo pode ser reconhecido, porém, quando se esgotam todos os significados e suas significantes, quando as palavras faltam e o raciocínio ou as ferramentas de comunicação encerram seu trabalho. É ali, neste silêncio, quando a lógica se mostra insuficiente e nada mais pode comunicar do que tão somente ele próprio: o símbolo em si. É isto o que o símbolo é. Não são as significantes ou significados a ele atribuídos, mas todo o conjunto de possibilidades e reflexões que contém e que nele são contidas, aglomeradas, condensadas, sob ainda o véu do símbolo cujo intelecto ainda não revelou.

Quando a ideia se faz palavra ou verbo, pela própria ação ordenadora cósmica, separa-se tudo em polos, sempre em dois polos. No mundo das ideias tudo é perfeito, mas quando cinde, tudo se divide e se separa, como uma ação diabólica⁹⁴ que divide algo único em dois polos opostos.

A união é o símbolo, unificado, onde tudo é um, simbólico por excelência, enquanto a separação é diabólica. Símbolo seria o movimento de união, de aproximação dos opostos, enquanto diabólico é o movimento de separação de tal coisa única.

Toda esta ideia está totalmente contida no mito de criação hebraico, na história de Adão e Eva e na expulsão do paraíso, como uma ação diabólica, ou de separação, da criatura e do criador, dos seres humanos e do paraíso. Entretanto, esta breve explanação a respeito da história de Adão e Eva não é objeto de nossa análise neste momento.

O que queremos observar de forma mais detalhada é inicialmente o aspecto simbólico representado pelos deuses mitológicos para depois, atentar para o contato entre humanos e deuses. Acompanhamos no capítulo 2 que a História e Arqueologia compreendem o início da civilização humana a partir da Civilização Suméria em torno dos rios Tigre e Eufrates, há mais de seis mil anos atrás. O grande marco que define o começo do processo civilizatório propriamente dito é a organização social, com o pleno domínio das técnicas de cultivo de grãos e construções urbanas. E, cabe lembrar mais uma vez, que a terra dos reis civilizados – a suméria – surge abruptamente e atribui a sua criação e organização social ao panteão de deuses da mitologia sumeriana. Antes da Suméria os primeiros hominídeos eram nômades.

Se observarmos a história dos hominídeos antes da Suméria conheceremos povos muito rudimentares de diferentes selvagens com parentesco próximo aos seres humanos, ao redor de todo planeta. Estes hominídeos lutavam pela sobrevivência em meio a outros animais e ameaças de toda sorte. Sempre que um raio atingia determinado local da floresta, e este ateava fogo, era necessário alimentar o fogo para não permitir que não se extinguísse.

O domínio do fogo foi uma conquista do homem paleolítico. A partir do atrito de pedras ou madeira, foi possível controlar o fogo o que, simbolicamente, iluminou os ideais dos primeiros humanos. O fogo protege do frio, permite enxergar a noite e prepara os alimentos. Assim os povoadamentos humanos se reuniram em torno do fogo. O domínio deste elemento permitiu ao homem não somente uma vida mais rica do ponto de vista exterior, como também interior. O fogo permitiu a reunião em torno dele e uma maior comunicação, o que possibilitou a troca, fosse por meio de gestos ou símbolos, com articulação de palavras, grunhidos ou por meio de mímicas.

Ainda assim o homem primitivo seguia sem estabelecer um local fixo. Os machos caçavam, enquanto as fêmeas cuidavam da prole. Muitos especialistas acreditam que a transição de uma vida mais rudimentar para uma consciência de adoração a deuses foi completamente natural e compreensível.

A existência do homem pré-histórico era extremamente desafiadora e frágil. A única arma que machos e fêmeas pré-históricos tinham a seu favor era a consciência. Esta, o próprio homo sapiens, que antecede o homo sapiens sapiens, já possuía. A observação e o raciocínio possibilitavam a fuga de animais perigosos, coisa que outros animais não poderiam fazer, uma vez que poderiam atuar apenas onde instinto e a seleção natural criaram raízes.

Sujeito a toda sorte de intempéries os hominídeos pré-históricos aprenderam que nuvens escuras e raios eram prenúncio de tempestade, e de que esta, se severa em demasia, destruiria toda a plantação, enquanto que na sua falta, os frutos, folhas e vegetais não poderiam se desenvolver. A luminosidade solar pertencia, também, à mesma sorte, uma vez que em demasia secaria o solo, mas na sua falta, nada cresce.

Naturalmente, não é difícil crer que o acaso das intempéries construiu no imaginário dos machos e fêmeas pré-históricos de algo ou alguém que controlava tais forças. O vento, a tempestade, a chuva, o sol e a própria terra

precisavam da combinação correta para oferecer as condições ideais para a existência humana. Assim, as oferendas aos deuses surgiram como forma de assegurar seu apaziguamento e o sucesso da vida humana. Era natural atribuir aos raios e a chuva à fúria divina. Desta forma, assim na terra como no céu, passou-se a corresponder os acontecimentos mundanos a toda sorte de efeitos celestiais e divinos. Éramos nós imagem e semelhança dos deuses e os elementos por eles controlados ou o seu contrário?

Ainda que seja natural imaginar que foi o acaso das intempéries e das leis da natureza, desconhecidas aos quase humanos ainda muito primitivos da pré-história, não podemos descartar a possibilidade de que o contato destes hominídeos com os deuses fosse real e não somente imaginário. Há toda uma sorte de deuses e heranças ancestrais que atravessam as eras e encontram nossos tempos modernos. O deus Cernunnos para a cultura nórdica ou Pan na mitologia grega, é o mais antigo dos deuses da mitologia celta. O deus dos animais, das matas e da fertilidade, que simboliza a vida e a morte e é festejado no Festival de Beltane, já apresentado no capítulo anterior, remonta este tempo da pré-história. O deus Cornífero está representado em pinturas rupestres do neolítico, e ainda em tempo mais remoto no paleolítico, exatamente no tempo em que a narrativa que precede e sucede este parágrafo está inserida. Não podemos atribuir este contato a uma conclusão apenas lógica e racional, que atribui aos nossos mais antigos antepassados como dotados de uma imaginação fértil e um medo irracional, cuja explicação alcança tão somente a imaginação da atribuição de poderes e elementos mágicos a deuses, elementais e espíritos da natureza. Não é somente isto. Não podemos negar que os povos primitivos tenham tido um contato mais estreito com a espiritualidade que hoje cala profundamente em nós e jaz em nosso íntimo mais escuro. Ondinas, náiades, ninfas, silfos, salamandras, gnomos e outras divindades da natureza são perfeitamente críveis de existência fora de qualquer percepção humana racional, de qualquer instrumento de medição ou de nossos olhos restritos ao espectro visível. E estes homens e mulheres primitivos, mais animais e menos racionais, puramente selvagens, talvez tivessem um contato muito próximo com os mais profundos e sagrados espíritos da natureza. Não atribuamos, pois, o ato de delegar o controle da natureza aos deuses e elementais telúricos, ígneos, eólicos e hídricos, unicamente à riqueza imaginativa dos nossos ancestrais. Talvez eles fossem dotados de capacidades ainda inalcançáveis ao homem moderno restrito ao concreto das construções urbanas, travestido pelo verniz social da tecnologia e

protegido pela fortaleza intelectual que as descobertas científicas proporcionaram.

Voltemos à análise da evolução social, ainda na pré-história que antecede o advento da civilização. As fêmeas humanas nos agrupamentos aprenderam a lidar com os filhos e filhas, e logo cedo perceberam que dos seus seios vertia a fonte da vida. De forma análoga, a terra diante da oferta das sementes, produzia nela mesma, o mais perfeito ventre para o desenvolvimento dos alimentos. Era natural compreender que a fêmea era uma deusa, pois criava a vida, enquanto a própria terra também se comportava como uma deusa.

Os meses combinavam com as fases lunares nos períodos cíclicos de 28 dias, enquanto o ciclo solar de 12 meses poderia ser compreendido entre o período da gravidez, do nascimento e um novo período de procriação.

Com o tempo, em algum momento histórico, algumas mulheres passaram a recusar a oferta à deusa da vida, ou seja, não procriaram e passaram a sangrar, sendo, por conseguinte, expulsas das tribos e vivendo em meio às florestas, onde tiveram um contato ainda maior com a natureza, a mãe-terra, as raízes, as folhas e as plantas. Surgia assim a mulher que adorava a lua, como um aspecto feminino e que compreendia o poder das plantas.

O masculino por sua vez, estava cada vez mais ligado com a luminosidade, com o dia, a ordem, a violência e o raciocínio. A invenção do patriarcado surgia, então, pela necessidade de ordenação social, uma vez que os pais necessitavam saber quem eram seus filhos, se eram dele ou de outro homem.

Assim iniciava uma rudimentar organização, embora as povoações fossem ainda nômades. A força física masculina era uma imposição para a fêmea que não desenvolveu suas aptidões da mesma maneira lógica, racional, linear e viril. O

patriarcado iniciava com suas rudimentares regras de controle social: para que o macho alimentasse exclusivamente sua prole, era preciso a garantia de sua paternidade.

É neste conceito de evolução filosófica, social e histórica que a civilização suméria se insere. À parte do elo perdido entre todos os diferentes hominídeos pré-históricos que culminaram no surgimento do homem moderno, a terra dos reis civilizados (suméria) surge com toda a organização social, construções urbanas, escolas, leis e uma mitologia muito bem estruturada.

Este novo ser humano, agora habitante de uma civilização, atribui a sua criação aos deuses, tendo por eles sido criados para livrar os deuses menores do trabalho pesado. Todos os conhecimentos a eles conferidos são originários dos deuses, segundo seus próprios registros, que os protegem, curam, amaldiçoam, instruem e os conduzem.

A sociedade formou-se em torno dos monumentos construídos aos deuses, de forma circular. Este era, e talvez ainda seja, o símbolo da construção social humana. E por símbolo, entenda-se aqui, de fato toda construção do termo símbolo exposta anteriormente.

Se fisicamente a sociedade era construída ao redor dos templos consagrados aos deuses, a própria filosofia e sociedade funcionavam, também em adoração a eles. E, como vimos quando dissertamos a respeito dos zigurates, poucos eram os que de fato, contatavam a deus e poderiam com ele manter uma relação estreita.

E os deuses compreendiam todas as ações e aspirações humanas. As deusas compreendiam mais aspirações femininas, enquanto as deidades masculinas e solares representavam as ações dos homens, embora existam exceções.

Todas as vivências e interações entre humanos e deuses estão presentes em cada um de nós, queiramos ou não, tenhamos consciência disto, ou não.

Ao redor do fogo as mais primitivas tribos se reuniam, e muitos índios ainda o fazem, para trocar experiências e contar acontecimentos sobre a vida. Através do verbo e da comunicação histórias foram contadas e grafadas no oceano cósmico da história humana. O elemento fogo, que é capaz de cindir a matéria, tornando-a cinzas, é capaz de irradiar calor até destruir a coesão molecular que mantém a vida. Ao redor do fogo que iluminou a noite escura, conhecemos a fase transcendental da humanidade.

Geração a geração, a cultura foi transmitida, porém não exclusivamente através da oralidade e da escrita. À penumbra do fogo sagrado, às portas do desconhecido, o que precede e sucede a existência humana, também se transmite e perdura através das eras: o inconsciente.

Assim como simbolicamente a lua recebe e reflete a iluminação solar, mas mantém uma face sempre oculta, a racionalidade e a consciência sucedem do inconsciente, como a luz é sucessora da escuridão.

Segundo o psiquiatra Carl Jung, a humanidade possui um inconsciente coletivo que permeia a todos os seres humanos, e ele remonta a todas as culturas da história. É inato em todos nós. Queiramos ou não deuses e deusas vivem em nós graças a nossos antepassados mais longínquos.

Do contato com a terra, no plantio na mãe-terra ou na oração ao deus-pai, é inerente aos seres humanos o contato com deuses e deusas. Adicionamos a isto, o tempero especial que confere a dimensão espiritual a cada um de nós,

independentemente de uma religião.

Nascemos e morremos neste mundo sem nada pedir, solicitar ou encomendar. E através dos sonhos e da nossa própria imaginação percebemos que o mundo dito real possui limitações, e também, muitas semelhanças com nossos sonhos, fazendo da vida humana um breve instante entre a consciência e a inconsciência. Você já refletiu por qual motivo – e não pense aqui na resposta científica – passamos cerca de 1/3, ou 33% de nossa existência dormindo e contatando este outro mundo, dito irreal, o mundo onírico?

O símbolo é justamente a linguagem deste inconsciente do qual emergimos quando nascemos e submergimos quando dormimos ou morremos. É este inconsciente que torna possível o contato com o divino e que nos conecta a centenas de milhares de anos quando os primeiros humanos, homo sapiens sapiens, o homem-que-sabe-que-sabe, o ser autoconsciente, foi criado, há milhares de anos atrás.

Nibiru, a morada dos deuses e o contato com a humanidade

Onde é a morada dos deuses? O que é Nibiru? Seria um exoplaneta que se aproxima da Terra a cada 3600 anos? Os anunnaki são seres físicos? Os deuses são seres espirituais que podem ser contatados por determinadas pessoas? Ou os deuses habitariam o reino do inconsciente, sem uma existência física? Eles seriam espirituais, mas são independentes de nós? Vivem através de nós em nossa psique?

A pergunta que oferece título a esta obra talvez pareça, ao leitor, de uma resposta óbvia. Após tanto afirmar, de diferentes formas, que a ideia do deus único da tradição monoteísta abraâmica é precedida pela mitologia suméria, de cultura politeísta, não é difícil crer que o autor da obra procura responder que não seria deus o pai, e sim, anunnaki, aqueles que do céu vieram. E de fato, não se engane o leitor. É uma verdade histórica incontestável que Yahweh nunca foi um deus único, ele era somente um deus, dentre outros, na região babilônica. E as entidades que criam a humanidade na tradição hebraica é plural, são os deuses ou os elohim⁹⁵. Também é fato que hoje as Bíblias mantêm o uso de Senhor ou Deus, para fazer alusão a mesma entidade Yahweh ou Yhwa, afirmando ser ele o deus único.

É preciso, entretanto, chamar atenção de que o Pai do Céu existe há muito, muito tempo antes do advento da tradição monoteísta tradicional. E o leitor poderá constatar nas próximas páginas, o descortinar do mistério da Tradição do Pai nosso que está nos céus.

A etimologia da palavra deus remonta a um idioma que deu origem a mais de 400 dialetos modernos, o proto-indo-europeu. Na Índia existe o deus Dyaus, que

é um deus supremo que deu origem a todos os outros; na Grécia, Zeus, com a mesma história, de um deus supremo que deu origem a todos os outros, enquanto romanos idolatravam Júpiter. Por vezes Deus era Dyeus Phater, ou como parece óbvio, Deus-Pai.

Zeus, o supremo Deus do Olimpo, que era a morada dos deuses, reinava em seu trono celeste. Por vezes Zeus era chamado de Zeus Pater. Seu análogo, em Roma era Júpiter que era também chamado de Dis Pater ou Deus Pater. Outro nome interessante para o deus romano Júpiter era Jove ou Jovis, que guarda outra incrível semelhança com Javé ou Yahweh.

Deus, como um pai celestial é um antiquíssimo arquétipo que atravessa o espaço e o tempo, e encontra nossos mais antigos antepassados.

O mais supremo dos deuses na cultura suméria era An ou Anu, o todo-poderoso e soberano pai de Enki e Enlil, cuja residência era nos céus, celestial e acima. Era como já informado neste livro, pictograficamente representado por uma estrela e significa, o seu próprio nome, o céu, as alturas e a realeza divina.

Mas como é - ou era - possível contatar os deuses e a morada divina? Seriam os sacerdotes capazes de contatar o divino, tendo sido por eles escolhidos como representantes ou em razão de uma característica diferenciada que lhes conferia capacidades especiais?

Como teria chegada até os dias atuais as histórias de Anu, Enlil, Enki? De Deus o pai?

Como teria sido a comunicação da entidade bíblica Yahweh com Abraão o

patriarca das maiores religiões do mundo?

...

No alto das construções piramidais da Antiga Suméria, o que acontecia para que os deuses pudessem ser contatados? Seriam presenças físicas?

Praticantes de meditação ou de determinadas técnicas de concentração sabem que é possível vivenciar experiências diferenciadas de nossa vida comum cotidiana. Existem técnicas específicas de respiração e relaxamento que podem preparar o corpo e a mente para experiências de um nível diferenciado que podem levar a contatar o divino em diversas manifestações.

Além disto, há indivíduos que relatam situações paranormais, ou as técnicas ensinadas em muitas escolas iniciáticas para produzir coisas um tanto quanto extraordinárias. E não é somente isto. Quantos videntes e clarividentes anunciaram premonições ou outros fenômenos estranhos? Seria possível obter um contato espiritual, extrafísico?

Talvez os sacerdotes fossem seres humanos iniciados em determinadas artes ocultas, que se utilizaram de recursos físicos – ou não - para facilitar o contato com os arquétipos presentes no inconsciente coletivo e através destes redigir textos sagrados, relatos e mitologias. E desta forma a grande revelação divina seria ainda mais povoada de grandes mistérios.

Fato é que, todo aquele que bate à porta pode percebê-la se abrindo, pois muitos são os chamados e poucos os escolhidos... Esta paráfrase das escrituras são para chamar a atenção de que o mistério que ronda a verdade, se é que possível

alcançá-la, está dentro de nós... e podemos acessar ao menos uma pequena centelha de toda essa verdade. Precisamos, apenas, bater à porta...

Corre em nossas veias o sopro divino, do fantasma do deus sumério, em alguns textos apontado como Kingu, noutros sem nome. Somos feitos do barro da Terra, do sopro de um deus imortal, gestados no ventre da Deusa e alimentados no seio da fonte da vida da Deusa da fertilidade.

Não obstante, a fronteira entre a loucura e a lucidez, espreita tal qual a misteriosa dança da lua, que em suas quatro fases encerra o ciclo perfeito da natureza.

Diz a alquimia, que é na mais escura das horas, na noite escura da alma, que surge a nigredo, como a mais obscura e profunda sombra interior. E é daí que uma pequena fagulha se acende. Há de se observar, entretanto, os riscos da imersão no inconsciente, devido à sua força. Carl Jung alertou quanto a este risco ao afirmar que o inconsciente é muito forte e pode sobrepor-se ao indivíduo, causando a autodestruição do sujeito.

Por vezes o mistério reveste uma túnica cujo véu ainda seja impossível revelar...

A jornada

Põe-se, então, um dilema: ou os mitos são história, ou são alegorias e metáforas, linguagem simbólica para um significado maior, profundo e transcendente.

Ainda que as manifestações de deuses e seres mitológicos da mais diversa sorte tenham sido conhecidos e registrados ao longo da história e, portanto, sejam pesquisáveis nos dias atuais, como compreender sua existência? Seriam os deuses manifestações físicas ou extracorpóreas no universo? Seriam manifestações de uma consciência mais profunda, inacessível através dos métodos conscientes e objetivos, estando nas bordas, nos limites da consciência objetiva humana? Poderiam os deuses que preencheram a história serem exclusivamente espirituais (não físicos) isolados de qualquer manifestação material propriamente dita?

Talvez os profetas que conhecemos, e que ajudaram a escrever e preencher nossa história, fossem capazes de acessar níveis de consciência não alcançáveis ao homem comum. Talvez suas capacidades de consciência pudessem projetá-los para além da percepção de espaço e do tempo do homem comum, de onde poderiam comunicar-se com os deuses. Personalidades, imagens, símbolos e arquétipos que povoam o cosmos talvez tenham se manifestado por intermediários entre um mundo manifesto e outro imaterial através da psique humana.

Se o inconsciente coletivo, como definido por Carl Jung, ou a mente cósmica, contém toda história, o que é, foi, e será, como negar que através de métodos de concentração, homens dotados de capacidades específicas possam ter captado emanções irradiadas de outras frequências extracorpóreas? E ainda assim, embora a experiência tenha transcorrido no universo imanifesto, em um estado

semiconsciente ou adormecido, ao expressar tais conhecimentos manifestados na matéria, seria a mensagem válida?

O cósmico revela-se através do mito, sendo o próprio dilema da existência humana, entre o real e o imaginário, o onírico e a vigília, a matéria e o espírito: são dualidades, luz e sombras provocadas pela fonte luminosa e o anteparo que produz projeção e percepção da sombra. O mito se torna real, e a realidade transforma-se em mito, revela-se e se encerra em si mesma.

Deus, o Todo, como célula única que permeia o Cosmos é, ao fim, um mito não para ser adorado ou temido, mas para seguir como ideal e destino humano, d'onde toda alma que parte, a ela retornará. É “o início, o fim, e o meio”, como na música Gita, parceria entre Raul Seixas e Paulo Coelho. É o ponto de equilíbrio que elimina a dualidade, levando sombras à luz, e luz às sombras. Representa a transmutação da forma humana, a sublimação alquímica de nossos medos e anseios, no puro e sagrado. A consciência humana passa então a ser um estágio pequeno, infinitesimal, se comparada ao estado inconsciente que precede e sucede a existência humana e a todos nós.

Os mitos são metáforas em si próprias: a externalização do mundo interno, da psique, produto da introspecção, que não cabe em si mesma. É o externo que envolve o interno, o dualismo que se completa e equilibra o cosmos, porque não há dentro que não esteja fora, assim como não há fora que não esteja dentro. Todos os extremos se tocam, todos os opostos são iguais, tudo nasce e tudo morre, tudo aparece e desaparece, qual mágico com uma moeda entre os dedos que num momento aparece em uma mão, depois em outra.

Não nos é possível afirmar, apenas especular. Mitos não podem ser definidos como metáforas ou fatos, porque são simbólicos e representam algo muito mais profundo do que qualquer tentativa de os rotular. Neste caso, deveríamos observar a mitologia sob um olhar cuidadoso e que mantém este duplo aspecto de realidade e metafísica, concomitantemente.

O mito, o real, o imaginário e o sonho, se desenvolvem e se anulam, como ouroboros a serpente que, enrolada, devora a si própria. É o mito do eterno retorno! É a jornada entre o espiritual imanifesto e o material manifestado. É a nossa jornada humana!

CAPÍTULO 7 –

Ode aos Deuses

1 - O Todo é Mente; O Universo é Mental;

2 - O que está em cima é como o que está embaixo e o que está embaixo é como o que está em cima;

3 - Nada está parado; tudo se move; tudo vibra;

4 - Tudo é Duplo; tudo tem polos; tudo tem o seu oposto; o igual e o desigual são a mesma coisa; os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau; os extremos se tocam; todas as verdades são meias verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados;

5 - Tudo tem fluxo e refluxo; tudo tem suas marés; tudo sobe e desce; tudo se manifesta por oscilações compensadas; a medida do movimento à direita é a medida do movimento à esquerda; o ritmo é a compensação;

6 - Toda a Causa tem seu Efeito, todo Efeito tem sua Causa; tudo acontece de acordo com a Lei; o Acaso é simplesmente um nome dado a uma Lei não reconhecida; há muitos planos de causalidade, porém nada escapa à Lei;

7 - O Gênero está em tudo; tudo tem o seu princípio masculino e o seu princípio feminino; o gênero se manifesta em todos os planos.

Hermes Trismegisto

O homem sempre voltou seus olhos ao Alto. Essa reverência é como um instinto natural, uma aspiração a perceber o invisível que nos cerca: os deuses, santos, entidades, orixás, devas, os elementais e os elementos sagrados e divinos que constituem e mantêm vida no Universo. Esse invisível que precede e sucede a humanidade pode ser percebido quando nos defrontamos com uma cachoeira, com o oceano, com o poder de um tornado, um cânion, a beleza do brilho das estrelas em uma noite escura ou a perfeição com que nosso corpo transforma o alimento em energia, sístoles e diástoles em suspiros de vida, correntes elétricas em consciência.

Curvamos nossa frente ao Mistério. A mítica e a mística da vida nos colocam diante da irrefutável verdade de que todos somos irmãos diante da Fonte que criou a nós e que criou aos anunnaki.

Somos todos filhos da Fonte espiritual. Filhos e Filhas da Grande Mãe que originou a matéria⁹⁶.

De alguma forma o que os grandes deuses anunnaki fizeram foi movimentar energia e matéria para criar nossos corpos. Se pressupormos uma cisão entre essência ou consciência, e matéria, compreenderemos que os deuses não necessariamente criaram a nós: o que os deuses criaram foram nossos corpos. Na realidade os deuses nem mesmo criaram nossos corpos: o que os anunnaki fizeram foi modelar os nossos corpos.

Carl Sagan afirmou que somos feitos de poeira das estrelas. Que o nitrogênio do DNA, o cálcio dos ossos e o ferro presente no sangue foram forjados no interior de estrelas mortas, há muito tempo atrás.

Desta forma, o que os grandes deuses fizeram foi modelar nossos corpos a partir

da matéria prima já existente, misturando elementos químicos contidos no universo, condensados ou não em seus corpos e em outros compostos do próprio planeta Terra. Aos grandes deuses devemos honra, pela máquina de engenharia mais maravilhosa que nos foi dada. Sadhguru, afirma

“O mecanismo humano é a forma física mais complexa do planeta. Você é o mais grandioso artigo de tecnologia, mas o problema é que não sabe onde está o teclado. É como se estivesse a operar um supercomputador com uma picareta e uma chave inglesa! Como resultado, o simples processo de vida está a pesar à Humanidade. Mesmo só ganhar a vida, reproduzir-se, criar uma família, e depois um dia cair morto - que desafio! É incrível que se esforcem para fazer apenas o que qualquer verme, inseto, ave ou animal faz sem esforço algum.

Em termos simples, a nossa ecologia interior está uma confusão. Pensamos que adaptar as condições exteriores resolverá tudo no interior. No entanto, os últimos 150 anos provam que a tecnologia só nos trará conforto e conveniência, não bem-estar. Precisamos entender que se não fizermos as coisas certas, as coisas certas não irão acontecer-nos - isto aplica-se tanto ao mundo exterior como ao interior”. (Sadhguru, Engenharia Interior).

Compreendemos então que a máquina fantástica que é o corpo humano é um laboratório através do qual ganhamos consciência para viver e operar no Universo. Não penso que somos seres materiais: penso que somos seres imateriais, que, através dos compostos químicos de mater tris – matéria – podemos agir em mater ix – matrix, Maya, ou o Código⁹⁷.

A estes deuses, tudo devemos. Não necessitamos odiá-los ou temê-los, seja por qual motivo for. Mas compreender e agradecer.

A epígrafe que dá início a este capítulo são os Sete Princípios ou Sete Leis

Herméticas. O Hermetismo é atribuído ao deus Hermes, que normalmente é referenciado como Hermes Trismegisto – O Três Vezes Grande. O termo Hermetismo está diretamente ligado a estudos de magia e ocultismo, temática envolvida em preconceito por muitos religiosos. Diz-se que o Hermetismo sobreviveu ao longo da história, sobretudo durante a Idade Média, pois esteve ligado às sociedades secretas, irmandades ocultas, tendo sua origem nas escolas de mistério do Antigo Egito.

Grandes nomes da Ciência e da Filosofia, como Michael Faraday, René Descartes e Isaac Newton, entre tantos outros tiveram contato com o ocultismo e dali, extraíram sua fórmula áurea para iluminar o mundo com o conhecimento. Outros grandes nomes da história tiveram contato e estudaram o assunto.

Os alquimistas, cujo sonho era transformar chumbo em ouro, estudavam no simbolismo dos elementos como transmutar o corpo, representado pelo chumbo, em ouro, a essência espiritual.

E todo o conhecimento alquímico e ocultista que atravessou as eras da humanidade escondido em câmaras das irmandades secretas e de bibliotecas ocultas foi oferecido à humanidade exatamente por um deles, um dos deuses, e, muito provavelmente, um dos grandes Anunnaki.

Ao comparar as mitologias ao redor do mundo, observaremos que muitas histórias se cruzam e se combinam. Devido ao tempo transcorrido e a quantidade de pessoas e culturas que tiveram contato, guerras, origens e declínios imperiais com interesses humanos e tantas vezes mesquinhos, observaremos algumas diferenças entre mitos e nomes. É muito difícil traçar um paralelo entre qual é qual, e quem é quem. Quem seria a deusa Inanna, por exemplo, no Egito, ou o deus Enki na cultura grega ou romana?

Podemos encontrar diversos paralelos entre as mitologias, com deuses diferentes. Podemos observar semelhanças entre os santos, orixás e deuses hindus e observaremos diversas características dos próprios anunnaki. Para muitos estudiosos do assunto, como para mim, todos eles são os mesmos grandes deuses Anunnaki que num passado longínquo estiveram aqui.

A eles devemos reverência e respeito, o corpo material que nos envolve e a luz do conhecimento que nos deixaram.

Hare Hare

Salve a cruz, salve a Rosa

Salve a pedra, o maço e o cinzel

Salve o lápis philosophorum

À realização da Magnum opus

Salve o Arquiteto e o Universo

Salve o Triângulo nas Três Pontas do Sagrado...

Salve a Mãe Terra, Hosana à Mãe Lua

Salve o Fogo Eterno,

a Chama de Luz do Pai,

o útero da Grande da Mãe

Salve a Fonte da Criação,

Hosana às Águas...

Fonte da Eterna Vida

Salve os Ventos,

as matas,

Epahey aos Ventos da Mudança

Hosana

Prahna que emana da Fonte

Om mani padme hum,

À toda vida na Terra e no Universo,

A todo útero que encontra florescer,

Hosana a todo solo que desenvolve a vida,

Diante da semente da Vida e do útero Sagrado

Oh União dos opostos, Oh, Sagrado Filho

Oh Hieros Gamos

Salve Ninhursag,

Salve Shakti, a Grande Mãe,

Salve Maria, a Virgem Fecunda

Hosana Inanna,

A Mãe de toda vida

Salve os Senhores da Criação,

Salve o Pai dos céus

Salve o Sol, que ilumina a Lua

Hosana à Manifestação.

Hare ao Imanifesto

Salve o Universo em todo seu esplendor...

Cro-Maat,

E a verdade prevalecerá

Que possamos nós, seres humanos, nos abraçar como uma única família. Que possamos esquecer diferenças entre credos, religiões e fé. Que na alvorada deste novo milênio possamos relembrar da Fonte que tudo é, de onde tudo se origina...

e para onde, inevitavelmente, tudo um dia há de retornar...

Não se torne um prisioneiro de sua própria mente!

Questione, questione...

*Questione a tudo e tão forte e tão profundamente
que você não tenha mais para onde olhar, a não ser para dentro de si, em busca
de respostas.*

E somente então, seremos livres!

Notas

[← 1]

As reticências e pontos de interrogação estão colocados tais quais se apresentam na tradução da escrita cuneiforme suméria para o inglês. A tradução para o inglês foi realizado por linguistas a serviço da Universidade de Oxford, na Inglaterra e está disponível no site ETCSL, que será explorado mais à frente nesta obra.

[← 2]

Pentateuco é uma expressão que significa os cinco primeiros livros da Bíblia Sagrada e tem origem, tradicionalmente, na Torá judaica. São estes: Genesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

[← 3]

Narrativa estabelecida a partir do texto Enuma Elish. Enuma Elish é conhecido como o mito babilônico da criação. O texto é extenso, composto por 7 tábuas. Eles descrevem a criação do cosmos e dos seres humanos. Em virtude da sua extensão não será reproduzido na íntegra e vários trechos serão retirados. Além disto, o texto será dividido conforme o assunto: da criação do cosmos e da criação dos homens. É possível consultar o original em diversas fontes confiáveis, como por exemplo, a Enciclopédia de História Antiga.

[← 4]

Abzu é a morada do deus Enki, provavelmente no submundo, ou nas profundezas das águas.

[← 5]

Também conhecido como An. Anu era o pai do céu, o mais poderoso de todos os deuses. Ficava na morada celestial, pai de Enki e Enlil. Nada era decidido sem que Anu fosse consultado.

[← 6]

Alquimia é um termo que possui um significado místico muito complexo. Seria impossível explicar o termo em uma simples nota de rodapé. É possível destacar, entretanto, que o termo pode ser considerado como a química da Idade Média. Os alquimistas, ou praticantes da alquimia, tinham como objetivo maior transformar o chumbo em ouro, o que se sabe cientificamente ser impossível sem um processo que hoje envolve a física nuclear. Ao invés da acepção mais materialista propriamente dita, a alquimia consistia no trabalho na pedra bruta, a transformação do chumbo, como um material mais pesado, em ouro, como um material mais leve e, portanto, mais sublime, sendo a alquimia um símbolo da purificação espiritual pela transmutação das energias. A alquimia pode ser entendida, então, não como uma química da Idade Média, mas uma química mental, psíquica ou espiritual visando transformar a si mesmo, de uma pedra bruta em ouro.

[← 7]

Termo utilizado na astronomia clássica, medieval e renascentista. Era ainda uma visão geocêntrica do Universo.

[← 8]

A redundância aqui é proposital, já que lógica vem do logos, e o logos cria a manifestação.

[← 9]

O termo natural aqui representa algo que faça parte da natureza, que seja composto pelas mesmas substâncias químicas que compõem o Universo conhecido. O exemplo pode ser considerado na frase de Carl Sagan “O nitrogênio em nosso DNA, o cálcio em nossos dentes, o ferro em nosso sangue (...). Foram feitos no interior de estrelas em colapso, agora mortas há muito tempo. Nós somos poeira das estrelas.”

[← 10]

Narrativa estabelecida a partir do texto Enuma Elish. Este é o segundo trecho do “Enuma Elish” que percorre, mais detidamente, a história da criação dos seres humanos. O “Enuma Elish” possui 7 tábuas e não é dividido tematicamente, como convencionei fazê-lo nesta obra. Como anteriormente explicado, em virtude da extensão do mito, ele não será reproduzido na íntegra e vários trechos serão retirados.

[← 11]

Marduk ou Marduque é filho de Enki e Ninhursag, e é pai de Dumuzi, o bíblico deus Tamuz. Marduk foi declarado o deus supremo da Babilônia cerca de 2.000 a.C.

[← 12]

Deus da sabedoria e da criação, da magia e dos encantamentos, da água doce e das águas profundas, é filho de Anu. Enki é o filho primogênito, mas não é o próximo na linha sucessória, uma vez que é filho de Anu com uma concubina, Namu. Seu meio-irmão Enlil é filho legítimo de Anu com a Rainha. Enki foi também conhecido por Ea. Está comumente associado à imagem da cobra e da serpente. É criador e protetor da humanidade. Reside no Abzu, no submundo, ou nas profundezas aquáticas. En significa senhor e Ki, Terra. Enki significa Senhor da Terra.

[← 13]

Anunnaki é o termo popularizado pelo pesquisador Zecharia Sitchin. Segundo ele o termo significa “Aqueles que do céu à Terra desceram”. Também são chamados como Anunnaku, Anakim, deuses Anunna ou simplesmente Anunna. Outros pesquisadores definem anunnaki como um grupo de deuses superiores e descendentes do deus Anu. Em suas traduções a ETCSL menciona apenas deuses Anunna, mas todos os termos referem-se ao mesmo grupo de deuses maiores ou superiores.

[← 14]

Igigi ou Igigu é a categoria de deuses menores, os deuses trabalhadores, em justaposição aos deuses anunnaki, que são os deuses maiores.

[← 15]

Deus sumério que em alguns textos é apresentado como o deus que sacrificou seu sangue para a criação dos seres humanos.

[← 16]

Deus do ar, dos ventos, dos raios e do trovão. Era conhecido como senhor do comando ou comandante. Filho de Anu e Ki, Enlil não é o primogênito de Anu, já que este é Enki. Mas Enlil é o legítimo sucessor de Anu, se considerarmos que Enki é filho de Anu com uma concubina e que Enlil é o verdadeiro filho da Rainha. En significa Senhor e Lil é vento ou ar. Enlil significa Senhor do Ar.

[← 17]

Narrativa estabelecida a partir de textos reunidos do museu britânico, da Enciclopédia de História Antiga, e principalmente, em quase toda totalidade, da obra “Myths from Mesopotamia: creation, the flood, Gilgamesh and other”, traduzida por Stephanie Dalley.

[← 18]

Termo sumério para designar “casa da montanha”. É o jardim dos deuses, comparável ao Monte Olimpo da mitologia grega.

[← 19]

Nuska ou Nusku é filho de Nana e Ningal e irmão da deusa Inanna. É o fiel conselheiro e vizir de Enlil. Há diversos textos que demonstram a cumplicidade e proximidade de Nuska e Enlil.

[← 20]

O termo deuses menores aqui é na verdade a categoria dos Igigi ou Igigu. É uma alusão aos anunnaki ou os deuses Anunna. Se os deuses Anunna são os deuses maiores, os Igigi são os deuses menores. Sabe-se, até o momento, que está é a distinção. Alguns deuses, como Anu, Enki e Enlil, são claramente deuses maiores; outros, como o próprio Nuska, não há clareza se é um anunnaki ou um Igigi. Em documentos de especialistas e estudiosos de mitologia acádia e suméria, alguns autores afirmam que alguns deuses parecem pertencer a ambos os grupos.

[← 21]

Nas diversas traduções disponíveis não está claro se a destruição anunciada refere-se ao grupo organizador do motim, ou ao trecho seguinte, o sacrifício de um deus.

[← 22]

Também conhecida como Ninmah, Ninti, Ki, Mama, Mami, Belet-ili. Todos os nomes são reverência à deusa como divindade suprema, sendo conhecida como “Senhora do nascimento”, “Senhora da vida”, “Senhora da vulva”, “Deusa Mãe” e “Grande rainha”. Por vezes, assim como Enki está associada com o símbolo da cobra ou serpente.

[← 23]

Na narrativa da “Epopéia de Atrahasis” não há menção ao nome do deus abatido, mas se observarmos outros textos, concluiremos que o mesmo trata-se do deus Kingu.

[← 24]

Também conhecida como Ishtar, Eostre, Astarte ou Ester. Era deusa da fertilidade e colheita e costumava ser representada próxima a uma lebre ou coelho. Há paralelos de Inanna com a deusa grega Afrodite. Está associada ao planeta Vênus. Há uma passagem mitológica curiosa em que Inanna desce ao submundo para resgatar seu amado Dumuzi.

[← 25]

Os originais afirmam que “estava tão barulhento quanto um touro berrando”.

[← 26]

Atrahasis é também conhecido como Ziudsura, Ziusudra ou Utnapishtim. É citado em diversos importantes e destacados mitos mesopotâmicos e apontado por diversos especialistas como sendo o Noé descrito na Bíblia. Atrahasis, o sábio, dá nome a epopeia que estamos lendo.

[← 27]

Deus da morte, ministro e mensageiro de Anu, Ereshkigal e Nergal.

[← 28]

Narrativa estabelecida a partir do texto 1.1.2 da ETCSL.

[← 29]

Infelizmente no texto original há lacunas neste ponto. E devido a importância da passagem, as lacunas foram mantidas.

[← 30]

Ninhursag é outro nome para a mesma deusa Ninmah que dá título ao texto que estamos lendo. Para melhor identificar o texto, mantivemos o nome original “Enki e Ninmah”; para melhor identificar a deusa, alteramos seu nome para Ninhursag na narrativa. Trata-se da mesma deidade do texto anterior, na Epopeia de Atrahasis.

[← 31]

Carregar os cestos talvez seja uma expressão que signifique trabalho.

[← 32]

O termo utilizado na tradução em inglês é demon ou demônio em português. Infelizmente não tenho conhecimento em escrita suméria para conceber a origem da palavra, cuja tradução foi demônio. Mas é preciso destacar que a palavra demônio é originária da palavra grega daimon que significa espírito. Este termo remete à Bíblia, cujo sopro de deus é uma alusão ao espírito. Neste sentido poderia ser interpretado que Enki utilizou uma espécie de água mágica para retirar o espírito que animava aquele corpo imperfeito.

[← 33]

Namtar era vizir, filho de Enlil e Ereshkigal. Era muito próximo de Ereshkigal, que era filha de Anu e Nami. Namtar era deusa do inferno e governante dos demônios e deuses obscuros. Era ainda a juíza da alma dos mortos, a rainha do submundo. Irmã de Inanna.

[← 34]

O texto original contém reticências, infelizmente.

[← 35]

O texto original contém 9 linhas ininteligíveis antes do trecho apresentado.

[← 36]

Ekur é a “casa da montanha”, a morada dos deuses, o local onde, na “Epopéia de Atrahasis”, os deuses menores, os Igigi, cercaram a casa de Enlil.

[← 37]

As reticências foram mantidas, para manter o máximo possível de caracteres idênticos ao original.

[← 38]

Este trecho deve ser lido da direita para a esquerda, conforme a escrita hebraica.

[← 39]

Signo gráfico onde as traduções bíblicas expõem o termo singular Deus

[← 40]

O texto foi revertido para a escrita comum em português, da esquerda para direita.

[← 41]

Há um texto com narrativa muito maior acerca do episódio do Dilúvio. Este texto mesopotâmico será apresentado a seguir.

[← 42]

Narrativa estabelecida a partir de textos reunidos do museu britânico, da ETCSL, de trecho da Epopeia de Gilgamesh e da tradução presente na obra “A história começa na suméria”.

[← 43]

O povo sumério seguidamente chamava-se a si próprio de o povo da cabeça preta ou da cabeça negra, da expressão em inglês black headed people. Neste trecho é preciso atentar para o fato de que os sumérios são taxativos ao afirmar que seus criadores são Anu, Enki e Ninhursag, ou seja, que os anunnaki são seus criadores. É um texto mitológico que atesta que os sumérios, a primeira civilização da história humana, foram criados pelos anunnaki.

[← 44]

Deus supremo das mitologias, suméria, acádia e assíria.

[← 45]

Deus supremo da mitologia grega.

[← 46]

Deus supremo da mitologia egípcia.

[← 47]

Deus supremo da mitologia nórdica.

[← 48]

Bíblia, naquela obra, é a maneira como os autores referem-se ao conjunto de textos do Antigo Testamento.

[← 49]

Narrativa estabelecida a partir do texto 5.3.2 da ETCSL.

[← 50]

O termo em inglês é spawn, que aqui está traduzido como gerar. Não estou plenamente certo de que o termo signifique gerar. Talvez seja referência a trazer de outro lugar até a colina ou algo semelhante à geração, como descendência. Não devemos esquecer que para muitos especialistas o termo anunnaki significa a descendência de Anu e, neste caso, este texto talvez faça alusão ao momento em que Anu, o mais supremo dos deuses tenha criado todos os demais.

[← 51]

Esteja atento para este trecho. Anteriormente lê-se que não havia grãos nem animais e que as pessoas estavam nuas; no parágrafo anterior é revelado que os deuses criaram ovelhas e grãos no Monte Sagrado; neste parágrafo revela-se que os deuses concordaram em enviar as ovelhas e grãos diretamente do Monte Sagrado, de “cima para baixo” do inglês sent down.

[← 52]

Um membro pessoal do culto de Inanna. É preciso lembrar aqui que Inanna é uma deusa ligada à fertilidade, à primavera aos ciclos de plantio e colheita.

[← 53]

Éden consta nas traduções como planície ou planície alta, do inglês plain ou high plain. Ao consultar as transliterações encontramos o termo edin ou simplesmente an-edin que poderia facilmente ser compreendido como o edin de An, uma vez que An é o mesmo deus Anu, chefe dos anunnaki e da sua descendência.

[← 54]

Este trecho confirma que, de fato, tanto grãos quanto ovelhas desceram do Monte Sagrado em direção a uma planície alta, ou ao Éden, na Terra.

[← 55]

Deusa da cerveja.

[← 56]

É preciso lembrar que o ocidente, em sua maioria, atribui a salvação a uma entidade externa, seja na figura de Jesus, Deus ou outras profetas; os orientais, por outro lado, majoritariamente, atribuem a salvação a si próprios através da iluminação

[← 57]

O termo deles foi utilizado na frase, pois na própria Bíblia é utilizada a linguagem “tornou-se um de nós”, pois este termo é conhecido, é o termo Elohim, termo plural, que quer dizer deuses. Então, na Bíblia, consta “tornou-se como um de nós”. Embora, na narrativa hebraica, isto faça referência a Yahweh, ou Deus como criador, conforme a concepção teológica do termo Elohim.

[← 58]

Gnosis ou gnose é uma palavra grega que significa conhecimento.

[← 59]

Gnosticismo e gnose não são sinônimos e não é possível afirmar um ismo à gnose. O termo gnosticismo foi utilizado para designar uma certa corrente de pensamento, mas não é uma doutrina em si mesma, mas uma filosofia.

[← 60]

Há uma exceção para este fato no texto 2.1.7 disponível na ETCSL, onde o termo edin é mantido desta forma, sem explicitar uma tradução.

[← 61]

Narrativa estabelecida a partir da ETCSL, texto 2.8.2.4, uma oração para Asarluhi, de Hamurabi. A introdução e epílogo do código de Hamurabi foram compilados da obra “O código de Hamurabi”, da coleção “Textos clássicos do pensamento humano”, editora Vozes de 1976.

[← 62]

No texto 2.8.2.4 da ETCSL, embora apareça o nome Asarluhi, diversos estudiosos descrevem que este deus é na verdade Marduk, um dos filhos de Enki. Esta informação também foi confirmada na lista de deuses da Ancient Mesopotamian Gods and Goddesses. Entretanto, para manter credibilidade e fidedignidade à versão consultada, mantive o nome Asarluhi na narrativa.

[← 63]

Hamurábi, Hammurabi, Hammu-rabi ou Khamurabi é conhecido mundialmente e, principalmente, por juristas do mundo todo. O Código de Hamurabi é estudado em diversos cursos acadêmicos como um dos primeiros códigos civil e penal. A respeito do Código será analisado mais à frente nesta obra. Cabe ressaltar que o Código de Hamurábi, cuja introdução e epílogo trazem o termo *anunnaki*, foi encontrado em 1901 e encontra-se atualmente no Museu do Louvre em Paris. Embora seja mundialmente conhecido, o Código de Hamurabi não é o mais antigo código de leis da Mesopotâmia.

[← 64]

Na tradução do cuneiforme para inglês consta o termo lordship que significa senhorio, ou poder de um juiz de exercer e fazer cumprir lei.

[← 65]

Infelizmente, no texto em que esta narrativa está baseada, 2.8.2.4, este trecho possui reticências e não pode ser completado. Imagino que as características de Hamurabi seriam exaltadas e o poder a ele concedido também. Neste mesmo texto há linhas iniciais em que não é possível ler o conteúdo no seu original cuneiforme e, conseqüentemente, não foi feita tradução para língua inglesa.

[← 66]

Não é possível compreender para quem Marduk, ou Asarluhi, pronunciava tais palavras. Isto porque, mais uma vez, o texto possui reticências. Mas provavelmente tais palavras tenham sido dirigidas ao deus Anu, o Pai celestial, chefe dos deuses, o maior dentre os anunnaki. Sabe-se, por outros textos, que nada era feito sem o seu consentimento e anuência.

[← 67]

Há diversas explicações para o termo black headed people, traduzido para o português como povo da cabeça negra (ou preta). O que os especialistas apontam é que os sumérios se chamavam a si próprios de sang-ngiga, que é traduzido literalmente como “povo da cabeça negra”. Então este termo poderia ser traduzido como população suméria ou povo sumério. Para todos os efeitos o texto demonstra que os anunnaki decidiram e concederam a Hamurabi o poder de governar sobre os demais habitantes, nos quatro cantos do mundo.

[← 68]

Termo que o povo sumério utilizava para fazer referência a si mesmo.

[← 69]

Reticências ao final da frase foram respeitadas, conforme a tradução original, pela falta de possibilidade de leitura do original cuneiforme, infelizmente.

[← 70]

Destaque para o fato de que temer a deus é uma virtude da qual Hamurabi tem orgulho, tal qual a humanidade em determinadas crenças e períodos históricos.

[← 71]

Cidade suméria, no atual Iraque.

[← 72]

Ekur é a “casa da montanha”, a morada dos deuses, o local onde, na “Epopéia de Atrahasis”, os deuses menores, Igigi, cercaram a casa de Enlil.

[← 73]

Cidade suméria, no atual Iraque.

[← 74]

Local onde reside o deus Enki, nas profundezas.

[← 75]

Sin é o deus sumério da lua, também chamado de Nannar. Filho de Enlil. O principal culto a Sin era realizado na cidade suméria de Ur.

[← 76]

O texto original segue contando os extensos feitos de Hamurabi.

[← 77]

“Grandes deuses” parece ser uma alusão aos anunnaki.

[← 78]

Fundador da dinastia Babel.

[← 79]

Pai de Hamurabi.

[← 80]

O texto original a nomeia como Ishtar. Para melhor identificá-la, optamos por chamá-la de Inanna.

[← 81]

O leitor que buscar o Código de Hamurabi para leitura certamente deverá se impressionar ao encontrar o termo *anunnaki* em tal texto. Ele está, de fato, presente no texto.

[← 82]

Este é o mesmo deus Ea ou Enki.

[← **83**]

Nuska ou Nusku é o vizir de Enlil. É ele quem observa o motim na Épopéia de Atrahasis.

[← 84]

É a mesma deusa Inanna, Ishtar Astarte, Eostre, Ester que já observamos anteriormente.

[← 85]

Narrativa estabelecida através da leitura das obras de Zecharia Sitchin, da Série Crônicas da Terra, do Livro Perdido de Enki, de vídeos e textos disponíveis na internet e da ópera-rock Anunnaki do grupo musical Mensageiros do Vento, baseado na obra de Sitchin e disponível no YouTube.

[← 86]

Eridu é uma das cidades-estado da civilização suméria no atual Iraque. Para Sitchin a cidade foi fundada por Enki e significa “lar longe de casa”.

[← 87]

Abzu ou Apsu é uma região das profundezas que mais tarde se transforma no lar de Enki.

[← 88]

Observe o leitor que estes números confirmam o estabelecido por George Smith como fizemos alusão no capítulo anterior.

[← 89]

Esta colisão é a colisão de Nibiru e Tiamat. Sitchin fez esta conclusão a partir da leitura do Enuma Elish.

[← 90]

É preciso lembrar aqui que nas narrações bíblicas muitas mulheres não podiam ter filhos, como é o exemplo de Sarai, que mais tarde muda seu nome para Sara quando Deus lhe concede o poder de procriar. Além disto, quando os humanos descobrem que podem procriar no próprio jardim do Éden são expulsos do Jardim pela entidade bíblica Yahweh.

[← 91]

Este texto não foi incluído nesta obra.

[← 92]

Pela expressão arquétipo feminino referimo-nos aos princípios do feminino, mas não exatamente aos gêneros masculino e feminino. Homens também possui aspectos femininos, assim como mulheres possuem aspectos masculinos.

[← 93]

O latim *omni* significa tudo. Do latim *omni* surgiram os termos onipotente, onisciente e onipresente, características do deus único autoproclamado, e que tentam atribuir a Yahweh, as características do *todo*, que previamente não seriam suas, já que pertencem ao *Todo* e não a Yahweh. Além disto, é preciso destacar a raiz comum de *om* ou *aum*, o princípio, e *som* do Universo na cultura hindu, e que é um mantra mundialmente conhecido.

[← 94]

Fazemos referência ao significado do termo diabólico e não a uma personagem que encarna o mal, como um diabo.

[← 95]

É sabido que as tradições, conforme a teologia e mitologia, atribuem diferentes significados ao termo, para transmutar sua forma plural em singular.

[← 96]

A etimologia da palavra matéria encontra origem no latim máter-tris que significa mãe. A proposta aqui é de compreender que tudo o que chamamos de matéria se originou de uma Fonte, cuja origem ou mãe, reside na Fonte. A mesma ideia pode ser encontrada no termo matriz, de onde se originou também matrix, cuja etimologia está no latim mater ix, que também remete a ideia de uma mãe, em cuja Fonte tudo se origina.

[← 97]

Este trecho faz referência a minha obra “Maya: o código da vida”.